

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“É A MESMA COISA SÓ QUE É DIFERENTE”

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE HONRA PARA ADOLESCENTES INSERIDOS
EM CONTEXTO DE APRENDIZAGEM PROFISSIONAL.**

RENATA DANIELLE MOREIRA SILVA

Vitória, ES, 2009

RENATA DANIELLE MOREIRA SILVA

“É A MESMA COISA SÓ QUE É DIFERENTE”

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE HONRA PARA ADOLESCENTES INSERIDOS EM
CONTEXTO DE APRENDIZAGEM PROFISSIONAL.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Zeidi Araujo Trindade.

VITÓRIA

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S586m Silva, Renata Danielle Moreira, 1983-
É a mesma coisa só que é diferente : representações
sociais de honra para adolescentes inseridos em contexto de
aprendizagem profissional / Renata Danielle Moreira Silva. –
2009.
153 f. : il.

Orientador: Zeidi Araujo Trindade.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e
Naturais.

1. Honra. 2. Representações sociais. 3. Juventude. 4.
Trabalho. I. Trindade, Zeidi Araújo, 1946-. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e
Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

Dedico esse trabalho e as todas as demais conquistas da minha vida aos meus pais, Jair e Erani, pelo amor, dedicação e apoio aos meus projetos de vida.

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação não é uma tarefa fácil. Essa afirmação é um tanto clichê, mas não deixa de ser verdade. Foram dois anos de muito esforço, de muita dedicação e de certo recolhimento. Mas também foi um período de muitas alegrias, de muito aprendizado, de momentos divertidos e de convivência com pessoas muito queridas. Ao fazer uma avaliação desse tempo vejo que o saldo dessa experiência é positivo. Venho agradecer às pessoas me deram apoio, força e possibilitaram a realização desse trabalho. A todos vocês que estiveram junto comigo meu reconhecimento e amor.

Agradeço primeiramente a Deus, que me fortalece, capacita e me faz prosseguir todos os dias da minha vida.

Aos meus pais, Jair e Erani pelo amor e cuidados dedicados a mim por todos esses anos. Agradeço todo o investimento que fizeram em minha educação que possibilitaram que eu chegasse até aqui. À minha irmã Érika e ao cunhado Léo, pelo apoio e carinho.

À minha orientadora, Zeidi Araujo Trindade. Agradeço a imensa paciência, compreensão e apoio. Tenho aprendido muito com você desde os tempos de graduação. Sem dúvidas, ser sua orientanda é uma “honra”.

Às professoras Cristina Menandro e Célia Nascimento, por estarem presentes em minha formação acadêmica durante o tempo que participo da RedePso. Agradeço também as sugestões e indicações de textos que contribuíram para o desenvolvimento da minha dissertação.

À professora Heloísa Moulin de Alencar por ter gentilmente disponibilizado referências sobre honra e moralidade, essenciais para a construção da dissertação.

À equipe técnica e educadores do Programa Adolescente Aprendiz pela colaboração com a coleta de dados e por esclarecer dúvidas sobre o funcionamento do programa. Aos entrevistados e aos demais adolescentes por se disporem a expor suas concepções e idéias sobre o tema da pesquisa e por dividirem comigo parte de suas histórias de vida.

Às amigas Camila e Monica por estarem sempre presentes nos momentos bons e nos momentos ruins. À Beatriz, amiga e parceira de pesquisa desde a graduação. Você é uma daquelas amigas que a gente considera como irmã. As tardes de lanche, bate-papos, desabafos e divagações teóricas tornaram esses 24 meses muito mais leves e divertidos.

Ao pessoal da Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social (RedePso): graduandos, pós-graduandos, colaboradores e coordenadores. Não vou citá-los porque seria injusto esquecer algum nome. Participar das pesquisas, atividades, grupos de estudos e festinhas junto com vocês é algo muito importante para mim.

Aos amigos e colegas de pós-graduação (inclusive aos egressos): Mariane, Paola, Mirian, Mariana, Renata, Thaís, Milena, Rafaela, Sibelle, Sabrine, Nixon, Luís, Felipe, Paula, Daniel, Alexsandro, Pedro.

À Lúcia, secretária do Programa de Pós-Graduação, pela disponibilidade, gentileza, atenção e bom-humor.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa que me possibilitou dedicar com exclusividade nesses dois anos às atividades de pesquisa e a dissertação.

SUMÁRIO

Agradecimentos	vi
Resumo	xiii
Abstract	xiv
Introdução	15
Apresentação do tema	15
Significados e valores atribuídos à adolescência e à juventude pela sociedade	18
Juventude e trabalho	21
<i>Regulamentação do trabalho juvenil</i>	21
<i>Perspectivas sobre o trabalho infanto-juvenil</i>	23
Moralidade e relações de gênero	27
Juventude e valores sócio morais	29
Juventude e honra	33
<i>Conceito de honra</i>	33
<i>Honra e gênero</i>	37
Teoria das Representações Sociais (TRS)	43
<i>Representações Sociais e valores</i>	45
<i>Adolescência e Representações Sociais</i>	48
Justificativa da pesquisa	49
Objetivos	51
Objetivo Geral	51
Objetivos Específicos	51
Método	51
Realização do Pré-Teste	51
Delineamento metodológico	52

Participantes	52
Procedimentos de coleta de dados	53
<i>Contato com a instituição e autorização para coleta</i>	53
<i>Seleção dos participantes</i>	53
Realização das entrevistas	54
Instrumento	55
Procedimentos éticos	55
Procedimentos de análise	56
<i>Tratamento e organização dos dados</i>	56
<i>Análise dos dados</i>	57
Resultados e Discussão	57
Organização dos resultados	57
Dados sociodemográficos dos adolescentes	58
Motivações para entrada no Programa Adolescente Aprendiz	61
Representações Sociais de mulheres e homens honrados	66
<i>Aspectos Egocentrados</i>	67
<i>Aspectos Sócio-centrados</i>	67
Existência de homens e mulheres honradas	74
<i>Existência de mulheres honradas</i>	76
<i>Existência de homens honrados</i>	78
Importância da honra	82
Situações de perda de honra para homens e mulheres	90
Situações de ofensa à honra	96
<i>Ofensa pública da honra</i>	99
<i>Traição</i>	103

<i>Honra masculina como algo consistente</i>	104
Pessoas honradas	104
Auto percepção de honra	110
Percepção de mudanças após entrada no Programa adolescente Aprendiz	114
Representações Sociais de honra masculina e feminina	119
O trabalho como categoria chave para se compreender as RS de honra	120
<i>Honra e trabalho feminino</i>	121
<i>Honra e trabalho masculino</i>	124
Honra e sexualidade	125
<i>Dupla moral sexual</i>	125
Religião e moral sexual	128
Ofensa pública e moral sexual	129
RS de honra feminina e ética do cuidado	130
Considerações Finais	132
Referências Bibliográficas	137
Anexo I	150
Anexo II	152
Anexo III	153

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Divisão sexual da honra proposta por Pitt-Rivers.....	39
Tabela 02: Dados sociodemográficos dos adolescentes do sexo masculino.....	58
Tabela 03: Dados sociodemográficos das adolescentes do sexo feminino.....	59
Tabela 04: Motivações para entrada no Programa Adolescente Aprendiz para as entrevistadas do sexo feminino.....	61
Tabela 05: Motivações de entrada no Programa Adolescente Aprendiz para os entrevistados do sexo masculino.....	62
Tabela 06: RS de Mulher honrada para as entrevistadas.....	68
Tabela 07: RS de mulher honrada para os entrevistados do sexo masculino.....	69
Tabela 08: RS de homem honrado para as entrevistadas.....	70
Tabela 09: RS de homem honrado para os entrevistados do sexo masculino.....	72
Tabela 10: Justificativas para a existência de mulheres honradas para os entrevistados.....	76
Tabela 11: Justificativas para não existência de mulheres honradas dos entrevistados.....	78
Tabela 12: Justificativas para a existência de homens honrados dos entrevistados.....	79
Tabela 13: Justificativas para não existência de homens honrados dos entrevistados.....	80
Tabela 14: Importância da honra para mulheres para entrevistadas do sexo feminino.....	83
Tabela 15: Importância da honra para as mulheres para entrevistados do sexo masculino.....	83
Tabela 16: Importância da honra para os homens segundo as entrevistadas do sexo feminino.....	84
Tabela 17: Importância da honra para os homens segundo os entrevistados do sexo masculino.....	85
Tabela 18: Situações de perda de honra para mulheres apontadas pelas entrevistadas do sexo feminino.....	90

Tabela 19: Situações de perda de honra para mulheres para entrevistados do sexo masculino.....	91
Tabela 20: Situações de perda de honra para homens para entrevistadas do sexo feminino....	92
Tabela 21: Situações de perda de honra para homens para entrevistados do sexo masculino..	94
Tabela 22: Situações de ofensa à honra feminina para as entrevistadas do sexo feminino.....	96
Tabela 23: Situações de ofensa à honra feminina para os adolescentes do sexo masculino.....	97
Tabela 24: Situações de ofensa à honra masculina para as adolescentes do sexo feminino.....	98
Tabela 25: Situações de ofensa à honra masculina relatada pelos participantes do sexo masculino.....	99
Tabela 26: Pessoas que os adolescentes consideram honradas.....	104
Tabela 27: Explicações dadas pelos participantes para as mulheres terem se tornado honradas.....	106
Tabela 28: Explicações dadas pelos entrevistados para os homens terem se tornado honradas	108
Tabela 29: Aspectos levantados pelos entrevistados na auto avaliação de honra.....	112
Tabela 30: Percepção de mudanças após entrada no Programa Adolescente Aprendiz para as entrevistadas.....	115
Tabela 31: Percepção de mudanças após entrada no Programa Adolescente Aprendiz para os entrevistados.....	116

RESUMO

Entende-se por honra o nexo entre os valores da sociedade e a vontade do indivíduo de se apropriar deles, ser reconhecido pelo grupo social e alcançar posição socialmente diferenciada. Os padrões de conduta que levam alguém a ser reconhecido como honrado variam segundo cultura, classe social/econômica, idade e gênero. Objetivou-se compreender as Representações Sociais (RS) de honra para adolescentes de classes populares inseridos em aprendizagem profissional. Entrevistou-se 22 jovens, 11 meninas e 11 meninos, com idades entre 15 e 17 anos, participantes do Programa “Adolescente Aprendiz”. O roteiro de entrevista estruturado dividiu-se em duas partes: 1) dados sociodemográficos e perguntas sobre motivações e percepção de mudança após entrada no programa; 2) questões sobre as RS de mulheres e homens honradas(os), conhecimento de pessoas honradas, situações de perda e ofensa à honra. O conteúdo das entrevistas foi submetido à análise de conteúdo e organizado por gênero em cinco blocos temáticos: 1) dados sociodemográficos; 2) motivações para entrada no Programa; 3) RS de honra masculina e feminina; 4) RS de pessoas honradas; 5) percepções de mudanças após entrada no Programa. Os resultados indicam que, como motivo predominante e unânime para inserção no Programa as meninas apontam o crescimento profissional e os meninos apresentam um conjunto de motivações que incluem crescimento profissional, possibilidade de auxiliar na renda familiar, independência e incentivo dos pais. A comparação das RS de honra entre gêneros mostra, em comum, atributos individuais como honestidade, trabalho e perseverança, e diferenças referentes a 1) dupla moral sexual, rigorosa para mulheres e permissiva para homens e 2) aspectos sócio-centrados referentes à família: a naturalização da ética do cuidado para mulheres e do papel de provedor primário e protetor familiar para homens. As(os) participantes consideraram honradas apenas as pessoas próximas do convívio social, sendo os mais citados, por ordem decrescente, os seguintes: família nuclear [pai, mãe e irmãos]; família extensa [avós e tias(os)]; namorada e amigos. Sobre mudanças após a entrada no programa, 21 jovens mencionaram modificações positivas como crescimento profissional, aquisição de habilidades sociais, independência, reconhecimento de pais e colegas e melhoria do relacionamento familiar. Somente uma mencionou aspectos negativos, como cansaço e a falta de tempo. Concluiu-se que o elemento de destaque nas RS de honra é o trabalho e que os valores éticos relevantes para os adolescentes estão presentes na prática cotidiana do grupo social onde estão inseridos. Verificou-se também que a honra é representada como um valor construído através da superação das dificuldades vividas. As RS de honra são constituídas ainda por outros elementos, alguns mais associados à organização social moderna, como a aprovação das mulheres no mercado de trabalho e das conquistas sociais que alcançaram nas últimas décadas, mas também apresentam elementos tradicionais como RS de mulheres e homens honrados pautadas na dupla moral sexual e na divisão sexual do trabalho. Fazem-se necessárias intervenções junto a esse público, inclusive no espaço de aprendizagem, com vistas à modificação desses conceitos para que esses jovens possam vivenciar relações de gênero mais igualitárias.

Palavras chaves: honra, representações sociais, juventude, gênero, trabalho.

ABSTRACT

Honor is understood as the link between the values of society and the willingness of individuals to take ownership of them, be recognized by social group and to achieve socially differentiated position. The standards of conduct that lead someone to be recognized as honorable vary by culture, social class, economic, age and gender. The research aimed to understand the Social Representations (RS) of honor for adolescents from low income included in apprenticeship training. Twenty-two young people were interviewed, 11 girls and 11 boys aged between 15 and 17 years, participants of the program "Adolescent Apprentice." The script for structured interview was divided into two parts: 1) socio-demographic data and open questions about motivations and perceptions of change after entering the program, 2) open questions about the social representations of men and women honorable, knowledge and existence of people honorable, importance of honor, situations of loss and harm to the honor. The interviews had duration of 40 minutes on average, were recorded and transcribed. The content of the interviews were separated by gender, subject to content analysis and organized into tables grouped in five thematic groups: 1) socio-demographic data; 2) motivations for entering the program; 3) RS of honor male and female; 4) RS of people honored; 5) perceptions of change after entering the program of apprenticeship. The results indicate that the motivations for entering the professional learning are similar between genders, but the girls have like a predominant and unanimous reason the professional growth and the boys have a set of motivations: professional growth, to assist in family income, independence and encouragement of parents. A comparison of RS of honor between genders shows that there are attributes in common such as honesty, work and perseverance, and differences like a 1) moral sexual double, for women very hard and for men permissive; 2) the socio-centric aspects in the family: the naturalization of ethics of care for women and the role of primary provider and protector family for men. The interviewees consider like honorable only people close to them, and the most cited, in descending order, were: family [father, mother and brothers]; extensive family [grandparents and aunts], girlfriend and friends [more old and the same age]. About the changes after entering the program, 21 young people reported positive changes as professional growth, acquisition of social skills, independence, approve from parents and colleagues and improvement of family relations. Only one mentioned the negative aspects as tiredness and lack of time. It was concluded that the main element in RS of honor is the work and the ethical values that are relevant to adolescents are present in the daily practice of social group where they are inserted. It was also noted that the honor is represented as a values built through overcoming the difficulties experienced. The RS of honor are also formed by other elements, some more associated with the modern social organization, as the approval of women in the labor market and social achievements that have achieved in recent decades, but also have traditional elements such as RS of women and men honorable based on sexual morality and the sexual division of labor. Interventions are necessary with this public, including in the program of professional learning, aimed at modification of these concepts so that these young people have experiences of gender relations more egalitarian.

Keywords: honor, social representation, youth, gender, work

INTRODUÇÃO

Apresentação do Tema

Nosso interesse pelos estudos sobre adolescência e valores se iniciou em 2005 com a categorização e análise dos dados de parte da pesquisa “Representações Sociais de masculinidade e risco e suas articulações com a produção de violência”, realizada com adolescentes do sexo masculino de diferentes contextos sociais e econômicos¹. Da primeira parte constavam perguntas abertas e de associação livre sobre práticas e significados de ser homem para os entrevistados e os resultados da análise dessa etapa apontaram para a importância dos elementos morais na construção das representações sociais de masculinidade desses participantes.

O grupo cujos resultados chamaram mais atenção foi o dos adolescentes autores de infração. Entre as evocações sobre o que caracterizava o “ser homem” estavam os elementos ser honesto, ser trabalhador, cumprir com a palavra dada e ser forte (força física e moral). Foi intrigante notar que parte desses elementos como a honestidade e o trabalho eram de certa forma contraditórios àquela situação em que os jovens se encontraram. Esse fato chamou bastante nossa atenção e compreender como os valores morais/sociais eram construídos em determinados contextos sociais foi a motivação inicial desse trabalho.

Apesar do interesse pela temática honra/valores morais ter se iniciado em um grupo específico de jovens, aqueles cumpridores de medida sócio-educativa de restrição de liberdade, optamos por voltar esse estudo para outra categoria de jovens, com inserção sócio-econômica semelhante, mas que não se apresentavam necessariamente como em situação de vulnerabilidade social, característica compartilhada entre os jovens de classes populares participantes da maior parte das pesquisas realizadas. Tendo em vista a necessidade de se investigar jovens de classes populares em situações diversas daquelas correntemente

¹ Foram entrevistados 297 adolescentes das seguintes inserções: classe média, situação de rua, cumpridores de medida sócio-educativa de internação, trabalhadores e rurais. Pesquisa coordenada pela Prof^a Dr^a Zeidi Araujo Trindade e financiada pelo CNPQ e pela FAPES.

apontadas pela literatura optamos em ter como participantes na presente pesquisa adolescentes com inserção laboral. Primeiro porque não foram encontradas muitas pesquisas sobre efeitos positivos do trabalho para esse conjunto de participantes. E segundo porque autores como Sarti (2007) e Fonseca (2004A) apontam que o trabalho é um dos valores sociais mais importantes em classes populares. Ser trabalhador, sustentar a família são aspectos relevantes na construção do reconhecimento social positivo em classes populares.

A princípio a intenção era ter como participantes da pesquisa apenas adolescentes do sexo masculino. Foi feito um estudo exploratório² para averiguar se faria sentido perguntar diretamente sobre honra para indivíduos que não poderiam ter essa palavra como parte usual do vocabulário cotidiano e se constatou que a palavra poderia ser utilizada. Durante as conversas com os responsáveis pelas instituições com vistas ao consentimento para a realização das pesquisas nos locais, um dos questionamentos que nos chamou a atenção foi o seguinte: por que a pesquisa será feita somente com meninos? Por que não ouvir o que as meninas têm a falar sobre essa temática? Essas indagações, associadas aos resultados do estudo que mostraram a ligação estreita entre Representações Sociais de honra e relações de gênero fizeram com que mudássemos de idéia e déssemos voz também às meninas para sabermos o que elas poderiam falar sobre o tema.

É a partir do contexto discutido acima, que apresentamos a pesquisa “Representações Sociais de honra para adolescentes inseridos em contexto de aprendizagem profissional” que objetiva investigar, utilizando o referencial teórico das Representações Sociais (RS), como esses adolescentes significam o valor sócio-moral honra e o que eles compreendem como necessário para um indivíduo ser reconhecido socialmente de forma positiva.

² Foram entrevistados 15 adolescentes do sexo masculino, com idades entre 14 e 17 anos inseridos em três situações sociais diferentes: estudantes de uma escolar particular situada em um bairro de classe média alta de vitória (05), adolescentes participantes do programa Agente Jovem (05) e adolescentes inseridos em um programa de aprendizagem profissional.

Na introdução faremos uma revisão teórica articulando os principais temas da pesquisa. Começaremos a exposição teórica com os significados que a juventude tem adquirido e como adolescentes/jovens passaram a ser reconhecidos como uma categoria social diferenciada. Passaremos para uma revisão da perspectiva da temática juventude e trabalho apresentando aspectos positivos e negativos associados ao desenvolvimento juvenil. Faremos também uma exposição sobre os principais aspectos legais envolvidos no trabalho juvenil, com vistas em demarcar que não é possível pensar da mesma forma no trabalho infantil e no trabalho juvenil.

Daremos continuidade discutindo as relações entre moralidade e relações de gênero. Como não foram encontradas muitas pesquisas que trouxessem a relação entre honra e juventude, apresentaremos também as perspectivas de estudos sobre juventude e valores sócio-morais. Discutiremos o conceito de honra, destacando o conceito apresentado por Julian Pitt-Rivers, antropólogo e maior expoente do tema, focalizando as relações entre honra e gênero. Por último faremos uma explanação sobre a perspectiva teórica que direcionou esse trabalho, a Teoria das Representações Sociais e a forma que ela tem abordado a temática da moralidade e da honra.

Passaremos à metodologia onde se apresentará o percurso de obtenção dos dados da pesquisa, apresentaremos os resultados seguidos de discussão. Serão feitas considerações a respeito dos principais resultados e finalizaremos com as considerações finais aonde realizaremos a avaliação da pesquisa além de indicarmos questões que podem ser investigadas em estudos posteriores.

Entendemos a importância de utilizar uma linguagem sexista que não discrimine homens e mulheres, especialmente em uma dissertação que se propõe a discutir a temática honra sob a perspectiva de gênero e evidenciar a inequidade que está presente nas relações ente homens e mulheres em nossa sociedade. Para evitar a sobrecarga do texto acarretada

pelo uso de “o” e “a” para demarcar que se fala de homens e mulheres, optamos por utilizar o masculino genérico clássico, tendo em vista que não há um acordo entre linguistas sobre a maneira correta de fazê-lo no idioma português.

Significados e Valores Atribuídos à Adolescência e à Juventude³ Pela Sociedade.

De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000, existem no Brasil cerca de 20,7 milhões de adolescentes com idades entre 12 e 18 anos e cerca de 34,1 milhões de jovens com idades entre 15 e 24 anos (IBGE, 2000). A juventude, no momento atual, além de ser parcela significativa da população brasileira é vista como categoria social dotada de múltiplos significados que influenciam a maneira da sociedade em geral e da academia direcionarem suas ações e intervenções para esse público específico.

Nem sempre a juventude foi considerada uma categoria social importante. No Brasil, passa a ser valorizada a partir da década de 1950. Anteriormente, os jovens imitavam os costumes e as indumentárias dos mais velhos para aparentarem mais idade do que realmente possuíam (Kehl, 2004). A justificativa para essa inversão de costumes está nas modificações ocorridas nos processos de socialização e educação. As práticas educativas tornaram-se menos autoritárias e coercitivas e o ensinamento de valores morais e regras sociais visto como tarefa das gerações mais velhas⁴ passa a ser admitido também “a partir de um aprendizado comum realizado pelos diferentes grupos etários...” (Peralva, 1997, p. 22 e 23). As relações de autoridade entre gerações começam a ser repensadas e modificadas (Salles, 2005). A melhoria da qualidade de vida aumentou significativamente a longevidade dos indivíduos e as

³ Os termos adolescência e juventude serão utilizados como sinônimos seguindo o mesmo critério apresentado por Menandro (2004)

⁴ Harris (1999) propõe que o aprendizado e a aquisição de competências sociais é realizado predominantemente a partir da convivência entre pares e não via ensinamentos de gerações mais velhas para as mais novas, como por exemplo, de pais para filhos como parte do senso comum e do meio acadêmico adotou como premissa básica sobre o desenvolvimento humano.

novas tecnologias atuais permitem que o envelhecimento seja adiado. A juventude torna-se um modelo cultural socialmente adotado. De acordo com Salles (2005)

Paralelamente, o jovem torna-se modelo para as diferentes faixas etárias. Torna-se modelo para o adulto e para a criança que, a partir de certa idade, em torno de dez anos, começa a se autodefinir como pré-adolescente. Difunde-se socialmente o culto à aparência, à beleza, à erotização e à necessidade de se conservar a juventude. O envelhecimento tende a ser postergado (p.39).

A partir da década de 1950, inicialmente nos Estados Unidos e posteriormente em outras sociedades capitalistas ocidentais, o jovem passa a ser visto como um consumidor em potencial de produtos e serviços. Fontenelle (2000, citada por Kehl, 2004) afirma que a geração adolescente do período do pós-guerra possui o perfil necessário para a emergência da cultura adolescente consumista por possuir as seguintes propriedades:

Número, riqueza e autoconsciência. Tratava-se da primeira geração de adolescentes norte-americanos privilegiados [...]. A figura do adolescente que de tal modo emergia era associada, sobretudo, à vida urbana e encontrava seu habitat na *high school* – que parecia transformada num cosmos em si mesmo – com os clubes, as atividades esportivas, e outras atividades e lugares acessórios como a *drugstore*, o automóvel, o bar para jovens. (p.92)

Esteves e Abramovay (2007) afirmam que as funções simbólicas do consumo em nossa sociedade são: identificar, distinguir e dar prestígio aos portadores de determinados objetos. A moda, como um parâmetro classificador do que é valorizado e do que deve ser

excluído demanda daqueles que desejam estar incluídos nela, além de recursos financeiros para aquisição de bens de consumo, a submissão a uma série de condições estéticas, comportamentais e de linguagem. Assim o jovem abre mão de algumas características, em função de adequar “sua maneira de vestir, de falar e de se expressar, suas preferências musicais e sua linguagem corporal às exigências do meio social em que têm vontade de se incluir” (p. 36). O sentido atribuído ao consumo é apropriado tanto pela juventude de classe média/alta, com condições econômicas de adquirir esses bens, quanto para jovens de camadas populares, que acabam sendo excluídos desse processo. Muitas vezes a violência é utilizada como resposta à violência simbólica ocasionada pela invisibilidade social (Soares, 2004).

A representação da juventude pela sociedade é constituída de elementos positivos, como os discutidos anteriormente e paradoxalmente também de elementos com conotação negativa. É como se o jovem, por sua associação com a idéia de novo, mudança e inovação tivesse a função social de ser o depositário das “angústias, os medos assim como [das] esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura”. (Abramo, 1997, p. 29). A possibilidade de mudança e transformação identificada no adolescente pelo mundo adulto faz com que ele, em muitas situações, seja visto como o diferente, o outro na relação social adolescente-adulto. Isso justifica em parte a representação social do adolescente como problema.

É preciso reconhecer que, histórica e socialmente, a juventude tem sido considerada como fase de vida marcada por certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais”, mas o modo de apreensão de tais problemas também muda. Assim, a partir da segunda metade do século XX, as expectativas geradas pelo contexto político, econômico e social de cada década repercutiriam no conjunto das características negativas atribuídas aos adolescentes (Gonçalves, 2005).

É muito importante destacar que, apesar da representação do jovem/adolescente como problema ter sido discutida e identificada por pesquisadores da sociologia e da psicologia em vários períodos da história do século XX, ela não deve ser encarada como uma representação unânime em todos os grupos sociais. Afirmar isso seria corroborar a idéia de adolescência como fenômeno universal e não se pretende partir desse princípio nesta pesquisa. Evidência empírica desse fato são os resultados encontrados por Santos e Aléssio (2006) em pesquisa com pais de adolescente moradores de assentamentos rurais no nordeste. Para esses pais, inseridos em contexto sócio-econômico e cultural completamente distinto da zona urbana, a adolescência é representada como momento de conformação aos valores e regras sociais a partir do trabalho e da preparação para a constituição de família.

Juventude e Trabalho

Regulamentação do Trabalho Juvenil.

Na atualidade existem várias leis que regulamentam o trabalho de jovens/adolescentes. O artigo sétimo da Constituição Federal de 1988 proíbe o trabalho noturno, insalubre ou perigoso às pessoas menores de 18 anos, qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, fazendo uma ressalva ao trabalho de maiores de quatorze anos de idade sob a condição de aprendiz. O trabalho infantil é expressamente proibido e o trabalho de adolescentes, a partir de quatorze anos, é regulamentado por leis de proteção específicas.

A lei 8069, de 13/07/1990, conhecida como Estatuto da Criança do Adolescente (ECA) traz diretrizes mais específicas sobre o trabalho de menores de 18 anos. A primeira é a de considerar crianças e adolescentes pessoas em condição peculiar de desenvolvimento e por isso delimitar diretrizes específicas para o trabalho dos mesmos. A segunda é de mudar a forma que a profissionalização do adolescente era vista. Pelo menos oficialmente, a iniciação no mundo do trabalho é um direito do adolescente e não uma medida de controle social, e

deve ser feita em condições protegidas e vir acompanhada de capacitação profissional adequada ao trabalho (artigos 4º e 69º do ECRIAD).

O artigo V do ECRIAD regulamenta como será o trabalho dos adolescentes. Proíbe que exerçam atividades noturnas, perigosas, insalubres ou penosas e em locais prejudiciais ao desenvolvimento físico, psíquico, moral e social. O trabalho é regido por legislação especial, que assegura direitos trabalhistas e previdenciários, estabelece que as atividades não podem trazer prejuízo às atividades escolares e torna a frequência em estabelecimento escolar obrigatória.

O trabalho de adolescentes aprendizes é regido pelo decreto 5598, de 1º/12/2005 que estabelece entre outras as seguintes diretrizes para a aprendizagem profissional:

- Todo estabelecimento que exerce quaisquer atividades econômicas que contem com no mínimo sete funcionários é obrigado a contratar e matricular adolescentes em programas de aprendizagem e qualificação profissional, na proporção de cinco a quinze por cento do total de funcionários existentes nos estabelecimentos que exerçam funções que demandem qualificação profissional;
- Divisão do período de aprendizagem em parte prática e teórica que garante ao aprendiz, ao fim do contrato de aprendizagem, o certificado de qualificação profissional enunciando o título e o perfil profissional para o qual foi capacitado;
- Limite máximo de seis horas diárias de trabalho prático;
- Garantia de frequência obrigatória a estabelecimento escolar;
- Contrato de aprendizagem anotado em carteira profissional, com direitos trabalhistas assegurados como férias e contribuição ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

Perspectivas Sobre o Trabalho Infanto-Juvenil

O trabalho infanto-juvenil ainda se apresenta como um tema controverso e polêmico e ainda não há consenso na literatura sobre os efeitos do trabalho no desenvolvimento dos adolescentes. Segundo Oliveira, Fischer, Teixeira e Amaral (2003) vários estudiosos argumentam a favor dos aspectos positivos do trabalho afirmando que pode contribuir para o crescimento pessoal, aumento da auto-estima e de sentimentos de realização. Porém outros autores, principalmente em trabalhos relacionados à área da Saúde Pública, apontam conseqüências negativas do trabalho, como prejuízo do desenvolvimento físico, emocional e escolar, diminuição do tempo para o lazer, convivência com os pares, família e comunidade (Asmus, [Raymundo, Barker, Pepe](#) & Ruzanny (2005); Minayo-Gomez & Meirelles, 1997; Martins, Fischer, Oliveira, Costa; Marinho, Perestrelo, Latorre & Costa, 2002; Oliveira, Sá, Fischer, Martins & Teixeira, 2001).

Independentemente de apresentar aspectos positivos ou negativos, a literatura aponta a inserção de jovens/adolescentes, principalmente aqueles em idade mais precoce, como imperativo econômico para famílias em situação de pobreza. O relatório da situação da infância e adolescência brasileira (UNICEF, 2005) aponta que o número de crianças e adolescentes de dez a quinze anos ocupados é maior entre os vinte por cento da população mais pobre. Estudo conduzido por Martins et al. (2002) com jovens trabalhadores e não trabalhadores de classes populares, encontraram como resultado que adolescentes trabalhadores encontravam-se em melhor estado nutricional e com menores índices de baixa estatura que adolescentes não trabalhadores ou desempregados, ou seja, trabalhar aumenta as possibilidades de aquisição do alimento, e diminui o risco de conseqüências relacionadas à desnutrição e configura-se como estratégia para garantir os recursos mínimos à sobrevivência.

O adolescente/jovem ao iniciar precocemente a realização de tarefas laborais muito penosas, com carga horária extensa, pode ter prejudicado o processo de escolarização e a

permanência mercado de trabalho. Frigotto (2005) aponta que os problemas de escolarização como defasagem, repetência e até mesmo evasão escolar enfrentados por jovens resultam em uma configuração das taxas de ocupação de postos de trabalho perversas: adolescentes pobres, a maioria pretos ou pardos são predominantes nas taxas de ocupação até os quinze anos, onde o trabalho é informal, precário e mal remunerado. Porém, a partir da faixa etária dos 16 anos, quando o trabalho é legalizado e onde estão os empregos formais a ocupação dessas vagas se dá por jovens brancos, com situação econômica familiar mais favorável e escolarizados.

Se os significados do trabalho infanto-juvenil para pesquisadores e estudiosos da área são majoritariamente negativos, o mesmo não acontece no âmbito do senso comum e a perspectiva de pais, empregadores e até mesmo dos adolescentes trabalhadores é predominantemente positiva. Assim como o trabalho adulto, o trabalho do jovem, principalmente do sexo masculino é valorizado por classes populares (Sarti, 2007). Alves-Mazzotti (1998) em pesquisa que contemplou Representações Sociais sobre o trabalho de adolescentes trabalhadores, seus pais, empregadores e professores afirmou que pais com filhos trabalhadores os vêem em melhor situação que outros pares, pois, de acordo com os mesmos, o trabalho faz os filhos ficarem mais maduros e responsáveis. No mesmo estudo a autora encontrou como resultados que os empregadores dos adolescentes também têm a mesma perspectiva positiva do trabalho e relatam perceber que eles adquirem habilidades sociais, ganham responsabilidade e aprendem a valorizar o trabalho. Além do sentido moral, Val (2006) aponta mais quatro razões para que o trabalho juvenil seja positivado socialmente:

- *Razões salutareis*: o trabalho é associado à saúde, outro atributo moral para classes populares apontado também por Sarti (2007) e sua falta é sinônimo de adoecimento. Trabalhar é sinal de saúde e para homens também funciona como afirmação de virilidade por ser um meio para demonstrar resistência, força física e força moral.

- *Razões culturais*: pais que começaram a trabalhar precocemente e não perceberam que tiveram danos com isso podem achar normal que os filhos passem pela mesma situação, naturalizando o trabalho juvenil;
- *Razões econômicas*, o dinheiro ganho é utilizado parcialmente ou integralmente para complementar o orçamento e garantir a sobrevivência familiar. Contribuir com o sustento da família também é percebido uma obrigação moral dos filhos;
- *Razões sociais/educativas* pelo fato do trabalho ser entendido como um meio eficiente de proteger os jovens contra os perigos da rua e como forma de aprendizado características sociais positivas como a honestidade, o que evita que os mesmos acabem se envolvendo com a criminalidade.

As RS de jovens trabalhadores sobre a atividade laboral apresentam elementos negativos e positivos. Os negativos a relacionam ao cansaço causado pela dupla jornada, à responsabilidade excessiva, à falta de tempo para as atividades de lazer, ao fato de prejudicar os estudos e à sobrecarga física que causa dores no corpo (Oliveira, Fischer, Teixeira & Amaral, 2003; Oliveira; Sá; Martins & Teixeira, 2001). Porém esses mesmos estudos apontam que o trabalho também é associado a elementos positivos como a conquista da independência financeira, o trabalho como algo importante, interessante e agradável, a possibilidade de ajudar a família e a crença que o trabalho precoce contribuirá para a melhoria da condição de vida no futuro. De acordo com pesquisadores (Oliveira, Fischer, Teixeira & Amaral, 2003; Oliveira et al. 2001), esses benefícios apontados pelos participantes pertencem à ordem moral por colaborarem para que o jovem adquira características atribuídas ao universo adulto.

Mattos e Chaves (2006) realizaram estudo piloto sobre as Representações Sociais do trabalho para adolescentes aprendizes com idades entre 15 e 18 anos. Apesar de encontrarem

elementos que apontam uma relação complexa entre a conciliação do trabalho com estudo e o aumento do estresse, também não encontraram somente elementos representacionais negativos. Os entrevistados entendem que entre os efeitos dos trabalhos estão a obtenção de dinheiro que será utilizado para contribuir com as despesas familiares e possibilitará certa independência e acesso a bens de consumo; a atitude principal referente ao trabalho é a responsabilidade (vista de forma positiva) acompanhada da vontade de melhorar o desempenho e da satisfação com a atividade; e o trabalho é visto como forma de aprendizagem de uma profissão e fonte de desenvolvimento pessoal. É importante lembrar que esse foi o estudo com perfil de participantes que mais se assemelha com os participantes da presente pesquisa.

Alves-Mazzotti (1998) identificou que o trabalho ocupa lugar central na rede de RS associadas aos processos socializadores como família e escola. As RS do trabalho eram positivas ou negativas em função da qualidade da relação com os familiares. Quando as famílias eram percebidas pelos participantes como solidárias as RS's de trabalho eram positivas e se refletiam na autoestima por fazê-los se sentirem mais competentes, úteis e capazes de enfrentar o futuro. Porém, quando as famílias eram significadas como exploradoras o trabalho ganhava conotação negativa, associado a algo penoso, cansativo e causador de frustrações e humilhações.

Alves-Mazzotti (1998) considera que as Representações Sociais do trabalho para pais com filhos que exercem atividades laborais relaciona-se à proteção e este é permitido por ser visto como meio de ocupar de forma adequada o tempo que, se ocioso, poderá ser preenchido com atividades ligadas à criminalidade. Essas famílias geralmente são moradoras de bairros periféricos onde a presença de situações violentas é constante e o trabalho é percebido como alternativa viável para pais manterem seus filhos a salvo dessas situações. Para a autora, políticas públicas que utilizem apenas compensações financeiras com vistas à erradicação do

trabalho infantil podem ser ineficientes se não oferecerem outras formas produtivas de ocupar o tempo de crianças e adolescentes enquanto seus pais estão trabalhando.

Alves-Mazzoti (1998) afirma ser importante, na consideração dos danos que o trabalho pode ao não causar ao indivíduo menor de dezoito anos, levar-se em conta os seguintes fatores: duração do tempo de trabalho, tipo de atividade, possibilidade de ser conciliado com os estudos e outras atividades como lazer e convivências familiar e comunitária. Para a autora, não é possível generalizar e afirmar que todo trabalho infanto-juvenil é prejudicial em si mesmo antes de analisar em que circunstâncias sociais ele é realizado. Mattos e Chaves (2006) afirmam que ao se pensar a temática do trabalho relacionada à infância e à juventude é necessário tratar de forma distinta a situação do trabalho infantil – proibido por lei, e do trabalho de adolescentes, que encontra respaldo e diretrizes legais para ser realizado.

Não foram encontradas muitas pesquisas (somente a dos autores mencionados no parágrafo anterior) sobre conseqüências positivas e negativas do trabalho que utilizem como participantes adolescentes inseridos em contexto de aprendizagem. Ou seja, adolescentes em situação de trabalho protegido, visto que a nova lei de aprendizagem profissional regulamenta de forma bem rígida as condições em que o adolescente pode exercer atividades laborais. Por isso apesar da presente pesquisa não ter como foco exclusivo o impacto do trabalho nas relações sociais e econômicas de jovens aprendizes, ela pode ser importante para o desenvolvimento dos debates sobre essa temática por utilizar como participantes adolescentes aprendizes e por abordar as relações de trabalho desses mesmo que de forma secundária.

Moralidade e Relações de Gênero

Sobre as relações entre moralidade e gênero é imprescindível mencionar o trabalho da psicóloga norte-americana Carol Gilligan, inicialmente colaboradora de Kohlberg nas pesquisas sobre desenvolvimento moral, e que posteriormente rompeu com o mesmo ao

contestar as teorias desse autor. Ades (1999) afirma que Gilligan causou um grande impacto na literatura científica sobre desenvolvimento moral ao propor a ruptura com os princípios “provenientes das filosofias morais, da unidade monolítica e universal dos princípios e do pensamento moral – pressuposto que orienta Piaget, Kohlberg e Freud” (p. 5).

De acordo com Gilligan (1997) os estudos sobre psicologia e moralidade, principalmente aqueles conduzidos por Kohlberg, apresentavam como resultados escores menores para participantes do sexo feminino do que participantes do sexo masculino referentes aos estágios mais “elevados” de desenvolvimento moral. Porém, segundo essa autora esses estudos não levavam em conta que há uma socialização de gênero que “treina” meninos e meninas para desempenhar determinadas tarefas o que resulta em uma naturalização dessas práticas.

Ainda segundo a pesquisadora existem duas orientações para se lidar com os temas relativos à moralidade: a orientação masculina, baseada na idéia de justiça, de direitos e deveres e a orientação feminina, sustentada nas responsabilidades para com os outros, nos cuidados dedicados às pessoas e no estabelecimento e manutenção dos relacionamentos. Essas condutas podem ser denominadas respectivamente *ética da justiça* e *ética do cuidado*. A autora afirma que essa orientação é baseada nas formas de socialização voltadas para meninos e meninas, distintos desde a primeira infância, e que o fato de mulheres adotarem com mais frequência a ética do cuidado em suas condutas morais não quer dizer que também não adotem os princípios da ética da justiça e vice-versa para os homens.

A ética do cuidado de acordo com Batthyány (2000 citada por Araújo & Scalon, 2005, p. 22) pode ser entendida como prover diariamente as necessidades de atenção social, física, psíquica e emocional das pessoas. É evidente a presença feminina em profissões como a pedagogia, o serviço social, a enfermagem, a psicologia e em alguns ramos da medicina como a pediatria, atividades ligadas à assistência e ao cuidado com o outro. Montenegro (2003)

relata que as teorias materialistas advindas do feminismo interpretam a predominância de mulheres nessas profissões como uma transferência das habilidades e funções de cuidados aprendidas na esfera doméstica e na comunidade para as atividades remuneradas que exercem. Ou seja, as condutas éticas são construídas socialmente e nessa construção estão presentes as relações de gênero.

Juventude e Valores Sócio Morais

A temática honra não é objeto de muitas pesquisas, principalmente associadas à juventude. Não foram encontrados muitos estudos concernentes ao conceito ou representação social da honra para jovens, portanto, é necessário apresentar a situação das pesquisas sobre juventude e valores morais, temática muito próxima da honra.

Uma pesquisa realizada na França por Levy, Muxel e Percheron (1991) objetivou compreender como a honra é representada por esse público. Foi aplicado um questionário a 1400 jovens, de 14 a 20 anos, freqüentadores de estabelecimentos escolares públicos e privados. A maioria dos jovens relatou gostar da palavra e os termos frequentemente associados a esse conceito se diferem da concepção tradicional de honra associada à reação masculina à ofensa, frequentemente levando a comportamentos exacerbados e envolvimento em atividades perigosas e paixões. As representações sociais de honra variaram de acordo com a idade, meio sociais e sistema ideológico (direita ou esquerda) dos participantes, mas têm em comum o uso do conceito de honra mais pessoal e cotidiano, o que sugere que honra para os participantes refere-se ao modo de ser no mundo e à forma de posicionar-se em relação aos outros.

Os valores sócio-morais são fundamentais na organização dos sistemas de crenças dos indivíduos por serem construídos e partilhados pelos grupos sociais, por atribuírem sentidos e orientarem as condutas dos indivíduos (Moraes, Camino, Camino & Cruz, 2007). No Brasil, a

partir da década de 1990 os estudos sobre moralidade em Psicologia se tornaram mais freqüentes. Foram realizados estudos que se debruçavam sobre determinado valor como generosidade, fidelidade à palavra empenhada, noção de justiça, vergonha, perdão e estudos que se dedicavam a classificar os valores dos indivíduos a partir de escalas de valores previamente organizadas. Nos próximos parágrafos encontram-se resumos de duas pesquisas brasileiras e uma internacional selecionadas devido às contribuições trazidas por esses estudos e pela importância desses autores para a área da Psicologia da Moralidade.

Moraes et al. (2007) realizaram estudo sobre a percepção das práticas parentais de socialização e os valores dos adolescentes. Dois mil e quatro estudantes com idades entre 10 e 18 anos, de escolas públicas e particulares responderam à Escala de Socialização Parental na Adolescência e ao Questionário de Valores Psicossociais. Os resultados encontrados apontam relações positivas e negativas entre as práticas parentais de socialização e os valores dos adolescentes, o que de acordo com a pesquisa indica uma correlação positiva entre a socialização familiar e a construção dos valores dos adolescentes.

Carbone e Menin (2004) investigaram as representações sociais de injustiça na escola, e das práticas de seus agentes em 552 alunos de escolas públicas e particulares cursando o 1º ano do ensino médio e 5ª e 8ª série do ensino fundamental. O instrumento de pesquisa contemplou questões abertas e escala de intensidade de injustiça em situações escolares. De acordo com os resultados, a escola não é percebida como uma comunidade justa e os principais agentes das injustiças são professores e em segundo lugar os próprios alunos.

Insa, Pastor e Ochoa (2001) investigaram as relações existentes entre o autoconceito e as prioridades de valor. Estudantes da cidade de Valência, Espanha, com idades entre 10 e 18 anos responderam a um instrumento de pesquisa combinando questionário de autoconceito (AUT30) e questionário de valores de Schwartz. Foram encontradas relações significantes

entre escores de autoconceito intelectual altos e prioridades de valores pró-sociais e entre valores de autoconceito físico alto com prioridades de valores de autobenefício e seguridade.

Alguns estudos se destacam por realizar a associação entre valores e as condições de vida dos jovens, suas dificuldades, demandas e percepções a partir do contexto sócio-cultural em que esses atores estão inseridos. Outra característica importante é a possibilidade de compreender os valores a partir da perspectiva dos próprios adolescentes. Tem-se como exemplo dessa proposta a pesquisa de Carreiro (2003) sobre as dimensões do sofrimento social como a humilhação, vergonha e falta de reconhecimento, vivenciadas por jovens moradores de bairros populares do Rio de Janeiro e os efeitos desse sofrimento na esfera comunitária, social e grupal.

Foram encontrados estudos que não tratam de valores sócio-morais propriamente ditos, mas são importantes de serem revistos por se proporem a discutir adolescência e objetos sociais com conotação moral ou valorativa levando-se em conta aspectos históricos e culturais dessa inserção dos participantes. Por exemplo, Oliveira e Costa (1997) solicitaram que adolescentes mineiros relatassem dilemas pessoais e vicários. Os conflitos eram, em sua maioria, de ordem afetiva, possuíam conotação moral e eram desenvolvidos em relações interpessoais. Na discussão dos resultados, os autores questionaram a perspectiva da adolescência como período de constante turbulência, visto que os dilemas não apresentavam grande carga dramática e eram originados de situações comuns vivenciadas no dia-a-dia, como escola, trabalho, escolha profissional e não de situações extraordinárias.

Isso indica a importância de investigar adolescência e valores sócio-morais a partir das situações cotidianas e de compreender que os adolescentes conferem conotação moral às situações sociais vivenciadas por eles e presentes no grupo social em que se encontram nas relações de trabalho, gênero e escolarização. Para estudar as RS de qualquer objeto (passível de representação social para determinado grupo) é preciso pensar no sistema de valores no

qual esse objeto está imbricado. Por isso é relevante mencionar alguns estudos de representações sociais e adolescência, pois mesmo que não apresentem diretamente temas relacionados aos valores sócio-morais, tratam de objetos cujas representações sociais pertencem ao sistema de valores dos adolescentes. Abaixo, têm-se exemplos de pesquisas sobre adolescência e representações sociais sobre diversos temas que possuem algum teor moral na sociedade como trabalho, futuro profissional e adolescência.

Oliveira et al. (2003) empreenderam a análise das representações sociais do trabalho e da escola a partir da realização de grupos focais com adolescentes trabalhadores e não trabalhadores do ensino médio da cidade de São Paulo. Entre os adolescentes trabalhadores encontrou-se a contradição entre o reconhecimento do trabalho como valor moral e positivo e os problemas decorrentes de uma carga física e psicológica precoce do adolescente trabalhador. Almeida, Pacheco e Garcia (2006) pesquisaram as representações sociais de mães e professoras de adolescentes sobre o que é necessário para um adolescente ser uma pessoa de bem, a partir da técnica de associação livre. Como resultados encontraram que as características associadas a uma pessoa de bem são atributos tipicamente associados aos adultos do sexo masculino

Paredes e Pecora (2004) pesquisaram as representações sociais de perspectiva de futuro de pré-adolescentes e adolescentes alunos da rede pública de ensino de Cuiabá. Foram aplicados questionários em 813 participantes e encontrou-se como resultado que as RS dos jovens se constroem com bases nos seguintes elementos: estudo, trabalho, família e qualidade de vida, enraizados na história e na cultura.

Juventude e honra

Conceito de honra.

Antes de se referir a temática juventude e honra propriamente dita é preciso realizar explanação sobre os principais aspectos históricos, conceituais e teóricos relativos à honra. O termo honra, vem do latim *Honos*, nome de um deus da guerra, que de acordo com a tradição dava coragem aos combatentes para lutar nas guerras. Em outro momento posterior, *honos* foi relacionada às recompensas dadas àqueles que conseguiam se destacar nas batalhas devido ao desempenho e à coragem. O termo começou a ser utilizado entre os militares e, com o tempo e sofreu modificações em seu sentido. Por exemplo, honra pode referir-se a uma posição social ocupada por algum indivíduo. Na Inglaterra costuma-se atribuir o título de honorável ao filho ou filha de um nobre (Pitt-Rivers⁵, 2003).

No passado a honra era considerada algo tão importante, tão essencial à vida de um indivíduo que se considerava melhor morrer com honra do que viver sem ela. Poder-se-ia perder tudo, mas a honra era a virtude a ser mantida a qualquer custo. Um relato curioso conta que um nobre, denominado *Mad Jack Mytton*, para salvar a honra da nobreza de Shropshire quase perdeu a vida ao saltar a cavalo do topo de um abismo (Pitt-Rivers, 2003, 1991). Atos de heroísmo (ou de loucura), como esses eram perfeitamente aceitos e justificados em um ideal de defesa da honra.

Esse termo de início pode evocar situações violentas tendo em vista os sentidos que adquiriu no passado. Qualquer tipo de situação aonde indivíduo se sentisse afrontado ou se configurasse como uma ofensa à honra deveria ser retratada pelo ofensor a partir de um pedido de desculpas ou da afirmação da não intencionalidade do ato, caso contrário o ofendido deveria responder à afronta, sob pena de ter sua reputação manchada e perder o crédito que a sociedade lhe imputava (Pitt-Rivers, 2003, 1991, 1965).

⁵ Esse autor é a referência principal da maior parte dos estudos de Psicologia e Ciências Sociais sobre honra, que utilizam o conceito de honra proposto por ele. Por isso suas publicações serão frequentemente citadas nessa pesquisa.

Um dos meios mais utilizados para responder às afrontas, principalmente entre nobres, era o duelo. Consistia em uma disputa regida por regras bem definidas e sob vistas de testemunhas (padrinhos de duelos) onde os participantes poderiam fazer uso de armas ou não. No caso de uma das partes da díade ofensor-ofendido ser impossibilitado de duelar por problemas físicos, poderia colocar um substituto no lugar, geralmente um parente ou amigo próximo. Em algumas situações, além da disputa ofensor-ofendido os padrinhos também duelavam entre si.

Apesar de essa prática ter sido condenada e proibida em vários países, como França e Inglaterra no século XVI, ainda permaneceu, de forma clandestina por vários anos. Pitt-Rivers (2003) relata uma ocorrência curiosa em que um militar, no século XIX, ao ser ofendido decidiu recorrer à justiça para resolver o caso e recebeu ordem de prisão por parte dos seus superiores devido ao comportamento covarde e desonroso de não resolver por si só a situação. Resolver por meios legais uma situação de ofensa resultou em prisão o que provavelmente não ocorreria se o militar tivesse recorrido ao duelo. É importante ressaltar que essa obrigação de responder às ofensas era restrita aos socialmente iguais, dentro do grupo social. Uma injúria proferida por um plebeu não consistia em uma real ofensa para um nobre.

O recurso da violência foi tão utilizado em situações de ofensa à honra que Pitt-Rivers (1991) afirma que a honra, no passado, “matou mais homens do que a peste suscitou mais controvérsias que a misericórdia e mais rixas que o dinheiro” (p. 17). Atualmente o uso de violência contra outrem, justificado pelo dever de responder a uma injúria, pode parecer obsoleto, socialmente e judicialmente condenável. Porém La Taille (2002), em estudo sobre a Vergonha afirma que ainda hoje o uso da violência é justificado pela defesa da honra. Nos noticiários é comum se ler sobre brigas e assassinatos no trânsito motivado por insultos e a ocorrência de crimes passionais (agressões e feminicídio) com vistas na defesa da reputação do traído ou injuriado (geralmente do sexo masculino).

A honra, de acordo com Pitt-Rivers (1965), passa a ser objeto de estudo das ciências sociais e humanas a partir da década de 1960 com os estudos etnográficos sobre os significados da honra em várias culturas, especialmente nos povos mediterrâneos. Apesar de vários pesquisadores referirem-se ao termo honra como algo do passado e fora de uso atualmente ele ainda encontra sentido nas condutas e organizações sociais. Honra não é um termo da moda, não é utilizado no vocabulário das conversações cotidianas, sendo reservado a algumas situações solenes ou a algumas profissões como dos advogados e juristas.

Fonseca (2004A), em estudo etnográfico sobre a honra em grupos populares não identificou esse termo no vocabulário das pessoas estudadas, mas as relações sociais e as condutas dos indivíduos estudados eram pautadas em aspectos valorativos referentes a um código de conduta socialmente elaborado. Quando as mesmas queriam se referir a uma alguém de destaque ou valorizada socialmente referiam-se a esse como alguém de respeito. Apesar da palavra não ser usual, ainda faz parte do universo simbólico de várias culturas e grupos sociais. Por exemplo, a injúria mais proferida contra mulheres é atribuir às mesmas costumes sexuais que vão contra a moral vigente, insultos contra a honra.

A honra, segundo pesquisadores (Pitt-Rivers, 2003, Ades 1999) tem duas procedências distintas: a primeira é relativa a um título de nobreza e a segunda refere-se à conduta socialmente aprovada de determinado indivíduo. Essa última é o objeto de estudo da presente pesquisa.

Para dar continuidade, faz-se necessário definir conceitualmente o valor sócio-moral que constitui o objeto de estudo principal dessa pesquisa. Honra é um termo valorativo: realizar determinado ato ou conquistar determinado objetivo é uma honra para o indivíduo; quando alguém empenha sua palavra e a cumpre recebe a alcunha de homem de honra; aquele que tem as qualidades morais reconhecidas recebe a qualificação de honrado. O conceito de

honra mais utilizado pela literatura científica e vigente até os dias de hoje é o proposto por Pitt-Rivers (1965):

Honra é o valor que uma pessoa tem aos próprios olhos, mas também aos olhos da sociedade. É a sua apreciação de quanto vale, da sua pretensão a orgulho, mas é também o reconhecimento dessa pretensão, a admissão pela sociedade da sua excelência, do seu direito a orgulho. [...] A honra fornece, portanto, um nexos entre os ideais da sociedade e a reprodução desses no indivíduo através de sua aspiração de os personificar. (p.13 e 14).

Ainda de acordo com Pitt-Rivers (1991), a honra apresenta três funções básicas para o indivíduo: ela é o guia de consciência que os auxilia a realizar julgamentos e avaliações morais, interfere na forma de cada indivíduo se conduzir perante a sociedade e é a medida de *status* social: quanto mais honrado, mais bem avaliado e reconhecido socialmente ele será. Honra, portanto, é, concomitantemente, a imagem que cada um tem de si e o meio de representar o valor moral do outro dentro do grupo social. Ades (1999) afirma que a honra tem dois aspectos distintivos: o aspecto subjetivo e o aspecto objetivo. O aspecto subjetivo refere-se ao valor pessoal, dignidade e decoro, é o sentimento que cada indivíduo tem a respeito de suas qualidades. O aspecto objetivo diz respeito à reputação, à boa fama que determinada pessoa tem dentro do grupo onde está inserida.

Pitt-Rivers (2003) afirma que a honra é um aspecto correntemente encontrado em qualquer unidade social e compõe a identidade social de determinado grupo. A honra pertence ao universo simbólico de valores e normas sociais que organiza a conduta dos indivíduos e os relacionamentos interpessoais de determinado grupo social, por isso acredita-se que a

representação social de honra tenha função identitária. Por exercer essa função a honra apresenta três características referentes aos relacionamentos interpessoais dentro do grupo:

- 1) Refere-se à autoestima, à auto-apreciação da importância do indivíduo dentro do grupo;
- 2) Fornece o reconhecimento e a autorização da sociedade para que o indivíduo tenha direito de se sentir satisfeito com a posição que ocupa;
- 3) Admite que o indivíduo tenha excelência e, portanto merece ser tratado de maneira positivamente diferenciada devido à posição de prestígio social que ocupa.

Pitt-Rivers (2003, 1991, 1965) afirma que a honra é um princípio universal, assim como o pensamento mágico-religioso, por ocorrer na maior parte das culturas, pois quase todas possuem princípios de conduta caracterizados como padrões de conduta ideais ou valorizados. Porém, a honra abrange sentidos e significados diversos que variam de acordo com a sociedade e mesmo dentro de uma mesma existem variações do que se considera honrado de acordo com gênero e faixa etária. O autor cita o exemplo de camponeses gregos, para os quais a honra é uma preocupação e consideram mentir e enganar as pessoas algo completamente válido, o que não ocorre em todas as culturas. Pitt-Rivers (2003) considera variações de cultura, tipo de sociedade, diferenças de *status* social e diferenças de gênero fatores que influenciam nos critérios de avaliação de determinadas práticas sociais como honradas ou não. As diferenças de gênero na consideração ou não de determinadas condutas como socialmente valorizadas serão discutidas na próxima seção.

Honra e gênero.

Como referido na seção anterior os critérios para se considerar determinada pessoa como honrada também variam de acordo com o sexo. As condutas morais exigidas para

homens e mulheres são diferentes e são a base das relações assimétricas de gênero engendradas pela sociedade.

A partir da etnografia realizada em um vilarejo da Andaluzia⁶, Pitt-Rivers (1965) propõe a divisão sexual da honra, ou seja, tarefas e atributos necessários para obtenção dessa virtude a partir da demarcação de papéis sexuais dentro da família nuclear e na sociedade.

Esse estudo foi feito há 44 anos e várias mudanças ocorreram na sociedade, relativas às questões de gênero, como a entrada da mulher no mercado de trabalho, maior liberdade sexual feminina com o advento da pílula anticoncepcional, flexibilização da divisão sexual do trabalho. Porém, essas novas perspectivas convivem atualmente com velhos paradigmas de gênero, principalmente em classes populares como apontam pesquisadoras como Sarti (2007) e Fonseca (2004 A). Portanto, as relações entre gênero e honra apontadas por Pitt-Rivers (1965) ainda podem ser utilizadas para se pensar a temática gênero e moralidade.

As condutas que garantem boa reputação ao indivíduo não são necessariamente as mesmas dentro de um mesmo grupo social e variam de acordo com a idade, posição hierárquica e gênero. De acordo com Pitt-Rivers (1965), por exemplo, uma criança tem a obrigação de dizer a verdade para os mais velhos e o inverso não é verdadeiro. Há a obrigação moral dos subordinados obedecerem às ordens de autoridades na escola, trabalho, igreja e a recíproca não acontece. As práticas morais de gênero também seguem o mesmo padrão. O quadro 01 é uma reprodução adaptada do esquema da divisão da honra sob a perspectiva de gênero proposta por Pitt-Rivers (1965, p. 33).

⁶ Região do sul da Espanha

TABELA 01:

Divisão sexual da honra proposta por Pitt-Rivers.

<i>Relação entre honra e vergonha</i>	Honra	Honra = Vergonha	Vergonha	Vergonha = Desonra (falta de vergonha)	
<i>Classificação ética</i>	Eticamente neutra	Eticamente valorizada	Eticamente neutra	Eticamente negativa	
<i>Comportamento</i>	Masculinidade = desejo de precedência	Autoridade sobre a família Machismo	Honestidade Lealdade Preocupação com a reputação	Pureza sexual Pudor Recato Timidez Discrição	Aceitação da humilhação Incapacidade de defender a reputação
<i>Origem do comportamento</i>	Prontidão na defesa da reputação Recusa em submeter-se à humilhação Derivando de qualidades naturais		Derivando de educação	Derivando de qualidades naturais Derivando da ausência de qualidades naturais	
<i>Comportamento apropriado a</i>	Homens	Homens e mulheres	Mulheres	Impróprio para ambos os sexos	

Esse quadro é uma adaptação daquele proposto por Pitt-Rivers (1965) no texto *Honra e Posição Social*, p.33.

A primeira linha refere-se à associação entre honra e vergonha. Nesse contexto vergonha significa preocupação com a reputação imputada pelo indivíduo a si mesmo e validada pelo grupo social do qual faz parte. É a importância atribuída pelo indivíduo ao conceito que a opinião pública tem dele e nessa perspectiva é um sinônimo de honra. Vergonha se difere de honra quando tem o sentido de timidez, retraimento resultante da exposição, da inibição emocional e do medo de ser vítima de comentários dentro do grupo social. É fisicamente representado pelo rubor, vermelhidão das faces. O termo vergonha vincula-se honra porque a falta dela é uma desonra. Vergonha representa nesse caso a perda da reputação devido a alguma ação que foi condenada socialmente e diminui o valor que aquele indivíduo tem perante a sociedade.

A classificação ética (linha 02) refere-se à forma pela qual o comportamento é percebido pela sociedade. Pode ser eticamente neutro, quando derivado de qualidades consideradas intrínsecas a homens ou mulheres e o conceito de vergonha apresentado não se relaciona com o significado de honra. São neutros porque, isolados, não se referem necessariamente à honra. Por exemplo, um homem pode apresentar características referentes à

masculinidade, como a coragem e pode utilizá-la para fins morais ou imorais. Apesar de considerados eticamente neutros eles são base para outras condutas valorizadas ou desvalorizadas. A conduta é eticamente valorizada quando originada no processo de educação/socialização e refere-se a elementos considerados positivos pelo grupo. Comportamentos eticamente negativos são aqueles resultantes da ausência de vergonha ou da desonra.

Existem condutas e características valorizadas para homens e mulheres como a lealdade e a honestidade e condutas e características que são socialmente valorizadas somente para homens ou para mulheres. Características atribuídas a um sexo podem ser desonrosas se encontradas em outro sexo, por exemplo, o rubor e timidez para homens são considerados motivo de ridículo e o uso da violência física, exercício indevido da autoridade e a liberdade sexual são prerrogativas masculinas que, se utilizadas por mulheres, são motivos de desonra e vergonha.

A honra masculina relaciona-se ao conceito de masculinidade, definido por Connel (2005) como conjunto de atributos normatizados por uma sociedade referentes à como um homem tem que ser. Pitt-Rivers (1965, 1991, 2003) refere-se a essas qualidades socialmente requisitadas como *hombria* (hombridade) que incluem virtudes como a coragem, a virilidade, a obrigação de defender os mais fracos e a reputação da família, a autoridade e a determinação.

A coragem refere-se à capacidade de se defender de uma afronta, verbal ou física. Não é somente o ato em si que é considerado desonroso, mas sim ser obrigado a constatar que ele aconteceu ou ter que assisti-lo e deixa-lo sem uma resposta. Há também obrigação daquele que é considerado mais forte em defender a honra das mulheres, velhos, doentes ou de qualquer pessoa com quem tem vínculos estreitos e está impedida de se defender. O exercício da masculinidade/hombridade é a base da autoridade familiar e da defesa da família. É a

obrigação do homem, enquanto autoridade familiar, defender a virtude feminina, visto que a honra masculina está ligada à pureza e recato das suas familiares consangüíneas, mãe, irmã, filha e de sua esposa.

A virilidade diz respeito ao exercício livre da sexualidade masculina e a capacidade de conquista. A pureza e o recato sexual masculinos são motivos para que o mesmo seja ridicularizado enquanto que demonstrações de potência sexual como cometer adultério não são condenadas socialmente. A reprovação nesse caso cai sobre o homem traído que tem a obrigação moral de reparar a situação.

Enquanto o trabalho relativo à honra familiar de homens se qualifica pela ação e iniciativa, a honra feminina se caracteriza pela passividade e comedimento das ações. A mulher deve evitar contatos pessoais, principalmente com homens que possam comprometer a honra dela e da família. Também necessitam do apoio masculino para se tornarem bem sucedidas socialmente. Para mulher, o recato e o retraimento são a base da pureza sexual feminina, princípios básicos para ela ser reconhecida como honrada.

Pitt-Rivers (2003, 1991) ao expor sobre honra e sexualidade apresenta um paradoxo: a honra é vista por esse autor como valor sólido e difícil de perder ao mesmo tempo em que afirma que a honra masculina é dependente do procedimento que suas parentas consangüíneas e que sua companheira têm na sociedade. Condutas femininas “desviantes” além de comprometerem a própria honra, prejudicam também a honra masculina, pois o homem, como já foi dito, é responsável por preservar a honra das mulheres da família. A prática do adultério feminino é vista como uma situação que envergonha publicamente o marido enganado por colocá-lo a uma situação de passividade, lugar que cabe às mulheres.

Grande parte da literatura científica estrangeira relativa à honra e gênero se refere às práticas violentas utilizadas por homens na tentativa de recuperar o prestígio social (Ijzerman & Dijk, 2007; Werbner, 2005; Vandello & Cohen, 2003). No Brasil as referências à honra

feminina com exceção de poucos trabalhos se referem às pesquisas históricas sobre a condição das mulheres no Brasil no início do século passado, como as pesquisas de Caulfield (2000) e de Sohiet (1986).

Essa divisão sexual da honra, assimétrica, que coloca a mulher em situação de desvantagem foi usada no passado para legitimar a violência contra mulher. Até poucas décadas a defesa legítima da honra era utilizada como argumento atenuante de homicídios praticados devido ao adultério feminino. Atualmente, apesar de a legislação ter se modificado e incluir leis específicas e rigorosas contra a violência de gênero⁷, atos de violência contra mulher, que chegam a situações extremas como tortura e assassinato ainda são praticados em função desse ideal de honra feminina subalterna à masculina.

Um dos casos mais noticiados que ocorreu no ano passado foi o assassinato da adolescente Eloá, seqüestrada e morta pelo ex-namorado que não aceitava o fim do namoro. Apesar das constantes notícias e reportagens da mídia pouco se falou das relações de gênero implicadas nessa situação. Falou-se da possível patologia do rapaz, da ação desastrosa da polícia, mas as relações interpessoais, a construção social das práticas de gênero que levam a esse tipo de tragédia social não foram discutidas. Isso pode significar que essas questões ainda não foram incorporadas pelo pensamento social. Por isso fazem-se necessárias pesquisas que abordem esse tema, que a princípio soa um tanto quanto *démodé*, para se compreender como essas relações entre honra e gênero, especialmente na adolescência/juventude são socialmente construídas, para se dar base às políticas públicas que possam intervir e, quem sabe, modificar essa realidade.

Jodelet (2005) afirma que uma representação social é uma forma de saber que liga um sujeito a um objeto. As pesquisas em representações sociais partem do pressuposto de que a adolescência pode ser objeto de representação de um grupo social e de que os adolescentes

⁷ Lei 11.340, de 7/08/2006, conhecida como “Lei Maria da Penha”. Prevê, entre outras medidas de combate à violência de gênero, punições mais rigorosas para agressores.

podem ser sujeitos de representações, ou seja, construtores e portadores de um conhecimento dotado de valores, normas que conferem sentido às práticas sociais, o que justifica a escolha das Representações Sociais como referencial teórico-metodológico desse projeto de pesquisa.

Teoria das Representações Sociais (TRS).

Nas palavras de Moscovici (1981) entende-se por Representações Sociais:

[...] um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (p. 31).

A TRS trabalha o pensamento social em toda sua dinâmica e diversidade a partir de duas formas existentes em nossa sociedade de conhecer e comunicar: o universo consensual e o universo reificado. O universo consensual é constituído na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado é elaborado no meio científico, sendo indispensáveis para a vida humana. (Arruda, 2002).

Enquanto conjunto de fenômenos socialmente partilhados, as Representações Sociais têm como objetivo exclusivo elaborar os comportamentos e a comunicação entre indivíduos na vida cotidiana (Sá, 1996). Abric (citado por Sá, 1996) sistematizou, de forma mais elaborada, as funções das representações sociais, atribuindo-lhes quatro propriedades: funções de saber, funções identitárias, funções orientadoras e funções justificatórias:

A função de saber facilita ao grupo/indivíduo a compreensão e explicação da realidade. “Elas permitem aos atores sociais adquirir conhecimentos e integrá-los a um quadro assimilável e compreensível para eles” (Abric, 2001 A, p. 44). Essa função permite que os atores sociais adquiram conhecimentos e os integrem em um quadro assimilável e

compreensível para eles próprios, em coerência com seu funcionamento cognitivo e os valores aos quais eles aderem (Abric, 1998). Ela também facilita a comunicação social, permitindo as trocas e refletindo o esforço permanente de manifestação existencial do homem com o meio ambiente.

As funções identitárias definem a identidade e protegem a especificidade dos grupos. Permitem que os indivíduos e grupos se situem no campo social assegurando a elaboração de uma identidade pessoal e grupal adequada ao conjunto de normas e valores. Essa função tem um papel importante no controle social exercido pela coletividade sobre cada um de seus membros e nos processos de socialização.

As funções de orientação direcionam os comportamentos e práticas. Funcionam como um guia para a ação, permitindo aos indivíduos/grupos saber o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social. A representação gera “um sistema de antecipações e expectativas” (Abric, 1998, p.44), as conclusões estão colocadas antes mesmo que a ação se inicie, direcionando a natureza das regras e dos laços, definindo quais comportamentos e práticas são aceitáveis ou obrigatórios em determinados contextos sociais.

A função justificatória propicia ao grupo/indivíduo as razões para a tomada de posição e dos comportamentos. Essa função aparece *a posteriori*. Depois da ação, ela permite justificar as condutas mediante outros atores sociais. Ela também cumpre o papel de reforçar a posição social do grupo de referência, preservar ou justificar a diferenciação social, e pode estereotipar as relações entre os grupos, contribuir para a discriminação ou para a manutenção da distância social entre eles (Abric, 1998).

Segundo Moscovici (1984), as representações sociais são criadas para transformar algo estranho, não familiar - que por esse caráter é algo ameaçador, em um objeto familiar e simbolicamente pertinente à rede de significados do indivíduo/grupo social. Na gênese das

Representações Sociais dois processos sócio-cognitivos estão presentes: a ancoragem e a objetivação. Pela ancoragem, o objeto estranho se acomoda a um paradigma ou protótipo já existente, sendo reajustado para se encaixar em determinada categoria. Toda idéia ou pensamento precisa de ancoragem, cuja classificação visa, entre outros objetivos, facilitar a interpretação, permitir a compreensão de intenções ocultas e formar opiniões. Oliveira & Werba (1998) destacam que a ancoragem é sempre provida de juízo de valor, uma vez que as classificações não são isentas de subjetividade. Já a objetivação “iconiza” uma idéia, transformando-a em imagem. Esse mecanismo ajuda a tornar mais concreta uma realidade (Oliveira & Werba, 1998).

Segundo Sá (1996), é notória a resistência de Moscovici em fornecer uma definição conceitual precisa de Representações Sociais por temer a redução do alcance conceitual da TRS e conseqüentemente uma cristalização de conceitos, hipóteses e técnicas de pesquisas que viessem a fragmentá-la em microteorias completamente autônomas. A pluralidade metodológica combinada com um grande campo de investigação fez que da “grande teoria”, forma como alguns pesquisadores denominam os pressupostos teóricos originais de Moscovici, se desdobrassem três perspectivas teóricas: a de Denise Jodelet, mais fiel à teoria de Moscovici, a de Willem Doise com uma perspectiva mais sociológica e a abordagem estrutural de Jean Claude Abric, fundamentada na premissa de que as Representações Sociais podem ser investigadas a partir de sua estrutura, compreendida por um núcleo central e elementos periféricos.

Representações Sociais e Valores

Apesar de poucas a que se teve acesso na revisão de literatura desse estudo, existem pesquisas em representações sociais sobre valores e moralidade, principalmente sobre direitos humanos e justiça, a maior parte orientada pela Abordagem Societal das Representações

Sociais (Doise, 2002). Menin (2005) afirma que os estudos da moralidade pela perspectiva das Representações Sociais são um campo novo e pouco explorado e que é um desafio investigar julgamentos morais, valores e virtudes como representações sociais, visto que são temas tradicionalmente investigados a partir das teorias desenvolvimentistas do julgamento moral de Piaget (1932/1994) e Kolbergh (1981). La Taille (2000), um dos principais pesquisadores da área da psicologia da moralidade, afirma que as Representações Sociais são um campo adequado de investigação das virtudes morais. De acordo com esse pesquisador “por que não eleger algumas virtudes e verificar que significações e valores são a elas associadas por determinados grupos sociais?” (p. 113).

Doise (2002) afirma que representações sociais são princípios organizadores das relações simbólicas entre indivíduos e grupos. A partir dessa definição inicial, três hipóteses são lançadas: 1) membros de uma mesma população partilham crenças referentes a uma relação social 2) as representações sociais explicam de que forma e por qual motivo os indivíduos diferenciam entre si nas relações mantidas com essas representações 3) a ancoragem das tomadas de posição é feita em outras realidades simbólicas, nas experiências sociais compartilhadas e nas relações entre grupos e categorias. A partir dessas premissas são propostos quatro níveis de análise: 1) intraindividual, 2) interindividual e situacional, 3) intergrupar e 4) ideológico.

Justiça e direitos humanos são os temas mais freqüentes dos estudos que associam valores e representações sociais. O próprio Doise, em parceria com outros pesquisadores coordenou importantes pesquisas, inclusive estudos transculturais sobre os princípios organizadores das representações sociais da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948 (essas pesquisas encontram-se citadas em artigo escrito por Pereira & Camino, 2003). Elas visavam identificar as ancoragens sociais desses princípios em variáveis

como características sociais, culturais, econômicas dos grupos onde as pesquisas eram realizadas.

Das pesquisas brasileiras sobre representações sociais de justiça podemos destacar os estudos de duas pesquisadoras, que além da teoria societal de Doise, utilizaram outro referencial teórico: os Estágios de Desenvolvimento Moral de Kohlberg. Menin pesquisou representações sociais de justiça para adolescentes autores de infração (2000) e representações sociais de lei, crime e injustiça para alunos de escola pública e particular da cidade de Presidente Prudente (2005) e as pesquisas de Shimizu (2002, 1998) foram sobre representações sociais de moral de professoras das quatro primeiras séries do [antigo] primeiro grau (1998) e representações sociais de moral, justiça e injustiça para jovens escolarizados brasileiros e argentinos da rede de ensino público e particular (2002).

Merece destaque também a tese de Souza (1995), que utilizou como método o estudo de caso de um linchamento de suspeitos de um crime ocorrido em uma cidade do interior do Espírito Santo para verificar as representações sociais de justiça articulando-as com a Teoria da Identidade Social (TIS).

Com exceção do último trabalho citado, todas as demais pesquisas sobre moralidade e representação social apresentadas nesse capítulo utilizam, o referencial teórico-metodológico denominado “Modelo de Análise Quantitativa das Representações Sociais”, elaborado por Doise e colaboradores (Pereira & Camino, 2003). São estudos realizados com elevado número de participantes e praticamente todos foram feitos com adolescentes e jovens em instituições educacionais [provavelmente pela facilidade de acesso aos participantes nessa situação].

Os estudos sobre direitos humanos e justiça utilizando a TRS são importantes, pelo pioneirismo na área e pelas contribuições conceituais, metodológicas e pelos resultados apresentados. Mas como a TRS se constitui como uma grande teoria há espaço para outras investigações na área da moralidade que contemplem diferentes abordagens teóricas, diferentes

métodos qualitativos, diferentes inserções sociais e outras temáticas além de justiça e direitos humanos. Nas palavras de La Taille (2000):

[Se] Admitirmos que mereçam o nome de morais não apenas as condutas determinadas por direitos alheios, mas também todas aquelas que beneficiam outrem, o campo da Psicologia Moral amplia-se e não há mais razão para eleger a virtude justiça como a única digna de estudo. Pode ser a mais importante, mas não a única (p.115).

Adolescência e Representações Sociais

Abric (2001B) define as Representações Sociais como visões funcionais de mundo que permitem aos grupos e indivíduos conferir sentido às suas práticas e compreender a realidade a partir de um sistema próprio de referências. Nesta perspectiva, a representação não é entendida como reprodução, mas sim como uma construção (Vala, 2004). Esta abordagem do processo de representar devolve ao indivíduo seu caráter ativo, de produto e produtor da sociedade na qual se insere. Essa perspectiva dos fenômenos psicossociais admite a utilização e combinação de diversas abordagens metodológicas na investigação dos objetos de pesquisa.

Isso permite abordar a temática juventude respeitando suas particularidades históricas partindo-se do princípio que adolescentes e jovens são protagonistas e produtores de valores, normas e práticas dos processos sociais do grupo onde estão inseridos. .

Os estudos que aliam RS e adolescência são recorrentes no Brasil. De acordo com Bertollo *et al.* (2007) foram publicados nos livros de resumos das III e IV edições da Jornada Internacional de Representações Sociais - JIRS, (2003 e 2005 respectivamente) evento dessa área mais importante do Brasil, 110 resumos a respeito de jovens a adolescentes, o que corresponde a 13,7% do total de resumos (n=805). Os trabalhos encontram-se concentrados nas temáticas educação, problemas brasileiros (violência, trabalho, risco social) e saúde (AIDS, gravidez na adolescência) e a maior parte tiveram os adolescentes como sujeitos das

representações. Se por um lado os resultados indicam para uma concepção de jovem como protagonista e portador de perspectivas de suas vivências sociais, o que pode ser entendido como um grande avanço em relação à maioria das pesquisas no país, por outro indicam que a tendência a se vincular juventude e problemas sociais, ainda continua, principalmente quando o “perfil” do jovem remete às situações de pobreza, risco social e criminalidade.

É imprescindível se fazer quatro considerações: 1) os estudos de adolescência não precisam se restringir às temáticas tradicionais; 2) deve-se levar em conta as questões de gênero, etnia, inserção cultural, social e valores nos estudos sobre adolescências; 3) pesquisas sobre juventude em classes populares não devem se limitar a adolescentes/jovens autores de infração ou àqueles que se encontram em vulnerabilidade social, pois essas não são as únicas situações sociais em que se encontram jovens de classe populares 4) existem áreas de estudo ainda pouco exploradas, como o campo da adolescência e moralidade. Por exemplo, em um rápido levantamento sobre os resumos produzidos para a V JIRS, verificou-se que, das aproximadamente 600 propostas de trabalho aprovadas pela comissão científica do evento, menos de 3% diziam respeito a valores e virtudes morais e desses somente três se referiam à adolescência.

Justificativa da Pesquisa

Nos últimos anos cresceu o número de estudos que se propõem a expor as condições de vida dos jovens, suas dificuldades, demandas e percepções, com o objetivo de reconhecer a existência de múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e inserções na sociedade como situação socioeconômica, oportunidades, capital cultural e outras (Abramo, 1997; Sposito, 2001).

Esses trabalhos transcendem a lógica de investigar a adolescência a partir da perspectiva de olhar para o adolescente como um problema para ele e para a sociedade. Parte

desses estudos inova ao abordarem outros aspectos da vida dos jovens como cultura, participação política, relações de gênero, projetos de vida indo além das temáticas tradicionais como violência, criminalidade, drogas, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce.

Os estudos de valores na adolescência a partir do aporte teórico das Representações Sociais podem fornecer importante contribuição para os estudos com jovens/adolescentes, por permitir investigar as redes de significados que esses conferem aos valores sócio-morais e por ser um referencial teórico que tem como foco de interesse valores e práticas geradas em um determinado contexto social. Dentre as contribuições específicas de se pesquisar o valor honra a partir de uma perspectiva qualitativa levando em conta o contexto sócio-cultural dos participantes investigados valores destacam-se:

- A produção de conhecimento sobre o tema valores morais na adolescência, que na abordagem teórico-metodológica proposta ainda é um tema pouco estudado, de acordo com a revisão de literatura realizada;

- Subsídios para a discussão sobre o tema adolescência e valores a partir de dados obtidos dos próprios jovens;

- A produção de conhecimento sobre valores a partir da perspectiva de quem os vivenciam e levando-se em conta o contexto econômico, político, social e cultural onde esses valores são produzidos.

- Colaborar como suporte teórico para construção de políticas públicas direcionadas para jovens e adolescentes.

Objetivos

Objetivo Geral:

O objetivo desse estudo foi compreender as Representações Sociais de honra para adolescentes inseridos em contexto de aprendizagem profissional.

Objetivos específicos:

Os Objetivos específicos dessa pesquisa são:

- Constatar se existem diferenças de gênero nas RS de honra de adolescentes do sexo feminino e sexo masculino e a partir de que elementos elas se organizam;
- Compreender as representações sociais desses elementos a partir das situações onde os participantes compreendem que esses estão ausentes, ou seja, situações de desonra;
- Verificar como os adolescentes situam as representações de honra e respeito no contexto social que estão inseridos;
- Verificar se as RS de honra se aproximam de outras representações sociais como RS de homem e mulher e RS de trabalho, constituindo redes de representações.

MÉTODO:

Realização do Pré-Teste

O primeiro passo dessa pesquisa foi realizar um pré-teste para verificar se o termo honra, apesar de não fazer parte dos vocábulos usuais de jovens e adolescentes, era compreensível por esses e testar a funcionalidade de um instrumento de pesquisa contendo termos vinculados ao reconhecimento social e valores. Foram entrevistados 15 adolescentes do sexo masculino, com idades entre 14 e 17 anos inseridos em três situações sociais diferentes: estudantes de uma escolar particular situada em um bairro de classe média alta de vitória (cinco), adolescentes participantes do programa Agente Jovem (cinco) e adolescentes inseridos em um programa de aprendizagem profissional (cinco). Os resultados mostraram

que o instrumento estava adequado aos objetivos e que o termo honra era bem compreendido pelos adolescentes.

Após modificações no instrumento de pesquisa e inclusão de jovens do sexo feminino entre os participantes da pesquisa foi feito outro pré-teste em dois adolescentes aprendizes, um menino e uma menina, para verificar se as questões do instrumento de pesquisa eram entendidas. A partir do segundo pré-teste foram feitas modificações sugeridas pelos próprios entrevistados para tornar o instrumento mais claro para os participantes.

Delineamento Metodológico

Os dados foram trabalhados a partir de uma abordagem qualitativa (Flick, 2004). Optou-se por essa perspectiva visto que as metodologias qualitativas são uma opção importante na construção de uma pesquisa que se proponha a decifrar, de forma fidedigna, como os indivíduos em seu cotidiano compreendem, interpretam e vivenciam a realidade social (Biassoli-Alves & Silva, 1992), ou seja, para se apreender como o campo dinâmico e complexo das representações sociais de honra adquire seus diversos significados, sentidos e valores para o grupo social investigado.

Participantes

Foram entrevistados 22 adolescentes, com idades entre 15 e 17 anos⁸, sendo 11 adolescentes do sexo masculino e 11 adolescentes do sexo feminino, inseridos em um programa de aprendizagem do município de Vitória-ES.

⁸ A faixa etária para a participação de adolescentes em programas de aprendizagem em Vitória é de 14 a 18 anos completos. A legislação brasileira – decreto 5.598 estabelece o limite máximo de 21 anos de idade, porém o Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente de Vitória (CONCAV) em comum acordo com as instituições de aprendizagem de Vitória limitaram a idade máxima de participação a 18 anos.

Procedimentos de Coleta de Dados

Contato com a instituição e autorização para coleta.

Foi escolhida uma instituição inscrita e regularizada no Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente de Vitória (COMCAV), que oferece o programa de aprendizagem profissional há vários anos. Outro critério de escolha foi a opção da instituição de atender somente adolescentes de classes populares, alunos de escola pública ou bolsistas de escolas particulares. Após essa escolha, entrou-se em contato com a instituição para solicitar autorização para realização da pesquisa com os adolescentes participantes do programa “Adolescente Aprendiz”. Para obter o consentimento foram realizadas reuniões com o coordenador e profissionais técnicos (pedagogos, psicóloga e assistente social) para apresentar a pesquisa e explicar como seriam os procedimentos das entrevistas. Além de apresentar a proposta, a pesquisadora firmou o compromisso de retornar a instituição para apresentar os resultados. Apesar do processo de autorização ter sido demorado, o que de certa forma demonstra cuidado e preocupação com os adolescentes atendidos no programa, todos os profissionais do projeto foram bastante solícitos e sempre se dispuseram a colaborar com a pesquisadora quando necessário.

Seleção dos participantes

A pesquisadora se dirigiu às salas onde os jovens têm a parte teórica do programa de aprendizagem e apresentou o projeto de pesquisa, explicando todos os procedimentos, inclusive os éticos, para sua realização. Após essa conversa foi solicitada a colaboração dos adolescentes. Os voluntários tiveram os nomes e turmas anotados e receberam o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) em duas vias, para assinatura em conjunto com os responsáveis, um questionário para caracterização sócio-demográfica e duas questões abertas

sobre motivações para inserção no programa de aprendizagem e percepções de mudanças após a entrada no mesmo.

Os adolescentes demonstraram bastante interesse e curiosidade com a possibilidade de serem entrevistados e na terceira turma na qual o projeto de pesquisa foi apresentado já se obteve o número de participantes necessários para a pesquisa. A proposta inicial era entrevistar somente 20 adolescentes, porém todos que prontamente trouxeram os TCLE assinados pelos responsáveis foram entrevistados, o que aumentou o número de participantes para 22.

O conjunto de participantes foi composto por 11 de adolescentes (06 meninas e 05 meninos) que haviam começado suas atividades no programa recentemente, estava há duas semanas realizando a parte teórica e começado há poucos dias ou se preparando para a parte prática (as atividades nas empresas onde são aprendizes). Também havia 11 adolescentes (06 meninos e 05 meninas) que estavam inseridos no programa, tanto na parte teórica, quanto na parte prática, há mais de um ano.

Realização das entrevistas

Os adolescentes foram entrevistados individualmente na própria instituição, em espaço reservado para esses procedimentos, em horários combinados de forma a não comprometer suas atividades. As entrevistas foram gravadas com um gravador digital e tiveram a duração média de 40 minutos.

Inicialmente tentava-se estabelecer um *rappor*t com os entrevistados os objetivos da pesquisa eram esclarecidos, os procedimentos éticos eram novamente explicados. Eram reforçados o caráter voluntário da participação e o sigilo que envolveria o conteúdo da entrevista, garantindo que somente a pesquisadora e a orientadora da pesquisa teriam acesso às gravações e transcrições do conteúdo das entrevistas. Antes de começar a entrevista era

solicitada a entrega do TCLE assinado em conjunto pelos participantes e respectivos responsáveis.

Explicava-se ao adolescente como seria a entrevista, e se esclarecia que deveria se preocupar em dar uma resposta correta ao que seria perguntado, não havendo certo ou errado no que eles responderiam, que o importante para pesquisa era saber realmente o que pensava, fazia ou sentia sobre os temas da entrevista.

Instrumento

Para a coleta de dados foi utilizado como instrumento um protocolo estruturado de entrevista (Anexo I) dividido em dois blocos:

Bloco 01: Questões sócio-demográficas e perguntas abertas sobre as motivações para entrada no programa Adolescente Aprendiz e percepções de mudanças após inserção no processo de aprendizagem profissional.

Bloco 02: Questões abertas abordando o significado de homem honrado e mulher honrada, conhecimento e existência de pessoas honradas, importância da honra, situações de perda e ofensa à honra para homens e mulheres.

Os instrumentos de pesquisa utilizados nas entrevistas com os meninos e meninas possuíam as mesmas questões, porém com ordem de apresentação distinta. Por exemplo, perguntou-se às adolescentes do sexo feminino o que era uma mulher honrada antes de se perguntar o que era um homem honrado e com os meninos se fez o inverso.

Procedimentos éticos

A pesquisa desenvolvida seguiu os padrões éticos da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que traz as diretrizes e normas reguladoras para a pesquisa envolvendo seres humanos. O projeto de pesquisa foi submetido à análise e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito

Santo, número de registro no CEP: 039/08. A pesquisa pode ser classificada, conforme tal resolução, como sendo de risco mínimo, já que os procedimentos adotados não sujeitaram os participantes a riscos maiores dos que os encontrados nas suas atividades cotidianas.

Os adolescentes participantes da pesquisa assinaram, em conjunto com seus responsáveis, termo de consentimento livre e esclarecido para a participação em pesquisa (Anexo II). Como a coleta dos dados foi realizada na instituição de aprendizagem que os participantes freqüentam, foram necessárias a autorização e a assinatura de termo de esclarecimento e consentimento de pesquisa do diretor da instituição de aprendizagem (Anexo III).

Procedimentos de Análise

Tratamento e organização dos dados

Os procedimentos de tratamento e organização dos dados seguiram a seguintes etapas:

- 1) Preparação do protocolo de transcrição;
- 2) Transcrição das entrevistas;
- 3) Separação das transcrições por gênero;
- 4) Troca dos nomes dos participantes;
- 5) Organização das transcrições por questão;
- 6) Destaque das unidades temáticas encontradas em cada questão;
- 7) Eliminação dos demais conteúdos das transcrições (limpeza da transcrição);
- 8) Agrupamento das unidades temáticas em categorias (por questão);
- 9) Elaboração dos quadros descritivos que apresentam as categorias, unidades

temáticas e unidades de contextos encontradas nas falas dos participantes.

Análise dos Dados

Foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (Vala, 1986) e realizou-se a comparação do arranjo das categorias em termo de funcionalidade, representatividade, coocorrência e alternância nas questões e blocos temáticos (Franco, 2003). Foram verificadas as convergências e divergências de conteúdos e temas intergêneros e intragêneros. Optou-se por definir as categorias *a posteriori* a partir do conteúdo emergente das respostas dos participantes às questões do instrumento (Franco, 2003).

As questões foram agrupadas e analisadas em cinco blocos temáticos:

Bloco 01: Dados sociodemográficos;

Bloco 02: Motivações de entrada no Programa Adolescente Aprendiz;

Bloco 03: Representações Sociais de homem honrado e de mulher honrada.

Bloco 04: Representações Sociais de pessoas honradas.

Bloco 05: Percepções de mudanças após entrada no Programa Adolescente Aprendiz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Organização dos Resultados

Para facilitar a visualização e compreensão dos dados, optou-se por mostrar os resultados por meio de quadros. Os quadros apresentam as categorias encontradas em cada questão. Para evitar uma fragmentação excessiva dos dados, quando necessário foram criadas categorias mais amplas e essas foram subdivididas em subcategorias, chamadas moleculares (Franco, 2003). As categorias mais amplas estão escritas em itálico e as categorias moleculares foram sublinhadas.

Os quadros mostram a representatividade (N) de cada categoria verificada, a partir do número de participantes (PP) que as mencionaram e do número de expressões (E) encontradas. Categorias que contavam com respostas de sete a onze participantes foram

classificadas como predominantes no discurso; categorias presentes nos relatos de quatro a seis participantes foram classificadas como intermediárias e categorias com três participantes ou menos foram consideradas periféricas no discurso.

Foram explicitadas as Unidades de Registro (UR) e as Unidades de Contexto (UC) de cada categoria. Unidades de Registro são as menores partes do conteúdo a ser analisado, podem ser palavras ou temas correspondentes às categorias levantadas e Unidades de Contexto são a parte mais abrangente do conteúdo a ser analisado, contextualizam e dão sentidos às UR's encontradas (Franco, 2003).

Dados Sociodemográficos dos Adolescentes

As tabelas 02 e 03 apresentam os dados sociodemográficos dos adolescentes entrevistados.

TABELA 02
Dados sociodemográficos dos adolescentes do sexo masculino.

<i>Participante⁹</i>	<i>Idade</i>	<i>Religião</i>	<i>Com quem mora</i>	<i>Renda¹⁰ familiar (salários mínimos)</i>	<i>Série Escolar</i>	<i>Tempo de aprendizagem</i>
Alfredo	15	Protestante	Pai, mãe e irmãos	02 e meio	2º ano	03 semanas
Augusto	17	Católica	Pai e Mãe	05	2º ano	12 meses
Bernardo	17	Católica	Pai, Mãe e irmã.	05	3º ano	12 meses
Diogo	16	Católica	Pai, mãe e irmão	02 e meio	2º ano	03 semanas
Douglas	16	Católica	Pai, mãe e irmão	02 e meio	1º ano	03 semanas
Fábio	15	Católica	Pai, mãe e irmão	01 e meio	1º ano	03 semanas
Fernando	16	Protestante	Pai, mãe e irmão	03 e meio	2º ano	02 semanas
Marcelo	16	Católica	Avós, tios, irmão.	04 e meio	2º ano	12 meses
Rômulo	15	Protestante	Pai, mãe, irmã e cunhado.	04	1º ano	12 meses
Sandro	16	Católica	Mãe e avó	03	1º ano	12 meses
Sérgio	17	Não tem	Mãe, irmão e padrasto.	02	1º ano	12 meses

⁹ O nome de todos os entrevistados foi trocado para garantir o caráter sigiloso das entrevistas.

¹⁰ Vale a pena lembrar que o salário mínimo vigente na época das entrevistas (junho e julho de 2008) era de R\$ 415,00.

TABELA 03

Dados sociodemográficos das adolescentes do sexo feminino.

<i>Participante</i>	<i>Idade</i>	<i>Religião</i>	<i>Com quem mora</i>	<i>Renda familiar (salários mínimos)</i>	<i>Série Escolar</i>	<i>Tempo de aprendizagem</i>
Amanda	16	Católica	Pai, mãe e irmão	não informou	2º ano	02 semanas
Andressa	16	Católica	Mãe, irmãos, sobrinhos.	não informou	1º ano	02 semanas
Cecília	15	Católica	Mãe, padrasto.	01	1º ano	02 semanas
Emília	16	Protestante	Pai, mãe e 04 irmãos	02	2º ano	12 meses
Fabíola	16	Católica	Pai	03	1º ano	02 semanas
Joana	16	Evangélica	Pai, mãe e irmã	02	3º ano	12 meses
Kátia	17	Evangélica	Pai e mãe.	02	3º ano	12 meses
Manuela	15	Católica	Pai, mãe e irmãos	02 e meio	1º ano	02 semanas
Paula	15	Protestante	Pai e mãe	01	1º ano	03 semanas
Roberta	15	Protestante	Pai e mãe	não informou	1º ano	02 semanas
Tatiana	17	Evangélica	Mãe e irmão	01 e meio	2º ano	12 meses

Como não foram encontradas diferenças no conteúdo das entrevistas do grupo de maior tempo de aprendizagem e menor tempo de aprendizagem, esse não foi um critério para a realização da análise dos dados. O conjunto de entrevistados foi composto de seis adolescentes (03 meninas e 03 meninos) com quinze anos de idade, 10 (05 meninas e 05 meninos) com dezesseis anos e seis (03 meninas e 03 meninos) com dezessete anos.

Quanto à religião, 12 adolescentes se declararam católicos (05 meninas e 07 meninos); nove se declaram evangélicos ou protestantes (03 meninos e 06 meninas) e um (01 menino) declarou não ter nenhuma religião. O número de meninas que se declararam evangélicas/protestantes, totaliza mais da metade do conjunto de adolescentes do sexo feminino participantes da pesquisa. De acordo com os profissionais técnicos do programa de aprendizagem onde se realizou a pesquisa e com os dados que constam dos prontuários o número de adolescentes evangélicos é elevado, porém ainda não existem levantamentos sobre esses números.

Todos os adolescentes residem com familiares. A configuração familiar de vinte e um entrevistados apresenta ao menos um dos genitores. Quinze adolescentes (08 meninos e 07 meninas) residem com mãe e pai, cinco adolescentes (03 meninas e 02 meninos) com a mãe,

uma adolescente com o pai e um adolescente afirmou morar com avô, avó, tios e irmãos. Além de mãe e (ou) pai, dezesseis participantes (08 meninos e 08 meninas) afirmaram residir também com outros parentes e agregados como avó, irmãs, irmãos, tios, tias, cunhado e (ou) padrasto.

A renda familiar (excluindo o rendimento dos entrevistados) variou entre um e cinco salários mínimos. Quatro adolescentes declaram ter renda menor que dois salários mínimos (03 meninas e 01 menino), oito (04 meninas e 04 meninos) entre dois e três salários, três (02 meninos e 01 menina) afirmaram ter rendimentos familiares de três até quatro salários mínimos e quatro meninos afirmaram que a renda familiar varia de quatro a cinco salários mínimos. Três entrevistadas não declararam a renda familiar. Apesar de não se ter dados precisos sobre quantas pessoas compõem a família de cada entrevistado e de não se ter informações sobre o rendimento de três adolescentes, os meninos entrevistados parecem ter rendimentos familiares maiores que as meninas.

Todos os jovens são escolarizados e cursam o ensino médio em escolas públicas (apesar do programa de aprendizagem também admitir alunos de classes populares bolsistas em escolas particulares). No conjunto de entrevistados havia onze jovens (06 meninas e 05 meninos) no 1º ano do ensino médio, oito jovens (05 meninas e 03 meninos) cursando o 2º ano e três jovens (02 meninas e 01 menino) que estavam no último ano do ensino médio. Não há grande defasagem escolar entre os entrevistados, quase todos apresentam correspondência entre série cursada e idade apresentada. Apenas dois entrevistados (01 menina e 01 menino) apresentam histórico de reprovação em séries posteriores. Os requisitos para se candidatar a uma vaga de aprendizagem no programa são estar no mínimo na sétima série do ensino fundamental e ter entre 14 completos e 15 anos e 10 meses o que exclui a possibilidade de haver entre os participantes do programa jovens com grande defasagem escolar. Uma das exigências para se permanecer no programa de aprendizagem profissional é a frequência

regular à escola e existe acompanhamento da vida escolar e incentivo constante para que os adolescentes se dediquem aos estudos por parte de toda a equipe (educadores, técnicos e coordenação) do programa de aprendizagem.

Motivações para Entrada no Programa Adolescente Aprendiz

As tabelas 04 e 05 apresentam as motivações que levaram meninas e meninos a se inscreverem no programa de aprendizagem profissional.

A categoria *Preparação para a vida* diz respeito a todos os elementos relacionados às competências e características pessoais, como ser responsável, condizentes com o conjunto de competências e habilidades necessárias do padrão de empregabilidade vigente em nossa sociedade (Bruschini, Ricoldi & Mercado, 2008; Neves, 2006) que podem torná-los mais preparados a efetivar uma futura entrada no mercado de trabalho adulto¹¹.

TABELA 04

Motivações para entrada no Programa Adolescente Aprendiz para as entrevistadas do sexo feminino

CATEGORIAS	N	UR	UC
<i>Preparação para a vida (Crescimento pessoal e profissional)</i>	Predominante 11 PP 15 E	Ter experiência profissional Lidar com o mercado de trabalho Adquirir responsabilidade Vontade de aprender	<i>“Quero ter experiência para o mercado de trabalho e ser alguém na vida”. (Manuela)</i>
<i>Ajudar financeiramente a família</i>	Intermediária 04 PP 04 E	Ajudar na renda familiar Situação financeira da família Dificuldades financeiras	<i>“... acho que eu vou poder ajudar minha família em algumas coisas, em casa”. (Amanda)</i>
<i>Independência</i>	Periférica 01 PP 01 E	Para ter independência	<i>“... por vontade própria para começar a ter independência”. (Paula)</i>
<i>Fazer amigos</i>	Periférica 01 PP 01 E	Conhecer amigos	<i>“... conhecer novos amigos e muito mais”. (Tatiana)</i>

¹¹ O Programa Adolescente Aprendiz é submetido ao decreto 5598, de 1º de dezembro de 2005, fundamentado nas CLT's (Consolidação das Leis de Trabalho) que também regulamentam o trabalho adulto e ao Estatuto da Criança e do Adolescente, que considera pessoas menores de 18 anos em situação especial de desenvolvimento, impondo condições especiais e protegidas para o trabalho desses.

TABELA 05:

Motivações de entrada no Programa Adolescente Aprendiz para os entrevistados do sexo masculino

CATEGORIA	N	UR	UC
<i>Preparação para a vida (Crescimento pessoal e profissional)</i>	Intermediária 06 PP 07 E	Para saber mais Adquirir experiência profissional Adquirir responsabilidade	“É legal, além de você aprender um monte de coisa e adquirir experiência profissional...” (Augusto).
<i>Ajudar financeiramente a família</i>	Intermediária 05 PP 05 E	Ajudar em casa Ajudar a família	“Por querer ajudar minha mãe e minha avó. Me inscrevi mais pra ajudar a minha avó, porque eu moro com a minha avó, não moro com a minha mãe, aí precisava de uma ajuda a mais”. (Marcelo)
<i>Independência</i>	Intermediária 04 PP 08 E	Ter o próprio dinheiro Comprar as próprias coisas Não depender dos pais	“Ter meu dinheiro... ter meu dinheiro, comprar minhas coisas”. (Fábio)
<i>Incentivo dos Pais</i>	Intermediária 04 PP 04 E	A mãe inscreveu A mãe sempre incentivou a trabalhar e buscar oportunidades Os pais falaram para ele buscar ocupar o tempo ocioso	“Minha mãe sempre me ensinou a trabalhar e sempre correr atrás de oportunidades”. (Sérgio)

A categoria *Ajudar financeiramente a família* abrange conteúdos que dizem respeito à expectativa de ajudar a melhorar a situação financeira da família devido à remuneração recebida com as atividades de aprendizagem. É importante situar que se trata de jovens de classes populares com renda familiar que vai de um a cinco salários mínimos e os ganhos obtidos no estágio de aprendizagem efetivamente podem fazer diferença na melhora da situação financeira familiar, principalmente naquelas famílias com ganhos financeiros menores. De acordo com Sarti (2007), o trabalho do jovem, apesar de ser considerado secundário em relação ao do provedor principal, já faz parte das obrigações familiares, conferindo ao mesmo um *status* próximo ao de adulto.

A categoria *Independência* aloca conteúdos sobre a conquista de certa independência, principalmente financeira. Essa se deve ao ganho do próprio salário que possibilita aos jovens comprar bens de consumo valorizados pelo grupo social e pelos pares com quem eles convivem (Kehl, 2004) como roupas, celulares, aparelhos de mp3, ter acesso a lazer sem necessariamente depender dos adultos responsáveis para isso¹². Há uma desobrigação dos

¹² Ver o texto o jovem como sintoma de cultura de Kehl, 2004

responsáveis de proverem esses itens vistos como “supérfluos”, cuja aquisição possivelmente seria improvável se esses adolescentes não tivessem renda própria. Autores como Madeira (1993) e Sarti (2007) afirmam que o trabalho não só se configura como uma obrigação de um jovem de classe popular, mas também representa a afirmação da independência do mesmo por possibilitar a conquista de liberdade e o acesso aos bens de consumo e a padrões de comportamento valorizados pelos jovens urbanos.

Durante o período de coleta de dados, foi possível conversar informalmente com vários jovens que freqüentavam o programa de aprendizagem profissional. Nessas conversas tentava-se investigar o que os adolescentes costumavam fazer com o salário ganho e o que costumavam comprar. Além de contribuir com parte do salário ou benefícios, como vale alimentação recebidos na empresa, para atender as necessidades da família, grande parte dos jovens utilizava o dinheiro para sair com os amigos no fim de semana, comprar roupas e acessórios da moda como cordão de prata e aparelho celular (era impressionante a sofisticação de alguns celulares portados por adolescentes da instituição de aprendizagem).

Fazer amigos (01 participante – quadro 03) e *Incentivo dos pais* (04 participantes – quadro 04) foram categorias que apareceram de forma exclusiva no conteúdo das entrevistas de meninas e meninos, respectivamente. Fazer amigos refere-se à possibilidade de ampliar as redes sociais, especialmente com pares da mesma idade por se estar em um ambiente onde a convivência e as situações de socialização com jovens da mesma faixa etária e situação social são constantes. A categoria *Incentivo dos pais* (quadro 04) abrange conteúdos ligados ao suporte dado principalmente pela mãe (03 PP), considerado importante na decisão do adolescente de se inserir em um programa de aprendizagem e inclui entre as UR temas como o apoio para trabalhar, a busca de oportunidades, incentivo para procurar uma atividade que ocupasse o tempo ocioso e terem sido inscritos pelos genitores na seleção da aprendizagem. Vale destacar que só entre os meninos aparece o trabalho como proteção/ocupação.

É importante ressaltar, que apesar dessas três categorias fazerem parte do conteúdo das motivações de meninas (quadro 03) e meninos (quadro 04) para entrada no programa de aprendizagem profissional, elas tomam configurações diferentes em cada grupo. As jovens têm como motivação predominante e unânime a *Preparação para vida* (11 pp's). As outras categorias como *Ajudar financeiramente a família* (04 pp's) e *Independência* (01 pp) se fazem presentes de forma muito mais branda, podendo ser classificadas como intermediária (04 pp's) e periférica respectivamente, no discurso das entrevistadas.

No Brasil, a partir da década de 1970, com a industrialização, aumento da escolarização e difusão dos métodos contraceptivos houve crescente aumento da participação feminina nos postos de trabalho¹³. Porém, esse aumento na quantidade de mulheres ocupando postos de trabalho não veio acompanhado de qualidade de postos de trabalho, ou seja, proporcionalmente mulheres ainda ocupam mais vagas subalternas, com menos possibilidades de ascensão profissional e com menos exigências de qualificação que os homens (Bruschini, Ricoldi & Mercado, 2008; Neves, 2006). Para as adolescentes entrevistadas essa situação é vivenciada na própria comunidade onde mães, tias e avós ou se ocupam somente dos cuidados da casa ou exercem atividades profissionais de baixa qualificação e baixos salários como trabalho de diarista ou empregada doméstica. A entrada no programa de aprendizagem profissional pode ser vista, por essas jovens, como oportunidade de qualificação profissional, entrada no mercado de trabalho e uma possível ascensão profissional. Como a função de prover financeiramente a família ainda é atribuída primeiramente aos homens, principalmente em classes populares (Sarti 2007), para as jovens contribuir para o sustento da família não foi um motivo predominante e a independência financeira foi mencionada somente por uma participante.

¹³ Importante lembrar que para mulheres de classe popular, o trabalho extradoméstico não é uma novidade. A principal novidade é a valorização do trabalho feminino que passa a ser visto como algo positivo, ao contrário do que ocorreu no início do século quando o trabalho externo poderia colocar a reputação da mulher em risco.

Para os meninos não há um motivo predominante e sim um conjunto de quatro categorias intermediárias: *Preparação para a vida* (06 pp's), *Ajudar financeiramente a família* (05 participantes), *Independência* (04 pp's) e *Incentivo dos Pais* (04 pp's). É socialmente esperado que jovens do sexo masculino de classe popular comecem a trabalhar mais cedo que jovens do sexo feminino, que contribuam com o sustento da casa e não sejam dependentes dos pais. Em pesquisa (Oliveira, 2005) sobre provedores principais e secundários com famílias de várias inserções econômicas e sociais constatou-se que os filhos homens têm uma participação de maior peso na provisão em famílias com escolaridade média (ensino médio incompleto), correspondente com o nível de escolaridade dos adolescentes entrevistados. Foi constatado também que os filhos do sexo masculino contribuem com mais expressão para a renda familiar que as filhas do sexo feminino. Essas motivações se articulam em torno de elementos de Representações Sociais da masculinidade, que incluem ser trabalhador, provedor e bem-sucedido (Trindade, Nascimento & Gianórdoli-Nascimento, 2006), e que podem ter contribuído para orientar a decisão de participar de um programa de aprendizagem.

As categorias *Preparação para a vida*, *Ajudar financeiramente a família* e *Independência* vão ao encontro de pesquisas sobre trabalho e juventude feitas nos últimos anos como o Perfil da Juventude Brasileira (2004) feito do Instituto Cidadania. Esse estudo foi um *survey* realizado com jovens de 15 a 25 anos, de diversos segmentos sociais, sobre os principais conceitos associados ao trabalho. Como resultado para jovens com renda familiar de até cinco salários mínimos têm-se, em ordem de importância, a necessidade, a independência e o crescimento como os mais relacionados pelos jovens ao trabalho.

Essa busca para se adquirir certas características referentes ao discurso sobre a importância de aquisição e aperfeiçoamento de características individuais, não é encontrada exclusivamente em adolescentes de classes populares. Barbosa (2008), em estudo com

adolescentes de classe média e classe média alta que passam pela experiência de intercâmbio, aponta como motivações predominantes para a inserção em programa de estudos e moradia fora do país a aquisição de responsabilidade, maturidade e independência, características similares às apontadas pelos entrevistados nas motivações de entrada no programa de adolescente aprendiz.

Os participantes dessa pesquisa e do estudo conduzido por Barbosa (2008) obviamente apresentam muitas diferenças quanto ao contexto econômico e social que os circunda, porém, ambos estão inseridos em uma sociedade capitalista onde o discurso de aquisições de características individualistas que os capacita para um futuro se faz presente. Cada conjunto de participantes, de acordo com as condições e recursos acessíveis a procurou experiências que acreditaram possibilitar a aquisição dessas qualidades. Entrar em um programa de intercâmbio ou entrar em um programa de aprendizagem profissional, apesar de situações muito distintas têm em comum o fato de serem experiências externas à esfera familiar.

É possível inferir que a motivação desses adolescentes de participar do programa de aprendizagem seja pelo fato desse ser um meio que encontraram de se inserirem no mundo adulto visto que possibilita ao jovem a oportunidade de adquirir experiência e qualificação profissional e se preparar para entrar no mercado de trabalho sem abrir mão da escolarização. O programa também permite que os adolescentes contribuam para o sustento da família e sejam financeiramente independentes e obtenham os requisitos para se alcançar o *status* social de jovem adulto responsável trabalhador e bem sucedido relacionado às representações sociais de homens e mulheres honradas que serão discutidas na sessão seguinte.

Representações Sociais de Homens e Mulheres Honradas

As tabelas 06, 07, 08 e 09 apresentam as RS de homens honrados e mulheres honradas dos entrevistados. Para evitar a pulverização dos dados e a perda de elementos

representacionais optou-se por dividi-las em duas grandes categorias, *Aspectos Egocentrados* e *Aspectos Sócio-centrados* e essas em subcategorias, quando necessário. Explicitamos abaixo os critérios utilizados para incluir as respostas em cada uma dessas categorias.

Aspectos egocentrados

Essa categoria reúne elementos como adjetivos ou expressões que mostrem como preocupação principal conseqüências para os próprios indivíduos, conseqüências egocentradas. O que o indivíduo demonstra ser interfere na percepção que as pessoas terão dele. Por exemplo, a tabela 08 traz o adjetivo *bondoso* como unidade de registro da categoria atributos individuais para o homem honrado. A bondade é uma virtude relacional, uma pessoa só pode ser bondosa para com outra. Porém esse elemento foi classificado como egocentrado visto que o fim principal não é o ato de bondade em si, nem a conseqüência para a pessoa que o recebeu e sim a visibilidade social positiva que o indivíduo que o praticou passa a ter.

Aspectos sócio-centrados

A categoria *Aspectos sócio-centrados* reúne elementos como verbos e expressões que mostrem, como preocupação principal, formas socialmente aprovadas de se relacionar. Os comportamentos reunidos nessa categoria refletem uma preocupação com as conseqüências que esses terão sobre os outros indivíduos dos grupos sociais dos quais fazem parte. Ela se subdivide na categoria Aspectos sócio-centrados relacionados à sociedade que compreende atos de civilidade e ética como a educação, o respeito ao próximo, a conduta ética nos relacionamentos interpessoais e a obediência às leis, como não cometer crimes, e em Aspectos sócio-centrados relativos à família.

A tabela 06 traz as Representações Sociais de mulher honrada das jovens entrevistadas. A subcategoria Moral sexual está presente de forma predominante no discurso

(09 participantes e 22 expressões) e abrange elementos como a valorização do pudor sexual, o comportamento não-promíscuo, a fidelidade conjugal e se preocupar em manter a imagem de mulher recatada nos grupos sociais dos quais faz parte.

Os atributos pessoais positivos como corajosa, trabalhadora, responsável, de caráter, estudada, relacionados a uma boa imagem social ligada à identidade ocupacional também se fazem presentes de forma predominante (08 participantes e 14 expressões), porém com menos força que a categoria anterior. Bem-sucedida, ligado à obtenção de sucesso apresenta-se como periférica com somente uma participante e uma expressão.

TABELA 06

RS de Mulher honrada para as entrevistadas

	CATEGORIAS	N	UR	UC
Aspectos egocentrados	<u>Moral Sexual</u>	Predominante 09 PP 22 E	Se dá ao respeito Se valoriza Não mal vista Não se dá ao desfrute Recatada Não trai a confiança do marido	<i>Mulher honrada? Acho que é não ser mal vista pelos outros, é ter respeito por ela mesma primeiro. Mal vista se tiver um fato ocorrendo, ela sair ficando com todo mundo, isso é contra as leis da sociedade, mulher não pode sair ficando com todo mundo senão é puta, mas eu acho que ela tem que dar o respeito a ela primeiro, ela tem que se valorizar, não deixar que as pessoas façam juízo, mas que seja o que ela quiser mesmo ser.</i> (Emília)
	<u>Atributos pessoais positivos.</u>	Predominante 08 PP 14 E	Corajosa De atitude Trabalha Responsável Batalhadora De caráter Estudada Vencedora	<i>“Uma mulher corajosa, que batalha pelo que ela quer, e que seja respeitada pela sociedade. Coragem, respeito, atitude. Ah, atitude, você correr atrás das coisas que você quer, caráter e personalidade.”</i> (Amanda)
	<u>Bem-sucedida</u>	Periférico 01 PP 01 E		<i>“Eu acho que uma mulher honrada pode ser alguém que tem seus objetivos alcançados”. (Joana)</i>
Aspectos Sócio-centrados	<u>Com a família</u>	Intermediário 04 PP 04 E	Sabe administrar a casa Cuida da família Tem marido, filhos e cuida.	<i>“... se for uma mulher casada que sabe administrar o seu lar, tem seus filhos e sabe lidar com os filhos”.</i> (Roberta)

Aspectos sócio-centrados relativos à família é uma categoria intermediária (04 participantes e 04 expressões) e aponta a ética do cuidado como elemento da RS de mulher honrada para as entrevistadas. É como se coubesse à mulher a incumbência natural de manter o funcionamento harmônico do espaço privado devido às características que se atribui às

mesmas como a habilidade com tarefas domésticas, saber cuidar e gostar de crianças, paciência, docilidade e indissociação entre maternidade e feminilidade. (Sorj, 2004)

Na tabela 07 são apresentadas as Representações Sociais de mulher honrada para os jovens do sexo masculino entrevistados. A subcategoria Atributos pessoais traz dedicação, honestidade, humildade, inteligência, perseverança, sabedoria, responsabilidade e ser trabalhadora como indicadores de mulheres honradas. Apresenta-se na configuração das Representações Sociais como predominante e unânime (11 participantes e 22 expressões).

TABELA 07:
RS de mulher honrada para os entrevistados do sexo masculino

	CATEGORIAS	N	UR	UC
Aspectos egocentrados	<u>Atributos pessoais</u>	Predominante 11 PP 21 E	Dedicada Honeste Humilde Inteligente Perseverante Responsável Sábica Trabalhadora	<i>“Que seja trabalhadora... seja boa pessoa, seja uma pessoa sábica e mais ou menos isso”.</i> (Alfredo)
	<u>Moral Sexual</u>	Intermediária 04 PP 09 E	Distinta Se dá ao respeito Se valoriza	<i>“Mulher honrada? Para mim não é honrada aquela que fica com todo mundo. Aquela que é mais reservada, mais preservada, pra mim é isso... A mulher honrada eu creio que ela se cuida (no sentido de) preservação do seu corpo, da sua mente”.</i> (Sérgio)
	<u>Bem-sucedida</u>	Periférica 01 PP 01 E	Vencedora	<i>“Mulher honrada acho que ter lutado por seus objetivos e ter conseguido”</i> (Marcelo)
Aspectos Sócio-centrados	<u>Família</u>	Periférica 04 PP 07 E	Cuide dos deveres de casa Cuide dos filhos Falar com aquele jeitinho, que acalma a pessoa.	<i>“Igual a minha mãe, eu considero a minha mãe uma mulher muito batalhadora, honrada porque ela separou do meu pai, mas cuida do meu pai porque ele tem um problema de bebida alcoólica, ela cuida do meu pai no que ele está precisando, a minha mãe é um pai e uma mãe dentro de casa”.</i> (Augusto)
	<u>Sociedade</u>	Periférica 04 PP 05 E	Legal com os outros Respeitadora	<i>“... Ah, o respeito, se ela trata a pessoa com respeito, com dignidade, se ela é legal com a pessoa, tem um entrosamento bom, é isso aí...”.</i> (Douglas)

A subcategoria Moral sexual (04 participantes e 09 expressões) é composta de elementos ligados ao recato sexual feminino como a distinção e a preservação do corpo. Connel (1987) afirma que junto com os modelos de masculinidades hegemônicas, também

existe um modelo de feminilidade “subordinada” que o acompanha que tem como características a sociabilidade, a fragilidade, a passividade, a aceitação dos desejos e vontades masculinos, a receptividade sexual, condizentes com os elementos da moral sexual feminina listados pelos participantes.

A categoria *Aspectos sócio-centrados* subdivide-se em Família com elementos ligados à ética do cuidado como intermediários na RS (04 participantes e 07 expressões) e Sociedade com elementos característicos da civilidade, como ser legal e respeitar os outros e também se apresenta como intermediária (04 participantes e 05 expressões).

TABELA 08:
RS de homem honrado para as entrevistadas

	CATEGORIA	N	UR	UC
Aspectos egocentrados	<u>Atributos pessoais</u>	Predominante 11 PP 32 E	Bom caráter Decidido Modesto Responsável De atitude Trabalhador	<i>“Homem que pode assumir as suas atitudes, que sabe o que ele quer, acho que é isso. Acho que também vai pela atitude dele, modo de pensar, que não vê as coisas assim, porque tem homem que não quer saber de nada, que não quer assumir as responsabilidades.” (Joana).</i>
	<u>Ser bem sucedido</u>	Periférico 03 PP 03 E	Conseguir chegar aonde chegou Querer ser “um grande na vida”	<i>Como minha mãe, meu tio nasceu num lugar muito pobre, numa região do Brasil muito pobre, ele cresceu hoje ele tem casa, ele tem carro, ele é evangélico, ele é pastor de uma igreja, então eu o considero uma pessoa honrada. (Paula)</i>
Aspectos sócio-centrados	<u>Sociedade</u>	Intermediário 05 PP 07 E	Ser educado Ser legal Não cometer crimes Ser respeitador	<i>“... que não faça coisas erradas como, vários tipos de coisas erradas, não roubar, não matar, drogas”. (Tatiana)</i>
	<u>Família</u>	Intermediário 05 PP 09 E	Cuida da família Cuidado com a família Respeita a esposa Sério com a namorada Trata a esposa bem	<i>“Pra mim o homem honrado se tiver família, primeiro, dentro de casa”. (Kátia)</i> <i>“... trata a esposa bem, cuida da família, é o namorado que não quer brincar, não quer fazer coisa errada”. (Paula)</i>

A tabela 08 apresenta as Representações Sociais de homem honrado das adolescentes entrevistadas. A categoria *Aspectos egocentrados* se divide em Atributos pessoais e Ser bem-sucedido. Os atributos pessoais aparecem de forma unânime e predominante (11 participantes e 32 expressões) e abrange qualidades como ser bom caráter, a modéstia, a responsabilidade e

o ser trabalhador. Ser bem-sucedido se apresenta de forma periférica (03 participantes e 03 expressões) elencando fatos indicadores de sucesso e visibilidade social como o alcance de metas e o desejo de crescimento pessoal e profissional.

A categoria *Aspectos sócio-centrados* reparte-se em Aspectos relativos à sociedade (05 participantes e 07 expressões) e Aspectos relativos à família (05 participantes e 09 expressões), ambas caracterizando-se como intermediárias nas RS de homem honrados das meninas entrevistadas. Aspectos relativos à sociedade tem unidades de registro ligadas à civilidade como ser respeitador, ser educado e ser legal e unidades de registro ligadas ao cumprimento das leis, como não cometer crimes. Aspectos relativos à família traz UR's com significados ligados ao cuidado/proteção da família e ao bom tratamento dado à companheira/namorada.

A tabela 09 apresenta a configuração das Representações Sociais de homem honrados para os meninos. *Aspectos egocentrados* compreende a categoria “Atributos pessoais positivos” de forma predominante e unânime (11 participantes e 38 expressões), com unidades de registro ligadas à luta para se alcançar os objetivos (a perseverança, o ser trabalhador, o ser responsável) e as virtudes morais necessárias nesse processo (ter caráter, ter princípios, ser confiável, ser honesto, sábio).

O *modo de se relacionar na sociedade* aparece como predominante (07 participantes e 19 expressões) e abrange atos de civilidade como ser educado, ser altruísta, ter ética e atos de legalidade como não cometer crimes. Modo de se relacionar com a família configura-se de forma periférica e abrange o comportamento não violento e não covarde com a mulher e os filhos.

TABELA 09:

RS de homem honrado para os entrevistados do sexo masculino

	CATEGORIA	N	UR	UC
Aspectos egocentrados	<u>Atributos pessoais positivos</u>	Predominante 11 PP 38 E	Trabalhador Perseverante Honesto Responsável Confiável Bondoso De caráter De princípios Sábio	<i>“É uma pessoa que não faça nada de mal, uma pessoa trabalhadora, que se esforça pra ter suas coisas, é isso”. (Alfredo)</i>
	<u>Sociedade</u>	Predominante 07 PP 19 E	Não cometer crimes Ser ético Ser respeitador Ser educado Ser altruísta	<i>“Uma pessoa que tem bastante ética, que tem moral, é isso daí. Ética e moral, os dois são praticamente sinônimos, um é interligado ao outro é você ter educação”. (Diogo)</i>
Aspectos sócio-centrados	<u>Família</u>	Periférico 01 PP 01 E	Não bater na criança e nos filhos	<i>“É um homem que não seja covarde também, não faça coisas do tipo bater na mulher e em crianças, entendeu, tipo pedofilia eu também acho muito covarde”. (Sérgio)</i>

Atributos Pessoais, subcategoria de *Aspectos Egocentrados* pode ser entendidos como características individuais consideradas socialmente positivas que levam o indivíduo a uma posição de destaque ou reconhecimento social, relacionadas a uma identidade ocupacional positiva (Jacques, 1997). Compreende elementos que significam o esforço para obtenção de sucesso como ser trabalhador, lutar para conseguir, se dedicar e a conduta moral (honestidade, caráter, bondade) que se deve ter nesse processo de busca pelo espaço sucesso profissional. O auto-reconhecimento e o reconhecimento do grupo social desse combinado de virtudes são as condições que tornam homens e mulheres honrados. É necessário lutar para alcançar o objetivo almejado, mas é moralmente condenável utilizar artifícios como a desonestidade e passar por cima de alguém para conseguir algo.

Moral Sexual, categoria predominantemente feminina – aparece somente de forma periférica (tabela 19) quando o assunto é a perda da honra para homens - refere-se a condutas e práticas sexuais como o recato, não promiscuidade, fidelidade conjugal, discrição nos comportamentos, gestos, modo de falar e de se vestir. São regras de condutas ligadas à sexualidade feminina, que quando não obedecidas podem levar, na visão dos entrevistados, à

“má fama” da mulher na sociedade. É uma subcategoria muito presente nas respostas dos participantes, principalmente nas do sexo feminino.

Bem-sucedida(o) refere-se a conquistas ligadas à obtenção de algo, como sucesso profissional, um bom emprego, realização de um curso superior, obtenção de bens duráveis como casa e carro, sempre como consequência de luta e esforço dos participantes. É perseverarem em um objetivo e alcançá-lo. Apesar de presente nas RS de mulher honrada dos participantes, quando ocorre não é definida com muita clareza, fala-se genericamente sobre vencer e obter sucesso. Já nas falas das entrevistadas as RS sociais de homem honrado como bem-sucedido são bastante claras e referem-se à obtenção de posição de destaque dentro da comunidade, como ser uma liderança religiosa (ver unidade de contexto tabela 06) ou ter um bom emprego que dá condições de adquirir bens duráveis como casa e carro e, conseqüentemente, manter uma família com conforto¹⁴. São objetivadas em exemplos de pessoas com as quais as participantes convivem, como o pai ou o tio. Essas pessoas, apesar de consideradas honradas e bem-sucedidas pelas participantes, não têm um padrão econômico muito alto, portanto ser bem-sucedido, para elas, não significa ser rico ou ter um alto padrão de vida.

Aspectos sócio-centrados relativos à família incluem condutas idealizadas e valorizadas, ancoradas em representações sociais de práticas de homens e mulheres adultos na família. Para os homens ser bom pai, não maltratar filhos e esposa, ser sério com a companheira, demonstrar cuidado e afeto para com os filhos. Para as mulheres faz-se presente o que autores como Gilligan (1997) e Montenegro (2003) denominam de ética do cuidar, exclusiva, pelo menos nessa pesquisa, do discurso sobre práticas e representações sociais do feminino.

¹⁴ Ter uma vida confortável não deve ser confundida com enriquecimento, essa pretensão não se faz presente na fala de nenhum dos participantes, ser bem-sucedido, no entender dos participantes é conseguir obter um padrão de vida com condições de sustentar uma família.

Ter cuidado adquire significados diferentes para homens e mulheres: para homens cuidar restringe-se a proteger, dar segurança e prover a família; para mulheres o cuidado tem uma compreensão generalizada, que objetiva a manutenção da harmonia familiar a partir de práticas como o desvelo com as tarefas domésticas, como limpeza da casa, preparo da alimentação para a família, tomar conta dos filhos, conciliar os conflitos e se ocupar das pessoas doentes e idosas da família. Pesquisas apontam (Simmons, 2004, Sorj, 2006) que as expectativas sociais sobre trocas emocionais, sobre quem dá e recebe apoio dentro das relações familiares são assimétricas, sendo o cuidado predominantemente atribuído às mulheres e funcionando como um elemento de valorização moral dessas.

O cuidado é uma prática tida como da esfera privada e continua a ser uma atribuição doméstica e feminina. Segundo algumas autoras (Araújo & Scalon 2005; Batthyany, 2004) é cerceado pelas concepções de gênero, mas não se pode perder de vista que a falta de investimentos públicos em creches, serviços de saúde, espaços públicos de cuidado contribui e reforça essa prática principalmente em famílias com poucos recursos financeiros e que não podem pagar por serviços privados que visem o cuidado.

Existência de homens e mulheres honrados

As justificativas apresentadas para a existência ou não de mulheres honradas foram divididas em três categorias: justificativas sociais, justificativas específicas de um grupo e justificativas individuais. Alguns participantes utilizaram mais de um tipo dessas justificativas em suas respostas, portanto o número total de respostas utilizadas é maior que o número de participantes que confirmaram ou refutaram a existência de homens e mulheres honradas. Doise (2002) propõe uma metodologia de análise dos fenômenos de ordem representacional que articula explicações de ordem individual e de ordem societal. De acordo com o autor são quatro os níveis de análise propostos pela denominada Psicologia Societal, vertente teórico-

metodológica da Teoria das Representações Sociais: 1)intra-individual, 2)inter-individual e situacional, 3)intergrupar, 4) ideológico (macrossocial).

O primeiro nível de análise tem foco nos processos intra-individuais, ou seja, as explicações baseiam-se na forma como as pessoas ordenam cognitivamente suas experiências no meio onde se insere. O segundo nível abarca processos inter-individuais, ou seja, os fenômenos são justificados a partir das trocas simbólicas e dos processos de comunicações que ocorrem entre indivíduos de um mesmo grupo social.

O terceiro nível de análise articula as explicações fundamentadas nas diferentes posições que diferentes indivíduos ocupam dentro da sociedade e analisa como essas posições influenciam as explicações do primeiro e segundo nível de análise. Geralmente diz respeito a grupos que têm *status* social diferenciado dentro da sociedade. O quarto nível de análise é caracterizado por focar-se em um sistema macro-social, baseado em sistema ideológico de normas, valores e crenças que guiam a conduta dos indivíduos dentro de determinada sociedade.

As justificativas sociais (JS) ancoram-se na percepção por parte dos entrevistados da mudança de aspectos culturais, morais e valorativos relativos à visão de mundo (Goldemberg, 1991, p. 68) compartilhada pelos indivíduos de determinada sociedade. Correspondem ao quarto nível de análise da Psicologia Societal.

As justificativas específicas de um grupo (JEG) ancoram-se em explicações individualizantes que atribuem a um grupo específico, no caso homens ou mulheres, características naturalizantes ou não, consideradas responsáveis pelas condutas e práticas dos mesmos. Foram encontrados dois tipos de justificativas individualizantes: JEG relativas ao modo de ser, abrangendo características do indivíduo ou de um grupo de indivíduos valorizadas ou desvalorizadas (no caso de avaliação de ausência de honra) socialmente e JEG referentes ao modo de se relacionar na sociedade e na família. É interessante notar que as

categorias que compõem as RS de homens e mulheres honradas reaparecem no discurso dos entrevistados sobre a existência ou não de homens e mulheres honradas. Correspondem ao terceiro nível de análise da Psicologia Societal

Justificativas Individuais (JI) são obtidas a partir do processo representacional de objetivação, sustentado por condutas de pessoas da comunidade ou em situações observadas pelos entrevistados ou vivenciadas por pessoas próximas a ele. Refere-se à experiência do indivíduo, relaciona-se ao segundo nível de análise da Psicologia Societal. O primeiro nível de análise não foi identificado no conteúdo das entrevistas.

Existência de mulheres honradas.

A tabela 10 apresenta as justificativas para a existência de mulheres honradas, separadas pelo gênero dos entrevistados.

TABELA 10:

Justificativas para a existência de mulheres honradas para os entrevistados

			Meninas		Meninos		
	N	UR	UC	N	UR	UC	
JS	02	Valorização social da mulher	<i>“Eu acho que as mulheres, estão podendo ter oportunidade de independência também... até hoje as mulheres não são completamente aceitas na sociedade, assim digamos, mas elas vão chegar lá” (Roberta).</i>	02	Valorização Social da mulher	<i>“Existem sim. É porque não tem mais isso, ah mulher tem que ficar dentro de casa, trabalhando”.</i> (Marcelo).	
JEG	07	Determinação Independência Valorização (não sexual)	<i>“A mulher veio ganhando espaço no meio profissional, acho que a mulher está mais cabeça assim, ta pensando mais nela, na vida, acho que sim, que tem muita mulher honrada”.</i> (Paula)	07	Trabalhadoras Cuidadoras Afetividade com o outro	<i>“Com certeza. Mulheres são aquelas mais batalhadoras... elas têm mais valor, mais valor sentimental, cuida mais, têm mais cuidado”.</i> (Augusto)	
JJ	-	-	-	03	Já encontrou muitas Exemplo da mãe	<i>“Eu vou botar pelo fato minha mãe. Minha mãe foi uma pessoa que sempre ensinou o certo e o errado pra mim e pro me irmão, sempre aconselhou eu e meu irmão, quando vai fazer algo ela apóia, o certo, o errado”.</i> (Douglas)	

Ao indagar aos participantes se atualmente existem muitas mulheres honradas, onze participantes responderam que sim, existem mulheres honradas (07 meninos e 04 meninas) e onze adolescentes responderam que não, não existem muitas mulheres honradas (07 meninas e 04 meninos). Quatro meninas afirmaram existir muitas mulheres honradas atualmente. Apesar das justificativas utilizadas se referirem aos diferentes níveis de análise (*JS*, *JEG* e *JJ*), a ancoragem é a mesma: o fenômeno da emancipação feminina. Conseqüentemente, o processo da entrada no mercado de trabalho por mulheres, vivenciados pelas adolescentes entrevistadas é considerado algo honroso.

Sete meninos afirmaram que existem muitas mulheres honradas atualmente. As *JS*'s baseiam-se na aceitação e valorização social da entrada da mulher no mercado de trabalho. As *JEG*'s conferem às mulheres o *status* de trabalhadora, atributo pessoal positivado e requisito de honra em classes populares (Sarti, 2007) e fazem uso de elementos como a afetividade e a facilidade para cuidar das pessoas, presentes na ética do cuidado naturalizada como prática feminina. As *JJ*'s justificam a existência de mulheres honradas a partir da convivência com muitas mulheres, principalmente com as mães, que aparecem no discurso dos entrevistados como uma figura central relacionada à RS de honra, principalmente feminina. As mães foram as pessoas mais citadas quando se perguntou sobre o conhecimento de pessoas honradas (tabela 25) e para os entrevistados do sexo masculino uma das situações de ofensa à honra relaciona-se a ter a mãe “xingada”

A tabela 11 traz as justificativas da não existência das mulheres honradas. Sete entrevistadas avaliaram que não existem muitas mulheres honradas, a partir de cinco *JS* e quinze *JJ*. Entre as justificativas sociais dadas pelas participantes estão: o fato das meninas dessa geração não serem mais honradas, a desvalorização social do recato feminino, mudanças consideradas negativas na sociedade e “crise” na instituição familiar. As justificativas específicas são predominantes e novamente demonstram uma preocupação com

a moral sexual, como por exemplo, o fato das mulheres não fazerem questão em casarem virgens, o envolvimento feminino com a criminalidade, principalmente com o tráfico de drogas, o não cumprimento do papel de cuidadora e o desleixo com a aparência.

TABELA 11:

Justificativas para não existência de mulheres honradas dos entrevistados

		Meninas			Meninos		
	N	UR	UC	N	UR	UC	
JS	05	Meninas dessa geração não são honradas Mudanças no mundo Desvalorização do pudor/recato feminino pela sociedade Mudanças negativas no mundo Problemas na família (instituição)	“... o mundo mudou demais. Acho que até pela minha geração, acho que não tenha muitas mulheres honradas e a tendência é só piorar”. (Emília)	03	Desrespeito com o outro Falta de solidariedade egoísmo	“... ninguém respeita mais ninguém, só pensam em si mesmos, não fazem atitudes boas para as outras pessoas, é por aí”. (Alfredo)	
JEG	15	Diminuição do pudor/recato feminino Envolvimento com o crime Não demonstram ser mais honrada. Descuido com a família Desleixo com a aparência	“Antes a honra, assim agora colocando tudo da vida da mulher, a pureza dela era mais considerada antes, hoje em dia nem todo mundo se casa por amor, ou às vezes nem todas as mulheres se casam mais virgens hoje em dia”. (Kátia)	04	Diminuição do pudor/recato feminino Envolvimento com o crime	“Têm meninas que se desvaloriza, na minha escola têm meninas que querem chamar a atenção e acaba tendo aquela fama dela”. (Bernardo)	

Os entrevistados do sexo masculino apresentaram 03 JS's e 04 JEG's para a não existência de muitas mulheres honradas. Entre as JS's mencionadas estão o desrespeito, a falta de solidariedade e o egoísmo generalizados na sociedade. As JEG's elencadas relacionam-se à ausência da moral sexual feminina e ao envolvimento das mulheres com o crime, elementos também presentes no discurso das adolescentes entrevistadas.

Existência de homens honrados.

A tabela 12 apresenta as justificativas para a existência de homens honrados pelos entrevistados. Ao se perguntar aos participantes sobre a existência de homens honrados nove

(05 meninas e 04 meninos) responderam afirmativamente e treze (06 meninas e 07 meninos) responderam que não existem muitos homens honrados atualmente.

Entre as justificativas sociais aparecem comportamentos esperados de um homem honrado na sociedade e na família como serem educados no trato com as pessoas e compromisso com a família, protegendo, provendo as necessidades materiais e afetivas. É citada também a aceitação mais igualitária da mulher dentro da sociedade, o que faz com que homens e mulheres se relacionem melhor. Atributos pessoais positivos como o ser trabalhador, elemento presente com bastante frequência nas RS de homem honrado entre classes populares, e se valorizar, no sentido de ter autoestima, também figuram entre as JEG's elencadas pelas participantes. Uma participante relatou (JI) que a maioria dos homens de sua convivência são honrados.

TABELA 12:

Justificativas para a existência de homens honrados para os entrevistados

			Meninas		Meninos		
	N	UR	UC	N	UR	UC	
JEG	07	Educação Atitude Compromisso com a família Trabalhador Se valorizam Valorização das mulheres pelos homens	<i>“Têm aqueles homens que ainda demonstra a sua honra com a sua família, e também no seu serviço, no seu ambiente de trabalho”. (Kátia)</i> <i>“Os homens estão aceitando mais as mulheres, eles estão aprendendo mais a valorizar as mulheres, igual antigamente o homem falava e a mulher tinha que abaixar a cabeça e ele se achava, hoje em dia não, homens e mulheres conseguem se dar muito bem.” (Roberta).</i>	03	Todo homem é honrado Perseverança Querem seguir as normas	<i>“Existem, porque têm muitos que não se deixam levar pelos problemas do dia-a-dia, sabem dividir as coisas”. (Marcelo)</i>	
JI	01	Conhece muitos homens honrados	<i>“Eu creio que sim, nem todo mundo vai pra esse lado, mas eu conheço muitos homens que são honrados, conheço muitos que não são, mas a maioria sim.” (Paula).</i>	01	Consegue perceber se um homem é honrado ou não	<i>“Porque hoje em dia você encontra vários tipos de pessoas, conhece muitas pessoas, só no fato dela falar você já percebe se ela é uma boa pessoa ou má” (Douglas).</i>	

As adolescentes entrevistadas apresentaram oito justificativas: sete JEG's e uma JI. Os adolescentes do sexo masculino entrevistados mencionaram três JEG's e uma JI. O fato de

todo homem ter honra apesar de apresentar alguns defeitos, a existência de muitos que perseveraram na busca de sucesso pessoal e profissional e que maior parte dos homens se empenha em seguir normas foram as *JJ* apresentadas pelos participantes.

A tabela 13 demonstra as justificativas para não existência de muitos homens honrados.

TABELA 13:

Justificativas para não existência de homens honrados dos entrevistados

		Meninas		Meninos		
	N	UR	UC	N	UR	UC
<i>JS</i>	01	Desvalorização social da honestidade	“A honestidade não é muito, igual passou num programa de televisão, pra ver ser você é honesto, as pessoas, eles deixam um dinheiro cair, aí chegam pra pessoa e perguntam: você é honesto? E a pessoa na maior cara-de-pau chega e fala: eu sou honesto, sabendo que era dos outros ele pegou”. (Emília)	05	Mudanças negativas no mundo Desordem/desobediência às normas Não respeito entre os seres humanos	“Porque hoje em dia esse mundo está uma bagunça, ninguém mais está obedecendo nada, as pessoas não estão seguindo normas, está uma desordem total”. (Alfredo)
<i>JEG</i>	05	Não valorizam Falta dedicação Não postura de homem Consumo de droga Não querem compromissos com mulher e família	se de postura de homem “Não se dá valor, não se dedicam ao que fazem, não têm aquela postura de homem”. (Manuela)	04	Desonestidade Cometer crimes Irresponsabilidade com os filhos	“Ao meu redor não porque, têm homens que fazem coisas que não é certo, como têm alguns rapazes que eu conheço que têm filhos e não dão, não ajudam a criar o filho, botou no mundo e saiu fora, não valoriza isso”. (Bernardo)
<i>JJ</i>	02	Vizinhança não tem muitos homens honrados Tem amigos que não perseveram	“Homens? Acho que mais ou menos. Tem uma certa parte de homens que é bastante honrada, têm outros que não. Igual no meu local também é difícil você ver um homem honrado”. (Cecília)			

As seis adolescentes fizeram uso de *JS*'s (01), *JEG*'s (05) e *JJ*'s (02) para explicar essas situações. A *JS* refere-se à diminuição da importância dada à virtude honestidade como

regra de conduta moral dentro da sociedade. Quatro *JEG*'s referem-se à ausência de características relacionadas ao modo de ser ligados a atributos pessoais como auto-desvalorização, falta de dedicação e consumo de drogas, essa relacionada à marginalização, falta de autocontrole e falta de responsabilidade corroborando dados encontrados por Cuvello (2002), sobre RS de adolescentes sobre o “viciado” em drogas. Uma *JI* remete-se à falta de compromisso com mulher e família que contradiz as RS de homem honrado como aquele que provê, protege e é amoroso com filhos e esposa. Como *JI*'s tem-se a constatação, por uma das entrevistadas, de que não há na vizinhança muitos homens honrados e outra que faz alusão ao fato de muitos amigos não serem perseverantes (característica compartilhadas nas RS de homem honrado) naquilo que fazem.

Sete adolescentes do sexo masculino afirmaram que não existem muitos homens honrados. Para explicar essa resposta empregaram 05 *JS*'s e 04 *JEG*'s. Entre as *JS*'s estão as mudanças negativas que ocorrem no mundo que na percepção dos entrevistados levaram à redução da importância de valores sociais como a honestidade, o respeito ao outro e à obediência às regras. As *JEG*'s dividem-se em três temáticas: 1) ausência de atributos pessoais positivos nos homens como a honestidade 2) forma de se relacionar dentro da sociedade marcada pela ilegalidade e cometimento de crimes e 3) forma irresponsável de se relacionar na família devido à negligência com os cuidados relativos ao sustento material e cuidado (afetividade e proteção) dos filhos. É importante destacar que essa foi a única situação em que os participantes utilizaram mais justificativas sociais para explicar o fenômeno de ausência/presença de honra.

Sobre a avaliação da existência de homens e mulheres honrados é interessante notar que meninos acreditam que existam mais mulheres honradas que homens e as meninas entrevistadas acreditam existir mais homens honrados do que mulheres.

Os participantes concentraram suas justificativas no terceiro nível de análise, fornecendo explicações a partir de características que os mesmos acreditam que mulheres e homens, enquanto grupos distintos tenham (partindo do princípio que, para os respondentes, constituem grupos distintos). Há também, em menor número, justificativas baseadas na experiência do participante.

É importante destacar a presença da UR valorização social da mulher e de temáticas relacionadas à independência feminina e inserção no mercado de trabalho (elementos representacionais mais recentes) para apontar a existência de mulheres e homens honrados.

Importância da honra.

Todos os entrevistados responderam afirmativamente quando indagados se era importante para homens e mulheres serem honrados. As justificativas para essas questões estão dispostas nos próximos quatro tabelas e foram divididas em duas grandes categorias: *motivos egocentrados* e *motivos sócio-centradas*.

A tabela 14 apresenta as justificativas para a importância da honra para mulheres dadas pelas meninas. Entre os *motivos egocentrados* para justificar a importância da honra para mulheres pelas adolescentes entrevistadas estão o Ser bem-vista pela sociedade e a Autovalorização. Os *motivos sócio-centrados* das jovens classificam-se como intermediários, e dividem-se em Dar exemplos, Conjugalidade, Família, Poder Feminino e Requisito de boa conduta.

TABELA 14:

Importância da honra para mulheres argumentada pelas entrevistadas do sexo feminino

	Categoria	N	UR	UC
<i>Motivações Egocentradas</i>	<u>Ser bem vista pela sociedade</u>	05 PP 05 E	As pessoas vão falar (bem dela). (Se não tiver) as pessoas vão achar ela desvalorizada.	<i>“É sim, porque você é bem falada por todos, todos te adoram, te amam, se você nunca fez nada pra eles, eles nunca falam mal de você”.</i> (Fabiola)
	<u>Autovalorização</u>	03 PP 03 E	Mulher merece Se ela não se achar, que vai?	<i>“Acho que é importante verem isso, porque se ela não se achar honrada, que vai achar que ela é? As pessoas vão achar ela desvalorizada de todas as formas que eu falei”</i> (Joana).
	<u>Conjugalidade</u>	01 PP 02 E	É o que o homem repara na mulher	<i>A gente fala, a os homens olham muito essas meninas que vivem com a bunda do lado de fora, e coisa e tal, demonstrando... É verdade, eles olham, mas pra casar, pra ter uma família, eles não querem essas... Eles olham pra essas, mas querem as honradas né?”</i> (Kátia)
	<u>Exemplo</u>	02 PP 02 E	Dar o exemplo pro filho e pra filha	<i>“... no futuro, pra dar o exemplo pro filho e pra filha”.</i> (Tatiana)
<i>Motivações Sócio-centradas</i>	<u>Família</u>	01 PP 02 E	Saber cuidar da casa Dar uma boa criação	<i>“E isso vai mudar o jeito do seu filho olhar pra você, te tratar, o jeito que você cuida dele, a criação dele. E se você não for honrada, você não vai saber cuidar do seu filho, não vai saber cuidar da casa, não vai dar uma boa criação”.</i> (Andressa)
	<u>Poder feminino</u>	01 PP 01 E	Mulher tem poder de tudo.	<i>“Mulher tem poder de tudo, tanto de destruir uma coisa que ela construiu, ou edificar de uma forma muito melhor que já está feita”.</i> (Emília)
	<u>Requisito de boa conduta</u>	01 PP 01 E	Ter o caminho certo para seguir	<i>“... você tendo honra você faz o seu caminho, você tem pra onde seguir, tem seu caminho do começo ao fim. E sem honra você está andando sem caminho... está andando no vácuo, não sabe nem pra onde ir, não tem destino”.</i> (Amanda)

TABELA 15:

Importância da honra para as mulheres argumentada pelos entrevistados do sexo masculino

	Categoria	N	UR	UC
<i>Motivações Sócio Centradas</i>	<u>Condição de legitimidade das lutas pelos direitos</u>	02 PP 02 E	Pelo preconceito que sofrem Devido às lutas, às condições salariais.	<i>“Ah, pelo preconceito que sofrem, porque as pessoas dizem - ah mulher, não consegue por causa de ser mulher e essas coisas assim”.</i> (Marcelo)
	<u>Dar exemplo</u>	03 PP 03 E	Padrão de alguma coisa boa Dar exemplo Ensina às pessoas	<i>“Ela é uma pessoa que vai ser tida como padrão de alguma coisa boa que a pessoa faz, vai dar ela como exemplo”.</i> (Alfredo)
	<u>Família</u>	02 PP 02 E	Cuida da casa Ta sempre cuidando	<i>“Porque ela é batalhadora, ela é mulher, ela tá sempre ali pra ajudar no que você precisar ajudando, ta precisando de alguma coisa, ela está correndo atrás, ela está sempre cuidando. (Augusto)”.</i>
	<u>Condição de legitimidade das lutas pelos direitos</u>	02 PP 02 E	Pelo preconceito que sofrem Devido às lutas, às condições salariais.	<i>“Ah, pelo preconceito que sofrem, porque as pessoas dizem - ah mulher, não consegue por causa de ser mulher e essas coisas assim”.</i> (Marcelo)

Motivações Egocentradas	<u>Autovalorização</u>	Intermediário	01	Deve gostar da	<p>“Independente de a gente ser homem ou mulher tem que gostar da gente primeiro e se respeitar, para que depois os outros respeitem”. (Sandro)</p> <p>“As mulheres acham que achar homem está difícil. Quando os homens querem uma mulher séria eles não vão querer uma desonrada que já cometeu várias coisas ruins”. (Bernardo).</p> <p>“Se a pessoa é honrada é o nome dela que está em jogo. Se a pessoa vamos dizer, se desonrar, ela está sujando o seu próprio nome.” (Sérgio).</p>
			PP	gente primeiro e	
			01	se respeitar	
			E		
	<u>Conjugalidade</u>		02	Os homens	
			PP	querem mulheres	
			04	sérias	
			E	Evita problemas	
				Evita brigas e discussões	
<u>Ser bem vista pela sociedade</u>	03	Todo mundo			
	PP	respeita			
	03	Não tem			
	E	desconfiança			
		Se desonrar, suja o próprio nome.			

A tabela 16 traz as explicações da importância da honra para os homens dadas pelas jovens entrevistadas.

TABELA 16:

Importância da honra para os homens segundo as entrevistadas do sexo feminino

	Categoria	N	UR	UC	
Motivações Sócio Centradas	<u>Requisito de boa conduta</u>	Intermediário	*02	Ter um caminho	<p>“Se ele sabe que pra conseguir aquilo que ele vai ter que passar por cima de alguém ele desvia... ele tem muita personalidade para ele saber até onde ele pode chegar e até onde ele não pode. Tendo honra, você tem um caminho certo, tem aonde chegar e não precisa passar por cima de ninguém”. (Amanda)</p> <p>“O filho vê o pai naquele mundo, que mexe com drogas, por exemplo, gosta de matar isso e aquilo, se ele vê desde pequenininho ele está vendo essas coisas, ele vai crescer daquele jeito. Aí quando ele crescer, o que ele vai ser? Do mesmo jeito que o pai caminhou, ele vai caminhar. Do mesmo jeito”. (Cecília)</p> <p>“Porque se ele não for honrado, ninguém vai querer ficar com ele, quem é que vai querer casar com um pé rapado que não vai ter futuro nenhum?” (Kátia).</p>
			PP	certo	
			*02	Não viver na	
			E	desonestidade	
	<u>Ser exemplo</u>		*02	Dar exemplo pro	
			PP	filho	
	*02	O filho vê nessa			
	E	parte também			
Motivações Ego Centradas	<u>Conjugalidade</u>	Predominante	*04	Se não for	<p>“Para as verem que você é diferente, que você faz algo diferente, que você não é como todo mundo que você tem o seu valor”. (Andressa)</p> <p>“Eu acho que é importante pra todo homem, é uma coisa do homem mesmo... Mesmo que falem que é machismo, eu acho que o homem tem que se achar honrado pra se achar mais homem”. (Joana)</p>
			PP	honrado, a mulher	
			*04	não confia.	
			E	Se não for	
				honrado ninguém	
				quer ficar com ele	
	<u>Ser bem visto pela sociedade</u>		*02	Transmite	
			PP	confiança	
			*02	As pessoas irão	
	E	falar bem dele.			
<u>Virilidade</u>	*02	Pra se achar mais			
	PP	homem			
	*02	Todo homem			
	E	gosta de ter sua			
		honra			
Não sabe	Periférico		Não sabe.		
	*01 PP				
	*01 E				

Os *motivos egocentrados* da importância da honra para as adolescentes (tabela 14) entrevistadas são os predominantes no discurso. Dividem-se em Conjugalidade, Ser bem-visto pela sociedade e Virilidade. Os *motivos sócio-centrados* são intermediários e subdividem-se em Requisito de boa conduta e Ser exemplo.

A tabela 17 apresenta a importância do homem ser honrado na perspectiva dos adolescentes do sexo masculino entrevistados. As *motivações egocentradas* são predominantes nas respostas dos adolescentes do sexo masculino e foram subcategorizadas em Ser bem-visto pela sociedade, Ter sucesso e Autovalorização. Os *motivos sócio-centrados* apresentam-se como intermediários e dividem-se em Ser exemplo e Requisito de boa-conduta.

TABELA 17:

Importância da honra para os homens segundo os entrevistados do sexo masculino

	Categoria	N	UR	UC		
<i>Motivações Ego Centradas</i>	<u>Ser bem visto pela sociedade</u>	04	Ter amigos	<i>“Porque um homem honrado, eu acredito que consiga um bom emprego porque a pessoa vai ver que ele é honrado, que tem responsabilidade, uma pessoa honrada todo mundo gosta dela, ninguém a odeia nem nada, vai ter uma vida boa”. (Alfredo)</i>		
		PP	Vão falar			
		07	bem de você			
		E	Ser bem visto pela sociedade			
	<u>Ser bem-sucedido</u>	Predominante	03		Conseguir	
			PP		um bom	
			04		emprego	
			E		Ser alguém Ter uma vida boa	
	<u>Autovalorização</u>		01		Tem que	<i>“Porque ele não dando valor a si mesmo, acaba sendo desvalorizado por ele mesmo, tem que se dar valor, tem que ser honrado tem que gostar de si mesmo”. (Augusto)</i>
			PP		gostar de si	
01			mesmo			
E						
<i>Motivações Egocentradas</i>	<u>Ser exemplo</u>	Intermediário	03	Dar exemplo	<i>“..., pra poder dar o exemplo pro meu filho, eu vou poder me dar como exemplo pra ele, falar que eu sou uma pessoa honrada e por isso eu quero que ele cresça e seja uma pessoa honrada.” (Fernando).</i>	
			PP	pro filho		
			03	As pessoas		
			E	vão se espelhar nele		
	<u>Requisito de boa conduta</u>		02	Não sair da		<i>“Pra não sair da linha, como eu falei. Sair da linha é você quebrar as normas, por exemplo, você, o pessoal fala assim, você não pode sair da sala no horário de aula, se você sai da sala e o professor falou pra você não sair, isso daí você já está quebrando a norma, isso daí já é sair da linha”. (Diogo)</i>
			PP	linha		
			02	O mundo não seria como		
			E	ele é hoje		
<u>Não Sabe</u>		01	-	<i>“Não sei, mas acho importante”. (Sandro)</i>		
		PP				
		01				
		E				

Ser bem-vista pela sociedade, para mulheres, além de significar uma distinção perante as outras pessoas da sociedade também se relaciona com o padrão de moral sexual recorrente nas respostas dos participantes. É importante ser honrada para não ficar “mal falada”, para não acharem que a mulher é uma “qualquer” para todos saberem que ela segue as normas referentes ao recato feminino.

A autovalorização relaciona-se com a premissa conceitual básica elaborada por Pitt-Rivers (1965) para a existência da honra: além de obter o reconhecimento social como honrado é necessário que o próprio indivíduo se considere como tal a partir da percepção do cumprimento de padrões de conduta dentro da sociedade e da família e da percepção de ser uma pessoa com atributos pessoais positivos como ser trabalhador, honesto, perseverante, bem-sucedido para homens e sexualmente recatada para mulheres.

A subcategoria *conjugalidade* traz a associação entre ser honrado(a), especialmente com a presença de elementos como moral sexual (mulheres) e o ser-sucedido (homens), e a obtenção de um parceiro para uma relação afetiva/sexual estável, por exemplo, o casamento.

A afirmação da masculinidade foi uma categoria exclusivamente utilizada pelas adolescentes para se referirem aos homens. Vários elementos das RS de homem honrado como ser trabalhador, honesto, bem sucedido, bom pai de família e provedor também aparecem nas RS de homem apresentadas em outras pesquisas como a de Trindade, Nascimento & Gianórdoli, (2006.), além de serem imperativos de masculinidade, como apontado pela literatura (Connel, 2005; Mosse, 1996). As Representações Sociais de homem honrado e as RS que trazem elementos positivos de homem acabam se tornando muito próximas e de certa forma se confundindo, o que mostra que as RS de um objeto social estão intrinsecamente ligadas às RS de outros objetos próximos em sentidos e na orientação das práticas sociais.

Ser bem sucedido é uma categoria contida somente no discurso dos adolescentes do sexo masculino sobre importância da honra masculina, apesar de ter aparecido somente nas RS de homem honrados das adolescentes entrevistadas. O sucesso está muito vinculado à carreira profissional e a obtenção de emprego e entende-se que vários atributos de honra também são ligados à identidade do trabalhador (Jacques, 1997) e de empregabilidade.

Motivos sócio-centrados reúne as seguintes subcategorias: a legitimidade de lutas por direitos (exclusiva feminina), dar exemplos (principalmente aos filhos), família (exclusiva feminina), requisito de boa conduta, poder feminino (exclusiva feminina).

Dar exemplos tem dois significados distintos. O primeiro, a mulher ou o homem, por serem honrados, têm posição diferenciada e mais elevada que outras pessoas, por isso servem como padrão de condutas a ser observado e seguido pelo grupo social. O segundo refere-se às responsabilidades sobre a socialização dos filhos, de poder educar com sucesso os filhos, pois se a mãe e o pai forem honrados os filhos provavelmente o serão, porque os filhos irão respeitá-los e seguir os seus exemplos e, conseqüentemente, se tornarão pessoas honradas posteriormente¹⁵. Além disso, ter honra confere a pai e mãe autoridade para cobrar dos filhos a mesma conduta moral e caso os pais não sejam honrados, na percepção dos entrevistados fatalmente os filhos seguirão o mesmo caminho e terão um destino ruim vinculado à criminalidade e à posição marginal na sociedade. Há uma relação direta que pode ser ilustrada com o seguinte esquema:

PAIS E MÃES HONRADOS → FILHOS COM FUTURO PROMISSOR

PAIS E MÃES NÃO HONRADOS → FILHOS COM FUTURO TRÁGICO

Há a culpabilização do pai e, principalmente da mãe, caso ocorra alguma falha no processo de socialização de filhos. No senso comum, e mesmo em parte da literatura científica acadêmica, há o discurso ideológico de responsabilizar os pais, com ênfase no papel

¹⁵ Em questões que serão descritas e discutidas posteriormente, os adolescentes atribuem o aprendizado da honra principalmente aos genitores.

materno, pelo processo de socialização, principalmente quando o mesmo é visto como mal sucedido. Em revisão sobre a literatura da Psicologia do Desenvolvimento das décadas de 60 e 70, Rodrigues e Trindade (1999) encontraram como resultados que os autores trazem a figura materna como figura central e praticamente única no processo de socialização infantil e que o pai era mencionado apenas pela ausência que podia provocar danos ao desenvolvimento das crianças. Esse discurso é ideológico, pois visa divulgar ou dar valor a um padrão de família nuclear burguês, iniciado no século XVIII (Donzelot, 1986; Sarti, 2007) e que não corresponde com os arranjos familiares especialmente dessa sociedade.

A honra como requisito de boa conduta faz alusão aos elementos das Representações Sociais de homens e mulheres referentes ao modo de se relacionar na sociedade, como a civilidade, respeitar e ser educado com as pessoas, ter ética e não cometer crimes por se cumprir as normas morais e legais do grupo social. Esse conjunto de regras morais e sociais combinados com os atributos sociais positivos e com a moral sexual para mulheres configuram o que os adolescentes objetivam como “o bom caminho”.

Apesar das *motivações egocentradas* aparecerem em maior número tanto para homens como para mulheres (16 PP's e 15 PP's respectivamente), as *motivações sócio-centradas* ganham um maior destaque no conteúdo referente ao feminino (14 PP's contra somente 09 PP's sobre homens), tanto que apareceram três categorias sócio-centradas exclusivamente femininas e associadas à uma dupla moral que determina obrigações e práticas sociais como o recato sexual e a ética do cuidado exclusivamente às mulheres. A Legitimidade de luta por direitos estabelece que a reivindicação de direitos sociais para as mulheres só deve ser socialmente aceita se essas forem honradas e se encaixarem em certos padrões relativos às RS de honra feminina. Família institui que a honra é o que atributo que dá condições à mulher de desempenhar bem o papel de cuidadora (trabalhos domésticos, maternagem, cuidado com idosos e enfermos), que cabe exclusivamente a ela.

Poder feminino imputa à mulher a faculdade de poder fazer o bem ou o mal à sociedade se obedecer ou quebrar regras. Mota-Ribeiro (2000), afirma a impossibilidade de compreender certos fenômenos contemporâneos de forma mais complexa sem buscar suas origens nos discursos teológicos organizados em volta do mesmo. Um exemplo, de acordo com a autora, é o papel social da mulher. Os modelos de feminino amplamente difundidos pelo Cristianismo ocidental são Eva e Maria, o que Sorj (2004) denomina de dicotomia Eva/Maria. Eva seria a representação do mal, do pecado, da desobediência, da separação entre ser humano e divino. Maria, tida pelo Cristianismo como exemplo de virtude a ser seguido por todas as mulheres, pelo contrário, significa a pureza, castidade, obediência, submissão, a maternidade como sagrada e a aproximação com o divino (Mota-Ribeiro, 2000, p 2).

Essa representação do poder feminino traz dois significados que merecem ser mencionados: o primeiro de que a mulher é compreendida como um ser praticamente onipotente, que tem o poder de destruição da ordem social e o poder da pacificação social, mas que nada deve fazer, visto que a postura que se espera é a de passividade, pelo menos em alguns aspectos da vida social como família e conjugalidade. O segundo refere-se a que tipo de conduta ética que se atribuem à Eva (mal) e à Maria (bem). Eva, de acordo com a tradição bíblica, desobedeceu à uma ordem divina com o intuito de obter um benefício próprio, além de prejudicar Adão, levando-o a cometer um erro e ter que arcar com as conseqüências como a perda do paraíso. Isso pode significar que quando a mulher, ao ter uma atitude egoísta, ao pensar em ganhos próprios passando por cima de valores e normas traz graves conseqüências para todos ao seu redor, inclusive para si própria. Já Maria, ao conservar a ética do cuidado, praticar o pensar e o agir para o outro, mencionado por Sarti (2007) como conduta feminina esperada em classes populares, ao ter uma atitude de renúncia e desprendimento das próprias vontades foi recompensada e trouxe ganhos para toda a humanidade. Apesar dessa categoria ter sido mencionada por somente uma participante ela traz signos que se ligam a outros

elementos representacionais de honra ligados à subalternidade feminina, que incidem frequentemente no discurso dos entrevistados, como a dupla moral sexual, a divisão sexual do trabalho e a naturalização do cuidado como uma prática feminina.

Situações de perda de honra para homens e mulheres

Nessa seção serão descritas as situações de perda da honra para mulheres e homens, ou seja, condutas do indivíduo, não aceitas ou reprovadas pelo grupo, que têm como consequência a perda do reconhecimento social. Elas relacionam-se diretamente com as Representações Sociais de mulher e homem honrados e muitas delas se caracterizam como a ausência de condutas de honra ou práticas contrárias àquelas de indivíduos honrados.

A tabela 18 apresenta as situações de perda de honra para mulheres mencionadas pelas meninas.

TABELA 18:
Situações de perda de honra para mulheres apontadas pelas entrevistadas do sexo feminino

	Categoria	N	UR	UC
Aspectos Sócio-centrados	<u>Sociedade.</u>	Periférico 02 PP 02 E	Ser muito ignorante Fazer coisas erradas	“Ah, ela ser muito ignorante, qualquer coisa dar patada nos outros, assim é modo de falar, é ignorância mesmo”. (Fabiola)
	<u>Família</u>	Periférico 01 PP 01 E	Largar os filhos pra lá	“Aí você começa e apronta, começa a largar seus filhos pra lá, entendeu. Se você começa a sair, deixar seus filhos em casa largados, com qualquer um, vai pra festa, isso e aquilo, deixando seu marido dentro de casa pronto, já ninguém mais te dá valor, você já é uma mulher perdida”. (Cecília)
	<u>Moral sexual</u>	Predominante 07 PP 11 E	Perder a virgindade fora do casamento Se prostituir Não se dar ao respeito Ir a uma festa e deixar o marido em casa	“Quando não se dá valor, quando faz coisas como se prostituir... só quer saber de gandaia, ela não se dá muito valor, então ela não é muito honrada né? Se ela não dá valor, quem é que vai dar?...” (Andressa).
Aspectos Egocentrados	<u>Atributos pessoais negativos</u>	Intermediário 06 PP 07 E	Ser metida Se contradizer Ter razão e abaixar a cabeça Usar drogas Ser desleixada	“Acho que quando ela se contradiz. Por exemplo, eu acabo de dizer alguma coisa, mas a minha atitude é outra. Isso pra mim já não é uma honra”. (Amanda)

Aspectos sócio-centrados apresenta duas categorias moleculares, Sociedade e Família. Sociedade tem conteúdo periférico e apresenta unidades de registro relacionadas à mulher ser ignorante (grosseira) ou fazer coisas erradas. Família também é periférica (01 PP e 01) e refere-se ao fato da mulher negligenciar os cuidados com os filhos. *Aspectos egocentrados* apresenta duas subcategorias, Moral sexual e Atributos pessoais negativos. Moral sexual se configura como predominante no discurso (07 PP – 11 E) e tem como UR's a perda da virgindade fora do casamento, a prostituição, comportamentos inadequados como ir à uma festa sem o marido e não “se dar ao respeito”. Os atributos pessoais negativos mencionados são a mulher ser metida, falar uma coisa e agir diferente, não ter orgulho e baixar a cabeça, mesmo quanto tiver razão, o uso de drogas e não cuidar da aparência.

A tabela 19 traz as situações de perda de honra feminina mencionadas pelos adolescentes do sexo masculino entrevistados.

TABELA 19:

Situações de perda de honra para mulheres apontados pelos entrevistados do sexo masculino

	Categoria	N	UR	UC
<i>Aspectos Sócio-centrados</i>	<u>Sociedade</u>	Intermediária	Fazer coisa errada	<i>“A partir do momento em que faz alguma coisa errada, rouba, faz coisas que contrariam a lei”.</i> <i>(Alfredo)</i>
		06 PP	Cometer crime	
		08 E	Fazer coisas que a sociedade acha errado	
	<u>Família</u>	Periférico	Fazer o que a família acha errado.	<i>“Fazendo coisas que a família acha errado”.</i> <i>(Bernardo)</i>
		02 PP	Caso Isabella	<i>“Bom pra mim, foi nesse caso do “caso Isabella” em que a madrasta maltratou a enteada, pra mim é desonroso pra caramba aquilo.”</i> (Sérgio).
		02 E		
<i>Aspectos Egocentrados</i>	<u>Moral sexual</u>	Intermediária	Falar palavrões	<i>“Eu acho que quando ela é muito vulgar. Quando fica com todo mundo, não respeita si mesma”.</i> <i>(Sandro)</i>
		05 PP	Achar certo ter um monte de homem	
		07 E	Andar no mau caminho	
	<u>Atributos pessoais negativos</u>	Intermediária	Mexer com drogas	<i>“È ela se irritar com qualquer coisa”</i> (Fernando)
		05 PP	Ser metida	
		05 E	Cometer pecados	
Não sabe	Periférico		Se irritar com qualquer coisa	<i>“Ah, não sei”.</i> (Augusto)
		02 PP	Não sei	
		02 E		

Aspectos sócio-centrados é composta de duas subcategorias: aspectos relativos à sociedade e aspectos relativos à família. Sociedade se apresenta como intermediária e traz UR's referentes a 1) falta de civilidade como fazer coisas que a sociedade acha errado e desconfiar dos amigos 2) ilegalidade, cometer crimes. *Aspectos egocentrados* apresenta a subcategoria Moral sexual, intermediária que traz UR's como falar palavrões, achar certo ter um monte de homens, trair o marido e andar no mau caminho, e a subcategoria Atributos pessoais negativos, intermediária, que traz expressões tais quais mexer com drogas, ser metida, cometer pecados e se irritar facilmente.

A tabela 20 traz as situações de perda de honra para homens, relatadas pelas meninas entrevistadas.

TABELA 20:
Situações de perda de honra para homens pelas entrevistadas do sexo feminino

	Categoria	N	UR	UC		
Aspectos Sócio-centrados	<u>Sociedade</u>	Ilegalidade	Intermediária	Cometer crimes	<i>“Muito difícil de falar. Matar, roubar, tudo, pro homem é bastante coisa”. (Tatiana)</i>	
		Falta de civilidade	06 PP 08 E	Não dar valor a quem confia nele Ofender as pessoas Fazer coisas erradas		
	<u>Ser violento</u>	Intermediária	05 PP 06 E	Bater em mulher Matar para defender a honra Abuso sexual de crianças		<i>“Olha, um homem eu acho que quando ele bate em uma mulher. Pra mim é”. (Amanda)</i>
		Periférica	03 PP 03 E	Deixar de assumir as responsabilidades como pai Brigar com a família Não saber tratar a mulher		<i>“Quando, por exemplo, ele deixa de assumir as suas responsabilidades como pai, por exemplo, tem pai que não está nem aí né, deixa o filho passar fome...” (Joana).</i>
Aspectos Egocentrados	<u>Atributos pessoais negativos</u>	Intermediária	04 PP 04 E	Usar drogas Ter atitudes ruins Fazer algo errado no serviço	<i>“Para ele perder a honra dele, é quando ele entra no caminho das drogas assim, todo mundo já acha, ta desonrado... Entrou no caminho das drogas minha filha, já era: todo mundo vai falar mal dele”. (Cecília)</i>	
	<u>Moral sexual</u>	Periférica	03 PP 03 E	Dar uma de garanhão Sair com várias mulheres ao mesmo tempo Traição	<i>“Homem todo mundo já acostumou com os homens desse jeito né, homem sempre tem que ser galinha, mas tem aqueles ainda honrados, porque tem aqueles que demonstram respeito por algumas meninas”. (Kátia)</i>	

A categoria *Aspectos sócio-centrados* apresenta três subcategorias: aspectos relativos à sociedade, ser violento e aspectos relativos à família. A categoria aspectos relativos à sociedade é intermediária e tem duas vertentes, a ilegalidade com as UR's não cometer crimes e a falta de civilidade. Ser violento também é intermediário e contém expressões como bater na mulher, matar para defender a honra e cometer abuso sexual em crianças. Aspectos sócio-centrados relativos à família se mostra periférico com UR's relacionadas à irresponsabilidade com as obrigações como pai, brigar com a família e não tratar bem a esposa. *Aspectos egocentrados* compreende duas subcategorias: atributos pessoais negativos, intermediária que expõe como características que levam a desonra masculina o uso de drogas, condutas e comportamentos socialmente reprovados e cometer erros no trabalho; moral sexual, periférica relacionada à promiscuidade excessiva masculina como dar uma de garanhão, sair com várias garotas ao mesmo tempo e a trair a namorada/esposa.

A tabela 21 traz as situações de perda de honra masculina elencadas pelos adolescentes entrevistados. *Aspectos sócio-centrados* abrange as categorias aspectos relacionados à sociedade, aspectos relacionados à família e ser violento. Sociedade é predominante no discurso, incluindo as temáticas ilegalidade e falta de civilidade. Aspectos relacionados à família é periférica e inclui UR's relacionadas ao desvio de uso dos recursos financeiro do sustento da família e à destruição de uma família (da própria ou de outrem) devido à traição. Ser violento se caracteriza como periférica e refere-se à agressão física em geral e à violência contra mulher. *Aspectos egocentrados* refere-se aos atributos pessoais negativos, é intermediária e inclui características que levam à desvalorização social masculina, relacionadas à desonestidade, falsidade, irresponsabilidade e à perda da racionalidade, vista como perda do autocontrole e nervosismo. Em estudo com homens e mulheres de classe média sobre concepções de masculinidade, Vicente e Souza (2006)

também encontraram como resultado que a irracionalidade é socialmente negativada e vista como desequilíbrio e agressividade.

TABELA 21:

Situações de perda de honra para homens na perspectiva dos entrevistados do sexo masculino

	Categoria	N	UR	UC	
Aspectos Sócio-centrados	<u>Sociedade</u>	Ilegalidade	Predominante	Cometer crimes Julgar outra pessoa errado Traição Maltratar uma pessoa Não respeitar, fazer o que quiser.	<i>“Ah pra mim a pior coisa que um homem faz na vida é matar. Odeio, só de pensar nisso me dá dor de cabeça. Ele já perde a honra dele, roubar, fazer qualquer coisa, roubar, matar, seqüestrar, fazer qualquer coisa dessa ele já perde a honra, dignidade, perde tudo”.</i> (Augusto)
	e	Falta de civilidade	07 PP 08 E		
		<u>Família</u>	Periférico 02 PP 02 E		
Aspectos Egocentrados	<u>Ser violento</u>	Periférico 02 PP 02 E	Agredir fisicamente Bater na mulher	<i>“Pra mim um cara perde a honra quando bate na mulher. Pra mim já é o suficiente pra perder a honra. Tem que ser um covarde mesmo”.</i> (Sérgio)	
	<u>Atributos pessoais negativos</u>	Intermediário 04 PP 05 E	Perda do autocontrole Nervosismo Falsidade Irresponsabilidade e Desonestidade	<i>“Eu acho mais é quando ele fica nervoso, quando ele se descontrola por alguma coisa que ele não consiga fazer, algum trabalho, alguma coisa”.</i> (Diogo)	

Aspectos egocentrados apresentou duas subcategorias: atributos pessoais negativos e moral sexual. Os atributos pessoais negativos referem-se a características pessoais do indivíduo que podem dar a ele uma visibilidade negativa como a desonestidade, a irresponsabilidade ou o nervosismo, ou levá-lo a uma situação marginal dentro do grupo como, por exemplo, o uso de drogas. A categoria moral sexual, apesar de não ser exclusiva do discurso sobre o feminino, se faz muito presente nas representações de perda de honra feminina. Há também diferenças nos signos inclusos nessa categoria para homens e mulheres: a) somente mulheres mencionaram essa categoria como algo influente na perda da honra masculina; b) os conteúdos referentes à moral sexual masculina dizem respeito somente à

ausência de fidelidade conjugal e à promiscuidade (excessiva), já para mulheres a abrangência de significados para moral sexual é muito maior e se refere a uma “permissão social” para vivência da sexualidade em situações bem restritas ligadas à conjugalidade, à forma de se vestir, a gestos contidos e ao recato. Essa categoria caracteriza com muito mais força as situações de perda de honra para mulheres, devido principalmente à subcategoria moral sexual que aparece de forma incisiva na temática sobre a perda da honra feminina.

A categoria *aspectos sócio-centrados* se faz presente com peso no conteúdo sobre perda de honra masculina, especialmente na forma como o mesmo se relaciona na sociedade no que diz respeito à falta de civilidade e à ilegalidade. Subdivide-se em três outras categorias: aspectos relacionados à sociedade, aspectos relativos à família e ser violento, categoria que se refere exclusivamente ao masculino. *Aspectos sócio-centrados* inclui a temática sobre a falta de civilidade referente ao tratamento dado às outras pessoas, a ausência de habilidades sociais e à quebra de normas sociais, ou seja, ser mal educado, não confiar nas pessoas, trair, maltratar, fazer o que quiser e não seguir as regras sociais. Também apresenta a categoria ilegalidade, cometer ações ilícitas que se configuram como crimes e contravenções no código penal brasileiro, sendo os mais citados tráfico de drogas, roubo e homicídio.

Aspectos sócio-centrados relativos à família apresenta conteúdos distintos e indica uma divisão tradicional de papéis familiares entre gêneros: para homens a irresponsabilidade no sustento da família e dos filhos e os maus-tratos a familiares fisicamente mais fracos, o que para os entrevistados significa covardia; para mulheres deixar de cuidar dos filhos, não agir de acordo as normas familiares. Utilizar o recurso financeiro que serviria para comprar alimentos para a família e os filhos é visto como desonra, resultado encontrado por Sarti (2007) em estudos sobre a moral de família de classes populares. Foi mencionado também como situação de perda de honra para mulheres o “Caso Isabella”, que teve grande repercussão na mídia

brasileira no início de 2008 sobre uma menina de cinco anos supostamente¹⁶ agredida fisicamente e assassinada por pai e madrasta. Curiosamente o entrevistado fez referência à madrasta, não ao pai, como autor da ação desonrosa. Como possibilidade de justificativa para essa situação tem-se o mito da madrasta como figura, fria, insensível e cruel (em oposição à da mãe) amplamente divulgada no senso comum, segundo Falcke e Wagner (2000) ou a comoção social causada (e exaustivamente incentivada pela mídia) pelo fato de uma mulher, que deveria exercer a função de maternagem por ser “naturalmente” empática às crianças, ter feito uma ação contrária ao esperado e cometer atos violentos contra uma.

Situações de ofensa à honra

Nessa seção serão descritos os resultados referentes às ações praticadas por terceiros que, na perspectiva dos participantes, têm conseqüências negativas para o homem ou para a mulher, produzem situações vexatórias como dano à imagem, vergonha pública ou o orgulho ferido. Foram encontradas três grandes categorias: a *ofensa pública*, a *traição* e *honra masculina como algo consistente*.

TABELA 22:

Situações de ofensa à honra feminina para as adolescentes do sexo feminino

	Categoria	N	UR	UC
<i>Ofensa Pública</i>	<u>Moral sexual</u>	06	Ser traída e todo	“Por exemplo, se o marido trai ela, e todo mundo fica sabendo, é muito tenso pra moral dela né?” (Andressa).
		PP	mundo descobrir	
		06	“Fama de chifruda”	
		E	O namorado espalhar para todo mundo como foi	
	<u>Falarem do passado</u>	01	Ter se acertado e as	“Uma pessoa que já fez muita coisa errada e depois ela se acerta. Arruma um marido, casa e tudo. E têm pessoas que lembram disso (do passado) e acabam falando e ofendendo ela” (Tatiana).
		PP	peçoas continuarem	
		01	a falar do seu	
		E	passado	
	<u>Preconceito Social</u>	02	Criticar mulher no	“... todo mundo critica mulher no trânsito, ela fica bastante ofendida, ou igual tem a questão das loiras, todo mundo implica com as loiras, quando elas vão pra faculdade, todo mundo as chamam de burra, aí ela se sente ofendida”. (Roberta)
		PP	trânsito	
04		Chamar loira de		
E		“burra” Falar que todo pobre é criminoso		
	Ter traída (01 pp)	02	Ser traída.	“Ah, por exemplo, o homem sempre faz hora com a

¹⁶ Como o caso não foi a julgamento até o momento de redação da dissertação não é possível afirmar culpa dos réus.

O homem fazer hora com a mulher e ela correr atrás (01 pp)	PP 02 E	O homem fazer hora com a mulher e ela correr atrás	<i>mulher e ela está sempre besta atrás, acho que pode ser um exemplo né?” (Joana).</i>
--	---------------	--	---

A tabela 22 apresenta as situações de afronta à honra feminina na perspectiva das adolescentes, que se distribuem nas categorias *Ofensa pública*, que se mostra como predominante e *Traição*, que se mostra como periférica. As categorias moleculares de *Ofensa pública* são moral sexual, falarem do passado e preconceito social.

A tabela 23 apresenta as situações de injúria à honra feminina citada pelos participantes.

TABELA 23:
Situações de ofensa à honra feminina para os adolescentes do sexo masculino

	Categorias	N	UR	UC
<i>Ofensa pública</i> (Predominante)	<u>Moral Sexual</u>	04 PP 05 E	Chamar de gostosa Mexer e assoviar para ela Descobrirem que ela tem um caso e ficarem falando Ser julgada pelo o modo que aparenta ser	<i>“Que ela tenha alguma coisa de segredo como um caso com um homem e outras pessoas descobrirem e ficar falando que ela é isso, só isso”. (Bernardo)</i> <i>“Sempre têm aquelas que são malvistas, que os outros chamam de piranha. Nem sempre a pessoa é assim e julgam a pessoa, entendeu? Julgam pela aparência assim”. (Marcelo)</i> <i>“Quando algum homem chega pra ela e fala coisas que ela não gosta, coisas como chamar ela de gostosa, tipo assim falar coisas que ofendam ela” (Alfredo).</i>
	<u>Fofoca</u>	03 PP 03 E	Falarem mal dela Outra mulher chamá-la de falsa Falarem por trás	<i>“Falar por trás, uma mulher da outra, nossa pra mim isso é horrível. Fofoca pode-se dizer, é uma ofensa de honra. Pra mulher com certeza, pro homem acho que fofoca nem tanto, mas pra mulher é batata”. (Sérgio)</i>
	<u>Insultos à família/amigos</u>	01 PP 01 E	Falar mal dos amigos e da família	<i>“... falando mal dos parentes dela, dos amigos”. (Diogo)</i>
	<u>Ofensa estética</u>	01 PP 01 E	Falar da aparência física dela	<i>“Às vezes reclamar da beleza dela, falar que ela está feia, ah você não está bem hoje, você está gorda, isso é ofensa”. (Augusto)</i>
	<u>Humilhação</u>	01 PP 01 E	Sofrer humilhação	<i>“Acho que ela sofrer uma humilhação ou falta de respeito, por aí”. (Sandro)</i>

Traição (Periférico)	<u>Traição do esposo/companheiro</u>	01 PP 01 E	Como na história, o namorado ou companheiro revidar a cantada.	“Ah, eu acho que a mesma coisa da história anterior, se o homem der mole, ficar dando mole, dando sorrisos, um exemplo, se a pessoa fez alguma coisa revidar, dar uma cantada também, piscar um olho, jogar um beijo, acho que aí se sente ofendida qualquer pessoa. Tanto homem quanto a mulher”. (Rômulo)
	Não sabe	01 PP	-	-

Os jovens entrevistados citaram a categoria *Ofensa pública*, configurada como predominante e *Traição*, que se apresenta como periférica. As subcategorias de *Ofensa Pública* existentes são moral sexual, fofoca, insultos à família/amigos, ofensa estética e humilhação.

A tabela 24 traz as situações de ofensa à honra masculina relatada pelas entrevistadas. Como categorias intermediárias têm-se *Ofensa pública* e *Traição*. *Honra masculina como algo consistente* apresenta-se como categoria periférica, mencionada exclusivamente pelas participantes do sexo feminino para essa questão.

TABELA 24:
Situações de ofensa à honra masculina para as adolescentes do sexo feminino

	Categoria	N	UC	UR
<i>Ofensa Pública</i>	Calúnia	06	Chamar trabalhador	“A mesma coisa da mulher, quando alguém ofende o homem, xinga ele se sente ofendido, porque se chama de vagabundo é porque acha que ele não trabalha, vai que ele é um trabalhador, também ofende a honra dele”. (Manuela)
	Preconceito Social	PP	de vagabundo	
	Ofender a família	06	Acusar de ter feito algo errado no trabalho sendo que é inocente	
	Falarem do passado	E	Xingar mãe	
<i>Traição</i>		04	A pessoa se regenerar e continuarem a falar do passado dela	“Acho que xingando alguém da família, xingando a mãe, porque assim eles adoram a mãe, eles protegem muito a mãe, xingar a mãe não pode.” (Fabíola).
		PP	Ser traído pela namorada	“Ser traído. Literal todas, tanto de pensamentos como você estar só conversando de forma mais alegre com a pessoa, com interesses a mais, como você beijar, você ir pra cama com outra pessoa”. (Emília)
		04 E	Ser traído	
<i>É mais difícil ofender a honra de um homem</i>		01	È mais difícil ofender a honra de um homem	“Homem é muito mais difícil né? Ai, eu acho que é mais uma questão de namorada mesmo, é muito mais difícil o homem se ofender por qualquer coisa igual à mulher... É muito difícil um homem se ofender”. (Roberta)
		PP		
		01 E		
Não respondeu		02	-	-
		PP		

As situações de agravo à honra masculina apresentadas pelos participantes encontram-se no tabela 25. A categoria *Ofensa pública* é predominante, seguida de *traição*, periférica, e *ter alguém da família agredido*. Entre as categorias moleculares de *Ofensa pública* têm-se calúnia, insultos à família e humilhação.

TABELA 25:

Situações de ofensa à honra masculina relatada pelos participantes do sexo masculino

	Categoria	N	UR	UC
<i>Ofensa pública</i>	<u>Ofensa à família</u>	07	Xingar a mãe	“Quando ele honra e chega um e fala que ele não honra. Vamos supor, eu chego, sou uma pessoa verdadeira, faço tudo certinho e tal, sou gente boa pra caramba, sou um homem super honrado e vem um e fala que eu não sou honrado, sendo que eu sou. <i>Aí eu acho que afeta sim.</i> ” (Fábio).
	<u>Calúnia</u>	PP	Xingar a família	
	<u>Humilhação</u>	12	Chamar de	
		E	mentiroso	
			Acusar injustamente de roubo	
			Acusar injustamente por algo	
		Falar que o homem é honrado sendo que ele é	“Ah, geralmente o que mais pega é falar mal da mãe, falar mal dos irmãos da mãe, do pai”. (Diogo)	
		Humilhar a pessoa	“Quando uma pessoa humilha a outra, independente do sexo”. (Sandro)	
<i>Traição</i>	Traição da esposa/companheira	02	Como na história,	“Eu acho que nem na historinha, passar, mexer e a pessoa (a companheira) revidar. Isso pra mim é uma coisa de ofensa, poxa você está com a sua namorada do seu lado, passeando, passa um e ela dá tipo um mole pra pessoa é uma ofensa, eu acho. Se a Sophia tivesse olhado, dado um sorriso assim, não precisa a pessoa passar e você trancar a cara, mas dar um sorriso assim acho que é uma ofensa”. (Rômulo)
		PP	a namorada ou	
		02	companheira	
		E	revidar a cantada. Ser traído	
<i>Sofrer violência</i>	Baterem ou matarem alguém da família dele	01	Baterem ou	“Batem em algum parente dele ou senão matam algum parente dele”. (Alfredo)
		PP	mataram alguém	
		02	da família	
<i>Não sabe</i>		E		
		01	-	Ah, não sei eu qual situação, mas eu sei que tem (Augusto).
		PP		
		01		
	E			

Ofensa pública da honra.

Ofensa Pública foi a categoria que incluiu o maior número de participantes e expressões, citada por grande parte dos entrevistados e caracterizada como predominante nas situações de ofensa à honra feminina apontada pelas entrevistadas e entrevistados e nas situações de ofensa à honra masculina apontadas pelos jovens do sexo masculino. Também

foi classificada como intermediária pelas entrevistadas ao responderem sobre fatos que poderiam ocasionar a ofensa da honra masculina. Por ofensa pública entende-se todo tipo de ação vexatória ou injuriosa praticada por terceiros e feita na presença de outras pessoas e que prejudique a imagem do indivíduo junto ao grupo social. Entre as subcategorias presentes tem-se a ofensa à moral sexual, ofensa à família/amigos, preconceito, calúnia/difamação, humilhação e ofensa estética. Com relação às ofensas aos familiares, pesquisa realizada com jovens de 14 a 20 anos (Levy, Muxel & Percheron, 1991) apontou que uma das situações mais injuriantes para esses jovens é ter alguém da família ofendido.

Ofensa à moral sexual foi a subcategoria mais presente referente às ofensas públicas e é exclusiva do discurso sobre ofensa à honra feminina, sendo apontada por entrevistados e entrevistadas. Apesar de indicada pelos dois gêneros é possível constatar algumas diferenças nos conteúdos dessa subcategoria. Para as meninas a exposição da intimidade é o fator central e inclui a traição pública, ou seja, ser traída e essa situação ser exposta para outras pessoas e a divulgação da vida sexual pelo parceiro. Para os meninos o principal dessa subcategoria é a ofensa verbal relacionada ao cortejo sexual feito de modo grosseiro (“cantadas”) e aos comentários sobre relacionamentos amorosos e julgamentos sobre o recato de uma mulher na forma que se comporta ou se veste.

Fofoca é uma categoria molecular presente só nas respostas dos entrevistados do sexo masculino sobre ofensa de honra feminina. Fofoca é uma conversa informal, geralmente de conteúdo moral que tem como temática a vida particular de uma pessoa.

A ofensa estética é subcategoria presente nas situações de ofensa à honra feminina relatadas pelos participantes do sexo masculino. Apesar de mencionado somente por um entrevistado é curioso notar que faz parte de um conjunto típico de práticas tidas como femininas, por exemplo, o comportamento sexual recatado, fofoca e que essa tríade de características apareceu nas falas dos participantes do sexo masculino sobre o outro gênero. A

preocupação com a aparência faz alusão a comentários negativos sobre a aparência feminina que exponham qualquer desvio do padrão de beleza socialmente demandado da mulher como excesso de peso, cabelo descuidado, vestimentas inadequadas ou fora de moda (Duke, 2002; Gomes & Caramaschi, 2007).

A subcategoria preconceito social refere-se à avaliação negativa que se faz de uma pessoa ou grupo devido à sua condição social, por exemplo, falar que pobre ou morador de favela é criminoso (tabela 22) ou então ao preconceito de gênero, como as críticas feitas à mulher no trânsito, ou julgar mulher loira como alguém não inteligente (tabela 20). Foi citada exclusivamente pelas participantes.

Calúnia/Difamação foi categoria que se referiu exclusivamente à ofensa da honra masculina, sendo mencionada por meninos e meninas. De acordo com o capítulo V do Título I da Parte Especial do Código Penal Brasileiro (CPB) que trata “Dos Crimes Contra a Honra” caluniar é atribuir, inverdadeiramente, a uma pessoa a prática de um fato determinado definido como crime pelo CPB, como por exemplo, acusar alguém injustamente de roubo (ver tabela 23). Difamação é conceituada como conferir um fato ofensivo à reputação de um indivíduo. Por exemplo, chamar um homem trabalhador de “vagabundo” (ver tabela 22) ou falar que um homem não é honrado, sendo que ele é (tabela 23).

A categoria falarem do passado envolve críticas que se faz à reputação do indivíduo baseadas em comportamentos ou situações desonrosas vivenciadas por esse no passado, sendo que o mesmo atualmente tem uma conduta irrepreensível. Foi mencionada pelas participantes em referência às situações de ofensa à honra masculina ou feminina.

A categoria humilhação refere-se às situações onde a pessoa é ou sente-se inferiorizada por outrem sem necessariamente concordar com a má imagem que tentam lhe impor (La Taille, 2002). É justamente pelo fato de o indivíduo não aceitar a má reputação que lhe imputam que essa situação se configura como ofensiva à honra. Essa subcategoria foi

citada somente pelos participantes do sexo masculino, para homens e mulheres (tabelas 23 e 21).

Ter alguém da família agredido foi citado exclusivamente por participantes do sexo masculino ao falarem sobre situações que ofendem a honra masculina. Como mencionado anteriormente, as RS de homem incluem práticas familiares relacionadas ao prover financeiramente, liderar a família e se responsabilizar pela proteção. Uma agressão ou crime violento contra algum familiar além de expor publicamente a intimidade da família a comentários, de certa forma significa falha do homem em sua função masculina de deixar a salvo os outros membros da família, principalmente os mais frágeis, além de ir contra um ideal de masculinidade descrito por Connel (1987) que inclui, entre outras características, a virilidade e a força física.

Insultos à família/amigos abrangem circunstâncias onde o homem ou a mulher têm um parente ou amigo próximo insultado. Uma particularidade dessa categoria é que os participantes, tanto meninos como meninas, relataram que para os homens uma situação bastante insultuosa é terem a mãe ofendida por outrem. Isso se deve em parte à representação social de maternidade relacionada à pureza, bondade e renúncia, vista como corrente em nossa sociedade. Pitt-Rivers (1991) justifica em seus estudos porque as ofensas a mãe são consideradas as piores que se pode fazer a um homem em várias culturas. De acordo com o autor isso se deve ao fato da honra ser vista como uma característica transmitida dos pais para os filhos. A honra-virtude (vergonha) é transmitida aos filhos pela mãe e a honra procedência é transmitida pelo pai por isso ofender um homem chamando-o de *filho da puta* (sic) é acusá-lo de ter nascido de um relacionamento ilegítimo (não tem pai) e de ter uma mãe sem-vergonha.

Essa valorização da mãe como figura perfeita e idealizada e da gravidade das injúrias à mesma é confirmada por dados obtidos em uma pesquisa (Menin, 2000) sobre representações

de sociais de justiça entre adolescentes autores de infração. A pesquisadora solicitava que os adolescentes pontuassem por ordem de gravidade várias ações entre atos de falta de civilidade, infrações e crimes. Surpreendentemente, bater na mãe foi o ato considerado mais grave, com concordância de 100% dos entrevistados, à frente de crimes graves como latrocínio e homicídio, por exemplo.

Traição

A categoria *traição* incluiu todas as ações que os entrevistados entendem como infidelidade conjugal desde se olhar maliciosamente para outra pessoa até se envolver em um relacionamento sexual com outro parceiro. Porém os elementos ligados à traição pública, mencionados exclusivamente por participantes do sexo feminino em situações de ofensa à honra de mulheres, foram incluídos dentro da subcategoria moral sexual da categoria *Ofensa pública*, pois as participantes atribuem mais importância ao componente notoriedade do que à traição propriamente dita. É interessante notar que as meninas fizeram mais uso da categoria *traição* (04 PP – 04 E para ofensa da honra masculina; 02 PP 02 E para ofensa da honra feminina) do que os meninos (02 PP – 02 E para ofensa da honra masculina; 01 PP – 01 E para ofensa da honra feminina). Além disso, com exceção das situações de traição pública, a infidelidade feminina se apresenta como mais ultrajante que a infidelidade masculina. Sabo (2000) em trabalho sobre a saúde masculina, afirma que as relações extraconjugais masculinas fazem parte de um modelo hegemônico de masculinidades, principalmente na América Latina, onde é tolerado e até mesmo esperado demonstrações de virilidade e relacionar-se com várias parceiras é uma delas. Esse é outro indício da ancoragem das RS de honra masculina e feminina em uma dupla moral sexual.

Talvez por isso, para as mulheres a infidelidade masculina em si não seja percebida como ofensa à honra, mas sim o fato dessa ser exposta em público e a mulher passar a ser alvo de comentários e fofocas, colocando-a em evidência de uma forma negativa dentro do

grupo social. Ter a vida íntima exposta publicamente é algo que, de certa forma, quebra o padrão de recato e descrição esperado que mulheres sigam e, por isso, pode ser representado como algo ofensivo.

Honra masculina como algo consistente.

Essa categoria, contida exclusivamente no discurso sobre afronta à honra masculina das adolescentes entrevistadas, apesar se apresentar como periférica e pouco representativa, traz significados relacionados à honra masculina como algo sólido, sendo pouco provável que algum evento consiga de fato ofendê-la, com exceção da traição. Isso pode se explicar pela associação do masculino a características como à racionalidade e às mulheres à sensibilidade, dado encontrado em pesquisa de Vicente e Souza (2006), o que levaria as mesmas a sentir honra abalada por qualquer evento, ao contrário dos homens.

Pessoas honradas

Nessa seção serão apresentados os dados referentes a terceiros que os adolescentes consideram honrados. Foi perguntado aos adolescentes se os mesmo conheciam alguma pessoa honrada, em caso afirmativo quem era e porque ela haviam se tornado dessa forma. A tabela 26 traz a relação de pessoas que os adolescentes consideram honradas.

TABELA 26:

Pessoas que os adolescentes consideram honradas

PESSOAS HONRADAS		MENINOS		MENINAS		
Pais	07	Pai	03	06	Pai	07
		Mãe	04		Mãe	
Parentes	05	Avó	02	03	Avó	01
		Avô	01		Avô	-
		Tio	01		Tio	01
		Tia	-		Tia	01
		Irmão mais velho	01		Irmão mais velho	-
Outras pessoas mais velhas	02	Amigos	02	02	Amigo	01
		Professora	-		Professora	01
Outras pessoas da mesma idade	03	Amigos	01		-	
		Namorada	01			
		Ele próprio	01			
Não conhece	-	02	Não conhece	-		

Mãe e pai foram os mais citados, seguidos de parentes como avó, avô, tio e tia; outras pessoas mais velhas, como amigos e professoras também foram mencionadas. Os meninos

também elencaram pessoas da mesma idade, como amigos, namorada e o próprio adolescente. Duas adolescentes alegaram não conhecer alguém honrado.

Há duas questões importantes a serem expostas sobre as características dessas pessoas: a primeira relativa à idade das pessoas elencadas e a segunda referente ao tipo de vínculo que aos adolescentes têm com elas. Foram citadas vinte e oito pessoas (17 pelos meninos e 11 pelas meninas), dessas, vinte e cinco são pessoas mais velhas que os entrevistados, e as entrevistadas não mencionaram nenhuma pessoa mais nova ou da mesma idade. Vários elementos das RS de honra de homens e mulheres desses entrevistados fazem parte da vida social de alguém adulto: o sucesso profissional, o trabalho, a constituição de família e o cuidar da família no caso das mulheres. Diante disso já se esperava que houvesse um número considerável de adultos citados como pessoas honradas pelos adolescentes.

Sobre os vínculos com as pessoas listadas, é interessante notar que não foram citadas pessoas de fora dos círculos de convivência próxima dos adolescentes. Os indivíduos a quem os adolescentes consideram honrados são pessoas que participam do cotidiano destes, que não têm um poder econômico alto ou uma grande distinção social, não sendo mencionados indivíduos que têm destaque na mídia, como artistas, políticos ou esportistas. Dados discutidos anteriormente nessa pesquisa confirmam que os elementos sucesso e reconhecimento social das RS de homem e mulher honrada não têm o sentido de ter riqueza, fama ou glória, e são relacionados ao ser “bem-sucedido”, uma das características do homem honrado.

As RS de honra dos entrevistados ancoram-se nos exemplos cotidianos que os adolescentes têm de pessoas próximas que obtiveram, a partir de muito esforço, padrão de vida que permite garantir conforto à família, estudaram apesar das dificuldades e têm curso superior, relacionam-se bem com a família e outras pessoas e seguem as normas de conduta moral e legal da sociedade. É possível inferir que os adolescentes significam a honra como

algo que se constrói na convivência familiar e social constituída de elementos comuns ao cotidiano e dentro dos padrões de normalidade e de democracia, uma vez que os requisitos para ser honrado são acessíveis a todos e independem de classe econômica e social. Resultados semelhantes encontraram Levy, Muxel e Percheron (1991) em pesquisa sobre a representação de honra entre escolares parisienses de 14 a 20 anos. Além de todas as pessoas citadas serem conhecidas pelos adolescentes, a maior parte delas tem relação de parentesco com os entrevistados. Pai e mãe foram os indivíduos mais citados, seguidos de outros parentes com os quais os jovens residem ou que têm papel de liderança dentro do grupo familiar. É como se quanto mais próximo o adolescente fosse mais chance determinada pessoa teria de ser considerada honrada.

A tabela 27 traz as explicações dos entrevistados sobre como as mulheres indicadas vieram a se tornar honradas.

TABELA 27:

Explicações dadas pelos participantes para as mulheres terem se tornado honradas

		MENINAS		MENINOS		
		UR	UC	Categoria	UR	UC
<i>Aprendendo com as dificuldades</i>	<u>Perseverança</u>	02	Força de vontade	<u>Vida</u>	02	Vivendo e aprendendo
		PP	que levou ao		PP	
		02	estudo.		02	
		E	Lutou e conseguiu.		E	
	<u>Vida</u>	01	Vivendo e	<u>Necessidade e de criar os filhos</u>	01	Tiveram muitos filhos para poder criar
		PP	aprendendo.		PP	Sufrimento
		01			01	
		E			E	
	<u>Sufrimento</u>	02	Sufreram muito	<u>Sufrimento</u>	03	
		PP	Sufrimento.		PP	
	02			03		
	E			E		
	<i>Religião</i>	01	Quando se tornaram evangélicos tiveram vida nova.	<i>Religião</i>	01	Depois que entrou para igreja
		PP			PP	
		01			01	
		E			E	
<i>Trabalho e responsabilidade precoces</i>		01	Trabalha desde os treze anos.			
		PP				
		01	Adquiriu responsabilidade cedo.			
		E				
<i>Criação recebida</i>		01	Criação recebida pelos pais.			
		PP				
		01				
		E				

As meninas entrevistadas justificam a obtenção da honra devido ao *aprendizado com as dificuldades da vida* (05 PP – 05 E) e as três subcategorias Perseverança, Vida e Sufrimento, a partir do trabalho e responsabilidades precoces (01 PP – 01 E), *religião* (01 PP – 01 E) e pela *criação que esses receberam dos pais* (01 PP – 01 E). Já os meninos entrevistados utilizam como argumentos o *aprendizado com as dificuldades da vida* (06 PP – 06 E) e as categorias moleculares perseverança, vida e sofrimento e a *religião* (01 PP – 01 E).

A tabela 28 traz as razões para os homens citados pelos entrevistados serem considerados honrados. As meninas utilizaram as categorias *Aprendendo com as dificuldades*, que inclui as categorias moleculares sofrimento e perseverança, a categoria *Religião/conversão religiosa* e *Opção por um tipo diferente de vida que a dos pares*. Os entrevistados lançaram mão das categorias *Aprendendo com as dificuldades* que conta com as três subcategorias sofrimento, vida e necessidade de criar os filhos, *Religião*, *Trabalho e responsabilidades precoces*, *Convivência com outras pessoas*, *Opção por um tipo de vida diferente que as dos pares* e *Criação recebida*.

Não foram encontradas muitas diferenças intergênero no conteúdo das categorias que explicam como as mulheres e homens citados pelos adolescentes como honrados assim se tornaram. As meninas fizeram uso de mais categorias que os meninos para explicar como as mulheres se tornaram honradas e os meninos utilizaram mais categorias que as meninas para justificar esse processo para os homens. Com exceção da categoria “Convivência com outras pessoas”, todas demais são comuns nas explicações referentes a homens e mulheres.

A categoria *Trabalho e responsabilidade precoces* contém significados do trabalho enquanto processo de afastamento do ócio, aquisição de virtudes como maturidade, a honestidade, a valorização daquilo que é comprado com os ganhos obtidos com o “suor do próprio rosto”. Permanece no senso comum o pensamento do trabalho de crianças e

adolescentes de classes populares como prática educativa e uma medida de proteção da que impede que os mesmos se insiram na criminalidade e causem danos à sociedade.

TABELA 28:

Explicações dadas pelos entrevistados para os homens terem se tornado honradas

MENINAS				MENINOS			
CATEGORIA		N	UR	CATEGORIA		N	UR
<i>Aprendendo com as dificuldades</i>	<u>Sufrimento</u>	01	Sofreu muito	<i>Aprendendo com as dificuldades</i>	<u>Sufrimento</u>	01	Sufrimento
		PP				PP	
		01				01	
		E				E	
	<u>Perseverança</u>	01	Se esforçando para conseguir		<u>Vida</u>	01	Vivendo e aprendendo
		PP				PP	
		01				01	
		E				E	
					<u>Necessidade de criar os filhos</u>	01	Tiveram muitos filhos para poder criar
						PP	
						01	
						E	
	<i>Religião</i>	02	Tem Deus na vida		<i>Religião</i>	01	Depois que entraram para a igreja
		PP				PP	
		02	Quando se tornaram evangélicos tiveram vida nova.			01	
		E				E	
<i>Opção por um tipo de vida diferente que a dos pares</i>		01	Seguiu caminho diferente dos meninos da mesma idade. Se afastou dos amigos quando começaram a mexer com drogas	<i>Opção por um tipo de vida diferente que a dos pares</i>		01	Não deixou se influenciar pelos maus amigos
		PP				PP	
		02				01	
		E				E	
					<i>Criação recebida</i>	03	Educação que recebeu dos pais
						PP	
						03	Modo que os pais ensinaram
						E	
					<i>Trabalho e responsabilidade precoces</i>	02	Trabalha desde cedo
						PP	
						04	Teve responsabilidade desde cedo
						E	
					<i>Convivência com outras pessoas</i>	02	Convivência com muitas pessoas
						PP	
						02	Convivência com os amigos
						E	

Essa categoria também traz uma questão sobre trabalho e gênero. O trabalho precoce feminino é aquele que se restringe à esfera privada, não remunerado, de se ocupar das tarefas domésticas e do cuidado com os irmãos menores. Há uma repetição de tarefas quando o

trabalho feminino juvenil realizado é externo à residência familiar: cuidar da casa e dos filhos de terceiros. Já o trabalho masculino, apesar de não haver especificações sobre as atividades realizadas, provavelmente se refere à esfera pública.

A questão central da categoria *Religião* é ocorrência da conversão religiosa, que modifica positivamente, na perspectiva do entrevistado, toda a vida da pessoa, que se torna honrada a partir daquele momento. É importante relatar que todos os entrevistados que utilizaram esse tema pertencem a religiões evangélicas e o discurso cristão evangélico sobre a conversão religiosa é ancorado nas idéias de mudança e de se diferenciar das outras pessoas que não são cristãs a partir da adoção de condutas morais bastantes rigorosas pautadas em princípios bíblicos (Birman, 1996). O ethos de religiões cristãs assemelha-se à parte do conteúdo sobre as RS mais tradicionais de honra masculina e feminina apresentado até agora: a definição de papéis distintos entre homem e mulher na família, a moral sexual mais rigorosa para mulheres, caracterizada pela submissão ao masculino e objetivada nas figuras bíblicas de Maria e de Eva (Simmons, 2004; Mota-Ribeiro, 2000), a valorização de virtudes como o trabalho árduo, a honestidade e a generosidade.

A criação recebida faz menção, novamente à importância do exemplo paterno e materno e da transmissão de valores no processo de educação dos filhos para que os mesmos consigam se tornar pessoas socialmente ajustadas. A convivência com outras pessoas, pelo contrário dá enfoque à convivência com pessoas de fora do grupo familiar, principalmente as do trabalho, na aquisição de habilidade sociais valorizadas relacionadas à civilidade como saber se expressar, conversar com as pessoas, ser educado. Esse movimento de conviver com pessoas de fora da família e dentro do ambiente e trabalho era algo que estava acontecendo ou iria acontecer com todos os entrevistados. Interessante que “criação dos pais” é utilizada para se referir aos familiares honrados (pai, irmão e o próprio adolescente) e “convivência

com pessoas de fora” faz menção ao processo de constituição das pessoas honradas de fora do grupo familiar, como os amigos mais velhos.

Opção por um tipo de vida diferenciada dos pares refere-se à percepção dos entrevistados que as ações das pessoas, durante a juventude/adolescência são fundamentais para que a mesmas se tornem honrada. O “tipo de vida” que essas pessoas não seguiram provavelmente relaciona-se a atributos que consideram que fazem alguém perder a honra como a inserção na criminalidade, consumo de drogas, abandono dos estudos e não-preocupação em trabalhar. É possível inferir que a honra é representada como tendo sua gênese no mínimo na juventude/adolescência, pois as escolhas que tornam uma pessoa honrada iniciam-se nesse período e as pessoas elencadas como tendo essa característica ou são da mesma idade que a dos entrevistados ou então mais velhos.

Outro ponto de discussão é que os próprios jovens entrevistados (apesar dessa categoria fazer alusão somente a homens) demarcavam diferenças entre eles e outros adolescentes com quem conviviam dentro da comunidade, como se tivessem em uma posição superior por levarem uma vida alternativa àquela considerada razoavelmente “normal” para um jovem de classe popular. Na próxima seção se discutirá com mais detalhes essa autovalorização, que permite um autoconceito como honrado, por serem na própria perspectiva e na perspectiva do grupo, pessoas com valores sociais que os distinguem dos demais jovens e das demais pessoas.

Auto percepção de honra.

A avaliação que os adolescentes fazem de si mesmos enquanto honrados pode ser considerada positiva. Treze adolescentes (07 meninos e 06 meninas) disseram que são honradas (os); oito (04 meninos e 04 meninas) responderam que são mais ou menos honrados e uma participante não respondeu à pergunta.

A tabela 29 traz as justificativas dos adolescentes para essas respostas, agrupadas em quatro categorias: *Aspectos egocentrados*, *Aspectos sócio-centrados*, *Mudança de vida* (exclusiva das meninas) e *Nunca fez nada desonroso* (exclusiva dos meninos).

As meninas apresentam como categoria predominante *Aspectos Egocentrados*, subdivida em quatro categorias moleculares: atributos pessoais positivos, moral sexual, ser diferente, ser bem-sucedida. A categoria *Aspectos Sócio-centrados* subdivide-se em *aspectos sócio-centrados relacionados à sociedade* e *Aspectos sócio-centrados relacionados à família* e configura-se como periférica, assim como a categoria *Mudança*. Faz-se necessário lembrar que alguns participantes deram mais de uma justificativa, portanto a somatória do número de participantes contidos nas categorias é maior que o número total de entrevistados.

Os aspectos de justificativa dos meninos alocaram-se em duas categorias igualmente intermediárias *Aspectos egocentrados* e *Aspectos sócio-centrados* (05 participantes em cada) e uma categoria periférica, *Não fez nada desonroso*. Assim como ocorreu com as entrevistadas, a categoria *Aspectos sócio-centrados* também se subdividiu em aspectos relacionados à sociedade e aspectos relacionados à família.

Apesar de meninos e meninas apresentarem categorias em comum, existem diferenças nessas quanto aos temas encontrados em cada uma delas e na configuração dessas no discurso dos participantes. Para as meninas além da categoria Aspectos egocentrados ser predominante, subdivide-se em quatro categorias moleculares sendo que três se fazem ausentes no discurso dos entrevistados do sexo masculino. Há equilíbrio entre a incidência de aspectos egocentrados e sócio-centrados para os meninos, o que indica a importância equitativa de se ter certas condutas tanto na esfera pública (sócio-centrados) quanto na privada (egocentrados), enquanto para as meninas há uma valorização maior de condutas na esfera privada (aspectos egocentrados). Moral sexual é uma subcategoria que apareceu várias vezes no conteúdo das entrevistas sendo majoritariamente referida às mulheres e que contribui para

a valorização, entre as meninas, dos aspectos egocentrados e para a existência de uma dupla moral sexual no conteúdo das falas dos entrevistados.

TABELA 29:

Aspectos levantados pelos entrevistados na auto-avaliação de honra

		Meninas		Meninos			
Categoria		N	UR	Categoria	N	UR	
Aspectos Egocentrados	<u>Atributos pessoais positivos</u>	06	Estudiosa	Aspectos Egocentrados	<u>Atributos pessoais positivos</u>	05	Responsável
		PP	Responsável			E	De palavra
		10	Dedicada			05	Perseverante
		E	Honesta			E	Interessado, pois procura aprender
			Ajuizada				Opinião própria
			05		Quer namorar dentro de casa		
	<u>Moral sexual</u>	PP					
		06	Não dá trabalho para os pais				
		E	Não dá motivos para ser falada				
	<u>Ser diferente</u>	01	Está em uma posição social diferenciada				
		PP	positiva em relação a outras meninas da comunidade.				
		01	Vencedora				
	<u>Bem sucedida</u>	PP					
		01					
		E					
	<u>Sociedade</u>	01	É educada	Aspectos Sócio-centrados	<u>Sociedade</u>	04	Conversa com os amigos
Aspectos Sócio-centrados		PP	É simpática			PP	É solidário
		02				06	É respeitador
		E				E	Não tem preconceito
							Não julga as pessoas
	<u>Família</u>	02	Pensa pelo que a mãe acha certo	Aspectos Sócio-centrados	<u>Família</u>	01	Ajuda (financeiramente)
		E	Boa filha			02	em casa
		03	Obediente aos pais			E	Respeita mãe e avó
		E					
	<u>Mudança</u>	03	Hoje em dia é diferente	Nunca fez nada desonroso		03	Nunca fez nada desonroso
		PP	Antes aprontava muito, mas agora estou quieta.			PP	Não faz nada errado
		03	Acordei pra vida e vi			03	
		E				E	

Entre os aspectos sócio-centrados relativos à família encontram-se diferenças ao conteúdo representacional de práticas de gênero. Para as meninas os *aspectos sócio-centrados* relativos ao relacionamento com a família como ser boa filha e ser obediente aos pais ancoram-se na idéia de submissão feminina na esfera familiar como algo positivo. Para os

meninos essa mesma subcategoria traz conteúdos relacionados ao ajudar financeiramente à família, prática ancorada na idéia tradicional do homem como o responsável pelo sustento da família. (Oliveira, 2005)

A subcategoria ser diferente, traz elementos relacionados ao fato das participantes acreditarem estar em uma posição social diferente de outras meninas da mesma idade que habitam o mesmo bairro, devido a todas as características que se auto atribuem e ao fato de se considerarem honradas. Eles trabalhavam e os outros não, eles eram esforçados e os outros adolescentes não, eles não se envolviam com “coisas erradas” como drogas e crime e os outros se envolviam, as meninas da mesma idade que já tinham filhos ou estavam grávidas e elas não, eles passaram no processo de seleção para a aprendizagem profissional e os outros não. Na próxima seção se discutirá com mais detalhes essa autovalorização, que permite um autoconceito como honrado, por serem na própria perspectiva e na perspectiva do grupo, pessoas com valores sociais que os distinguem dos demais jovens e das demais pessoas.

A categoria *Bem-sucedida* faz referência à adolescente se considerar uma vencedora por ter conseguido, entre tantos candidatos que participam do processo seletivo, uma vaga no programa de aprendizagem profissional. Eles trabalhavam e os outros não, eles eram esforçados e os outros adolescentes não, eles não se envolviam com “coisas erradas” como drogas e crime e os outros se envolviam, as meninas da mesma idade que já tinham filhos ou estavam grávidas e elas não, eles passaram no processo de seleção para a aprendizagem profissional e os outros não. Essas duas categorias, aliadas a conteúdos presentes na seção anterior abrem espaço para outros estudos em que se pode investigar nesse grupo de adolescentes as representações sociais (ou mesmo outra abordagem teórica) que eles fazem de si mesmo e de outros adolescentes da mesma classe social que não trabalham para se conseguir investigar com mais propriedade essas diferenças.

A categoria *Mudança*, apesar de periférica, abriga outro aspecto que merece destaque: a aquisição da honra devido à mudança de comportamento. As condutas consideradas “desviantes” pelas participantes são referentes à moral sexual: dormir fora de casa sem avisar à mãe, viver na rua, ter relações sexuais com rapazes que não os maridos/companheiros. Também foi citada a falta de responsabilidade com os compromissos escolares, como faltas constantes às aulas e não gostar de estudar. As causas relacionadas às mudanças são a conversão religiosa, os conselhos de outras pessoas e a reflexão sobre a vida que estava levando.

Nunca fez nada desonroso refere-se ao adolescente não ter cometido nenhuma falta grave que possa desabonar ou fazer com que o mesmo perdesse a honra. Ao contrário do conteúdo da categoria *mudança* das meninas entrevistadas, que traz a idéia da honra como resultado da ruptura com ações consideradas imorais, essa categoria abrange significados relativos à honra como resultante de uma prática constante socialmente aprovada.

Percepção de Mudanças Após Entrada no Programa Adolescente Aprendiz

Não houve diferenças no conteúdo sobre percepção de mudanças dos adolescentes que participam do programa há um ano e dos adolescentes inseridos recentemente. As tabelas 30 e 31 trazem as mudanças percebidas pelos adolescentes após entrada no programa adolescente aprendiz.

A categoria *Preparação para a vida*, incidente entre as motivações de entrada no Programa novamente aparece entre as mudanças percebidas, como a categoria mais significativa, tanto para as meninas quanto para os meninos. Para as entrevistadas ela se caracteriza enquanto predominante, apesar de não ser unânime no discurso das participantes sobre mudanças como foi no conteúdo sobre as motivações. Para os entrevistados, ela é intermediária, contando com o mesmo número de participantes que anteriormente compuseram essa categoria em motivações de entrada, apesar de contar com mais expressões.

Entre as UR's estão ter ficado mais responsável e organizado, ter aprendido muitas coisas, como ter compromisso e ser responsável, e ter passado a acordar mais cedo.

TABELA 30:

Percepção de mudanças após entrada no Programa Adolescente Aprendiz para as entrevistadas

CATEGORIA	N	UR	UC
<i>Preparação para vida (Crescimento pessoal e profissional)</i>	Predominante 08 PP 20 E	Ficou responsável Teve que acordar cedo Teve interesse em aprender Passou a ser assídua no colégio Aprendeu Cresceu na sociedade e se sentiu útil Passou a ser organizada	<i>“Com o programa de aprendizagem houve mais interesse escolar e mais responsabilidade. Eu acho muito bom porque a gente acaba se sentindo motivada, acaba aprendendo, parece até que a gente acaba crescendo mais na sociedade, a gente acaba se sentindo mais útil. A gente pega mais responsabilidade com as coisas, na escola, responsabilidade de horário, a hora que você tem que acordar você não pode mais acordar e dormir, por exemplo, até mais tarde, porque você sabe o horário que você tem que acordar é isso”.</i> (Joana)
<i>Aquisição de habilidades sociais</i>	Intermediário 05 PP 06 E	Ficou mais educada Aprendeu a trabalhar em equipe Ficou menos agressiva Aprendeu a lidar com as pessoas Passou a ser menos tímida	<i>Não tenho mais dificuldade na escola na hora de apresentar trabalhos e mudei meu comportamento para melhor. Mudou muita coisa, o comportamento, nossa eu era muito tímida, não falava com ninguém, agora eu estou mais solta, sou ainda, mas eu melhorei bastante, eu não falava com ninguém, eu era muito tímida, agora não.</i> (Tatiana)
<i>Tempo muito corrido/cansaço</i>	Periférico 02 PP 03 E	Tem pouco tempo para outras atividades Tem menos tempo para estudar Ficou mais cansada	<i>“Meu tempo ficou bastante curto, gosto de participar muito dessas coisas assim, de teatro, esses negócios de igreja gosto sempre de estar participando, aí sobrou bem pouquinho tempo pra eu poder fazer essas coisas. Meu tempo pra estudar também, eu tenho agora sempre pra estudar mais à noite, porque daqui eu vou pra escola aí chego em casa, às vezes eu vou pra igreja, aí só à noite mesmo pra eu poder estudar, quando tem prova assim, essas coisas, mas foi muito bom”.</i> (Kátia)
<i>Melhora do relacionamento familiar</i>	Periférico 01 PP 01 E	Passou a ter melhor relacionamento com a família	<i>“Mudei, eu tive mais relacionamento com a minha família... brigava muito em casa e agora não, com eles está me ajudando muito com a relação na minha família. (Pergunto ajudando em quê) Nas tarefas, eu era muito rebelde, aí a minha mãe queria me colocar aqui para eu ter consciência do que eu ia aprender mais pra frente”.</i> (Fabiola)

A categoria *Aquisição de habilidades sociais* se refere ao adolescente ter conseguido desenvolver comportamentos socialmente assertivos como ser mais educado e aprender a lidar com as pessoas, conseguir trabalhar em equipe, ser menos tímido e conseguir falar em público, aumentar a rede de relações no trabalho. Aparece de forma intermediária para os entrevistados e em conjunto com a categoria *Preparação para a vida* aponta para uma

percepção dos adolescentes da eficácia do Programa na preparação dos mesmos para entrada no trabalho já que os consideram ter ganhado devido ao programa características consideradas essenciais para se alcançar a empregabilidade.

As categorias anteriores são as únicas comuns ao conteúdo das entrevistas de meninos e meninas. As outras categorias que aparecem no discurso das meninas são o *Tempo muito corrido/cansaço* e *Melhora do relacionamento familiar*, ambas periféricas.

TABELA 31:
Percepção de mudanças após entrada no Programa Adolescente Aprendiz para os entrevistados

CATEGORIA	N	UR	UC
<i>Preparação para vida (Crescimento pessoal e profissional)</i>	Intermediária 06 PP 14 E	Ficou responsável Ficou pontual Aprendeu a ter compromisso com trabalho e escola Começou a acordar cedo Ficou organizado	<i>“Eu continuei sendo o mesmo só que com mais responsabilidade. Acho que criei mais responsabilidade, aprendi a acordar cedo... Acho que mudou muita coisa. Dá pra perceber alguma diferença né, que às vezes dá vontade de ficar em casa e você tem que vir assim, pra cá. É isso, é mais um compromisso que você tem que botar na sua vida. Ao mesmo tempo, você está aprendendo alguma coisa a mais na sua vida, algum conteúdo que vai estar te colocando pra ser uma pessoa responsável”.</i> (Douglas)
<i>Aquisição de habilidades sociais</i>	Intermediária 05 PP 10 E	Ficou mais educado Aprendeu a conviver com as pessoas Aprendeu a ter ética Aprender a conversar Fez amizades para quando precisar Aprendeu a ser companheiro	<i>“Meu comportamento fiquei, muito mais educado. O jeito de falar com as pessoas, você muda o seu comportamento quando você entra aqui, porque você vai conviver com pessoas, entende, você vê que não pode sair por aí brincando com as pessoas, sendo muito brincalhão, tem a hora de brincar, mas tem a hora de falar sério. Você muda a postura”.</i> (Alfredo)
<i>Independência</i>	Periférica 01 PP 04 E	Pode comprar coisas Não dependeu mais de pai e mãe Agora pode sair à hora que quiser	<i>“Minha vida ficou mais fácil, posso comprar várias coisas sem apertar meu pai com as dívidas. Ficou mais fácil as coisas pra mim agora. Mais fácil, eu posso ter as minhas coisas, comprar o que eu quero, posso sair na hora que eu quiser, não preciso ficar dependendo da minha mãe e do meu pai pra me ajudar.”</i> (Fábio).
<i>Reconhecimento de pais e colegas</i>	Periférica 01 PP 01 E	Passou a ser mais respeitado.	<i>“Estou sendo mais respeitado pelos pais e colegas”.</i> (Alfredo)
<i>Ocupar o tempo</i>	Periférica 01 PP 01 E	Ocupar o tempo	
<i>Não percebeu mudanças ainda</i>	Periférica 01 PP 01 E	Ainda é cedo para perceber mudanças	<i>“Ainda não por não ter dado tempo. Acho que um mês ainda é muito pouco pra falar de mudanças”.</i> (Fernando)

Tempo muito corrido/cansaço foi a única categoria que aponta para aspectos negativos da entrada na Aprendizagem Profissional. São mais de oito horas diárias de atividade contabilizando somente escola e aprendizagem profissional (que ocorre de segunda a sábado, intercalados entre atividades no espaço profissional e curso teórico), sendo que não podem descuidar do desempenho escolar, pois uma das exigências do programa é que a manutenção de um desempenho satisfatório na escola. Então realmente há a redução do tempo para outras atividades como lazer, serviços religiosos, tempo com família, amigos e relacionamentos românticos.

Apesar de cansativo, os adolescentes vêm o resultado desse esforço como positivo. A unidade de registro acordar cedo, que aparece na categoria *Preparação para vida* além de apontar para uma preocupação com a pontualidade também indica que essa é uma estratégia utilizada pelos entrevistados para conseguir dar conta de todas as tarefas que lhes cabem.

A melhora no relacionamento familiar, diz respeito à diminuição do conflito familiar entre a adolescente, a mãe e o padrasto. A adolescente durante a entrevista relata que teve vários problemas com a mãe devido ao comportamento dito “rebelde”, pois não queria se dedicar aos estudos, passava muito tempo fora de casa sem avisar, se envolvia com vários rapazes, não ajudava nas tarefas domésticas.

Após refletir sobre a vida e antes que a mãe tomasse uma medida mais drástica (ela queria mandar a adolescente morar com o pai, com quem a entrevistada mal convive) relata que procurou o Programa para tentar uma modificação na rotina diária, adquirir responsabilidade. Não se conhece a história em detalhes, mas o relato parece apontar que a própria menina se considera a única “culpada” por essa situação, tanto que quando ela mudou houve percepção de melhora pelos familiares. Por um lado há a representação corrente no senso comum (e compartilhada por algumas correntes teóricas, inclusive na psicologia), como afirmado por Bock (2004) da adolescência como fase de rebeldia, conflitos,

irresponsabilidade, descompromisso. Por outro, se tem o Programa de Aprendizagem que de acordo com as entrevistadas: 1) prepara para a vida, principalmente por tornar o adolescente responsável e preparado para o mercado de trabalho; 2) ajuda a adquirir habilidades sociais relativas à educação, a saber se lidar com as pessoas, apesar de se referirem principalmente ao ambiente laboral, podem ser aplicadas em outros lugares como em casa; 3) ocupa grande parte do tempo do adolescente, que passa ficar menos tempo ocioso em casa o que evita o desenvolvimento do conflito. Ao alcançar os três itens citados a adolescente se desvincula do estereotipo de “aborrecente”, passa a ser vista de forma positiva pela família e conseqüentemente diminui os “problemas” que podem ser a origem dos conflitos familiares.

Entre as mudanças percebidas pelos adolescentes do sexo masculino ainda se tem, de forma periférica, a Independência, o reconhecimento de pais e amigos, ocupar o tempo e não percebeu mudanças ainda. A independência é devida especialmente à remuneração recebida pelo trabalho realizado que permite ao adolescente adquirir bens de consumo e ter acesso ao lazer sem necessariamente depender do dinheiro dos genitores ou responsáveis.

O adolescente ao se inserir no programa de aprendizagem, na perspectiva deles e possivelmente na de outras pessoas, também se insere no mercado de trabalho, se torna mais responsável, obtém habilidades sociais, características vinculadas ao adulto, valorizadas socialmente e como já constatado pertencentes às RS de honra. Conseqüentemente passa a se auto reconhecer de forma positiva e as outras pessoas do grupo social também lhe devotam o mesmo reconhecimento.

Ocupar o tempo pode ter o sentido de ter alguma coisa para fazer, pois ter muito tempo livre sem nada para fazer pode ser muito aborrecido para o entrevistado. Pode significar também que é necessário que o adolescente não passe muito tempo desocupado, pois preencher a ociosidade do jovem com algo considerado produtivo e positivo o afasta de potenciais problemas como a criminalidade, consumo de drogas e gravidez precoce,

preocupações dos responsáveis por adolescentes, principalmente para meninos que passam consideravelmente mais tempo na rua e expostos a possíveis riscos que as meninas (Trindade, Menandro, Silva & Tesche, 2006).

Somente um adolescente não percebeu mudanças consideráveis na rotina. Esse é um dado significativo, pois dos vinte dois entrevistados doze haviam começado a aprendizagem há menos de um mês e muitos desses ainda não haviam sequer começado as atividades na empresa. É possível inferir que só fato de se inserir em um programa de aprendizagem profissional via uma seleção extremamente concorrida¹⁷, faz com que eles se auto percebam como vencedores e bem-sucedidos além de possibilitar que os mesmos sejam identificados pelo grupo social e se identifiquem como trabalhadores e todas as características positivas dessa imagem atribuídas socialmente como a honestidade, a responsabilidade e a distinção positiva em relação àqueles que não trabalham. (Jacques, 1997)

Não que os adolescentes ao entrarem no Programa adquiram todas as características que alegam ter, porém esses dados indicam que além do ganho dito “real”, há um ganho subjetivo que parece ter um impacto bastante positivo na auto-estima desses adolescentes.

Representações Sociais de Honra Masculina e Feminina

Pretende-se, nessa seção, aprofundar e integrar a análise dos resultados, selecionando alguns dados que pareceram centrais para a compreensão dos processos de representações sociais de honra, organizados no âmbito da categoria gênero. A discussão será iniciada com uma análise do trabalho, por ser o elemento mais presente nas RS de honra, independentemente do gênero.

¹⁷ Segundo dados da instituição onde a pesquisa foi feita, por ano de 5000 adolescentes fazem seleção e somente 1500 conseguem se inserir no Programa de Aprendizagem Profissional.

O trabalho como categoria chave para se compreender as RS de honra.

O trabalho foi elemento que se fez presente com bastante frequência nas falas sobre as RS de honra. De acordo com Araújo & Scalon (2005), é possível afirmar que trabalho, na sociedade contemporânea adquire três significados distintos, porém não necessariamente antagônicos:

1) É fonte de realização pessoal que confere status e se constitui elemento de afirmação econômica; ou seja, o trabalho pode conferir uma posição social positivamente destacada a quem o executar além de possibilitar a aquisição dos bens de consumo que conferem *status*, no caso dos entrevistados desse estudo ter um carro, uma casa e condições de dar conforto à família. Outro exemplo de afirmação econômica é o relatado pelos participantes sobre os ganhos referentes ao programa de aprendizagem profissional conferirem independência econômica e possibilidade de aquisição de objetos como aparelhos eletrônicos, adereços e acessórios da moda que facilitam a aceitação social desses pelo grupo. É o reconhecimento social e a gratificação financeira que o trabalho pode trazer.

2) Necessidade econômica; em uma sociedade capitalista o trabalho adquire a configuração de moeda de troca econômica, vende-se a força de trabalho por um determinado valor; que teoricamente possibilitará a aquisição dos bens de consumo mínimos para a sobrevivência. Em classes populares, como aquelas as quais pertencem nosso conjunto de entrevistados, isso se torna muito mais imperativo e as pessoas mais precocemente do que em outras classes economicamente mais privilegiadas se inserem no mercado de trabalho. Parte dos entrevistados, ligeiramente mais os meninos, afirmaram motivações econômicas (tabela 04) para inserção no programa de aprendizagem.

3) Elemento/categoria central na constituição da identidade dos indivíduos; esse é um ponto chave na discussão dos resultados dessa pesquisa. O trabalho é uma categoria central na constituição da identidade humana de acordo com Jacques (1997), e de acordo com Codo,

(1996) o materialismo histórico conceitua trabalho como atribuição de significado a determinado objeto, e nessa pesquisa os significados adquiridos pelo trabalho dentro do grupo sócio-econômico e para cada categoria de gênero influenciaram sobremaneira a gênese das representações sociais de honra dos entrevistados.

Será dada continuidade a essa discussão primeiro se fazendo considerações sobre as representações sociais de honra feminina a partir da categoria trabalho, analisando como os elementos representacionais “novos” e os tradicionais se articulam nessas configurações. Depois irá se dissertar sobre o trabalho masculino e quais e como as categorias de análise encontradas no discurso sobre esses se arranjam e que lugar ocupam nas RS de homem honrado.

Honra e trabalho feminino.

As relações de gênero, apesar da diversidade social e sexual da contemporaneidade ainda continuam a ser caracterizadas pelas relações assimétricas e pela divisão sexual do trabalho (Araújo & Scalon, 2005; Sorj, 2005). Há a diversidade de arranjos familiares, há o enfraquecimento das relações hierárquicas entre gêneros e gerações, porém, a divisão sexual do trabalho continua assim as RS construídas a partir da dicotomia homem/mulher. No conjunto de entrevistados dessa pesquisa essas contradições e essas dicotomias foram localizadas: entre os elementos de RS de honra feminina foram localizados aspectos egocentrados atributos pessoais positivos, similares aos atributos pessoais positivos das RS de honra masculina, relacionados à empregabilidade, a competitividade, ao ingresso e reconhecimento social da mulher no mercado de trabalho, porém também foram localizados elementos sócio-centrados, de forma intermediária, relacionados à naturalização do trabalho doméstico feminino.

A emancipação feminina, representada principalmente pela entrada da mulher no mercado de trabalho, é elemento apresentado para justificar a presença de mulheres honradas.

Obviamente a presente pesquisa realiza um recorte qualitativo de um grupo social específico, não tendo significância estatística. Porém, a partir desse resultado, pode-se inferir um movimento de mudança das RS sobre participação da mulher no mercado de trabalho. Há entre as mulheres a percepção de uma maior aspiração feminina representada para os entrevistados como a valorização do trabalho feminino como fonte de realização pessoal.

Nesse conjunto de participantes o trabalho feminino extra-doméstico é visto como algo que favorece a honra feminina, por significar que a mulher é batalhadora e perseverante, que luta pela conquista de auto-realização e de uma posição mais igualitária na sociedade. A participação da mulher em outros espaços alternativos à esfera doméstica é reconhecida pelos entrevistados como legítima, até porque metade dos participantes são meninas inseridas em contexto de trabalho.

Porém, o trabalho feminino nem sempre foi algo visto como positivo. No início do século o trabalho feminino em classes populares era algo frequente (Fonseca 2004B; Sorj 2004), porém ao contrário da situação atual na qual uma mulher é considerada honrada por ser uma boa trabalhadora, trabalhar poderia manchar a reputação feminina, porque a trabalhadora corria o risco de ganhar a alcunha de “mulher pública”, reputação que manchava consideravelmente a honra. O trabalho não tinha nenhuma motivação de realização pessoal ou de busca por ser bem-sucedida, trabalhava-se mesmo com remunerações irrisórias e condições laborais completamente insalubres com o objetivo de sobrevivência. Além disso, o trabalho feminino externo, em famílias onde havia homens adultos era considerado uma prova do fracasso de cumprir com suas obrigações familiares, o que se constituía em desonra.

Desde o início do século, obviamente ocorreram mudanças econômicas, sociais e políticas. O país passou pelo processo de industrialização a população que antes era majoritariamente rural, passou a ser urbana, as mulheres ganharam direito a voto e lentamente passaram a participar da vida política e dos movimentos populares, a escolarização feminina

em anos de estudo passou a ser maior que a masculina. Todos esses acontecimentos colaboraram para que o trabalho passasse de algo pejorativo para a reputação feminina a elemento valorizado socialmente

Estudos em classes populares (Sarti 2007; Fonseca, 2005, Garcia & Yunes, 2006; Bastos, Gomes & Rigo, 2007) apontam que o trabalho externo feminino, ao contrário do que ocorre com o masculino, não é um elemento obrigatório da constituição moral das mulheres. A responsabilidade pelo sustento econômico da família é da figura masculina adulta, quando existente. Esposas e filhos homens geralmente apresentam-se como provedores secundários, não tendo a responsabilidade principal pelo sustento da família. O trabalho feminino remunerado, principalmente nesse recorte social da população brasileira é um imperativo de sobrevivência, porém devido à precariedade das condições de trabalho, desgaste físico, falta de reconhecimento e baixa remuneração, na maioria das vezes não é visto como algo gratificante. Os participantes desses estudos afirmam que para a mulher se for para fazer o trabalho doméstico de outra casa que não a dela, ser maltratada e se cansar é melhor, quando há a existência de outros provedores na família, que ela fique em casa e se ocupe exclusivamente das tarefas domésticas, visto que a realização das tarefas domésticas com esmero, a dedicação com o cuidado com os filhos e a capacidade de manter a ordem da casa são reconhecidos como mais importantes do que qualquer trabalho extra-doméstico. De acordo com alguns estudos (Sarti 2007; Garcia & Yunes, 2006; Bastos, Gomes & Rigo, 2007) a lógica moral do trabalho em famílias de classes populares segue o seguinte raciocínio: a casa é o domínio moral da mulher e a família é domínio moral do homem e é a forma que ambos lidarão com essas duas esferas que influenciarão na constituição desses como honrados ou não.

Porém, esses mesmos estudos apontados anteriormente apresentam alguns relatos de mulheres que apresentam como vantagem do trabalho extra-doméstico a possibilidade de se

distrair e não ficar dia todo dentro de casa, e a possibilidade de ter o próprio dinheiro e certa independência financeira do companheiro.

As RS relacionadas à emancipação feminina e presença do mercado de trabalho formal são recentes e convivem com outras RS do trabalho feminino relacionadas ao trabalho doméstico, específicas desse grupo e mais tradicionais. Pesquisas apontam para a convivência de valores tradicionais como o homem como provedor do lar e mulher como responsável pelos cuidados com a família (Trindade, 1998) e de valores igualitários como a emancipação e valorização do trabalho externo feminino e da paternidade associada à afetividade e responsabilidade com os filhos (Trindade, Andrade & Souza, 1997).

Honra e trabalho masculino.

O trabalho remunerado e extra-doméstico incontestavelmente é um elemento que apresenta uma posição de centralidade nas RS de homem honrado. Os arranjos que as categorias tomaram nas RS de honra masculina são fortes indícios dessa afirmação. A honra masculina está ancorada na atividade laboral.

Na subcategoria Aspectos sócio-centrados relativos à família há significados sobre como um homem honrado deve proceder dentro dessa esfera. A relação moral do homem dentro da família é representada como diferente da relação moral que uma mulher tem. Ter uma família, pelo menos no grupo social do qual os participantes dessa pesquisa fazem parte requer uma série de obrigações distribuídas a partir da divisão sexual do trabalho. O homem cuida, porém o sentido do cuidado masculino refere-se às práticas da proteção e do prover. O trabalho remunerado é obrigatório para o homem por possibilitar que ele cumpra uma das obrigações morais mais importantes atribuídas a ele: o sustento da família, de não deixar faltar os recursos materiais básicos à subsistência, e a falta desses é compreendida com uma vergonha (elemento antítese da honra de acordo com Pitt-Rivers, 1965).

O trabalho também permite que os filhos não tenham que trabalhar precocemente e consigam estudar para ter um nível de escolaridade mais elevado e mais chances de obter um bom trabalho. Algumas autoras (Sarti 2007; Bastos, Gomes & Rigo 2007) entendem que, para uma família de classe popular, ter os filhos até certa idade exclusivamente estudando é elemento de destaque social. Outro aspecto importante é que, se o homem consegue prover integralmente as necessidades materiais da casa, a mulher fica “liberada” do trabalho extra-doméstico e pode voltar suas atenções para os cuidados com a casa e a família. A obrigação moral do homem facilita que a obrigação moral da mulher seja cumprida.

As representações de homem honrado referentes ao elemento trabalho são ancoradas da seguinte forma: ter atributos pessoais positivos permite que o homem trabalhe. Conseqüentemente o trabalho honesto, árduo, perseverante leva o homem a ser bem sucedido. Um homem que trabalhe e é bem sucedido consegue sustentar a família e cumprir suas obrigações morais para com ela. Se ele cumpre esses pré-requisitos ele é honrado. Essa linearidade de pensamento foi um recurso didático utilizado para explicar essa ancoragem, porém é importante deixar claro que os elementos de RS de honra masculino relativos ao trabalho relacionam-se a outros elementos representacionais desse tema, constituindo-se em uma rede de significados e práticas sociais inseridas em dado contexto social.

Honra e sexualidade

Dupla moral sexual.

A subcategoria moral sexual fez-se presente, de forma incisiva no conteúdo das entrevistas dos participantes sobre RS de honra feminina. Só foi citada, de forma periférica, em relação à honra masculina, pelas meninas, situando perda de honra por **excesso** de promiscuidade.

A associação entre controle da sexualidade e honra feminina é um elemento tradicional e vários estudos principalmente em História, evidenciam essa relação. Um exemplo é um levantamento feito por Caulfield (2000) sobre os processos criminais por defloramento e estupro acontecidos no Rio de Janeiro do início do século passado até a década de 1940. É surpreendente que em alguns períodos havia mais queixas contra o defloramento de mulheres do que outros crimes como roubo, por exemplo. Outro aspecto relevante desse estudo é que muitos dos autores das queixas eram pais e mães das vítimas que exigiam a “reparação” do dano via casamento do agressor com a vítima, mesmo em casos de estupro. Esses dados de acordo com a autora servem para evidenciar a importância dada à conservação da honra feminina a partir do controle da sexualidade.

Sohiet (1986) realizou estudo sobre processos criminais envolvendo aborto e infanticídio cometidos no início do século. No início do século, o controle sobre a sexualidade feminina era exacerbado e uma mulher de má reputação sofria discriminação e exclusão muito forte, se tornando praticamente uma pária social. A maior parte das réas desses processos eram mulheres pobres, em sua maioria negras, sem perspectiva de melhoria de condições de vida, que engravidavam em situações violentas e se viam sozinhas, sem apoio social algum. Diante da possibilidade da perda da honra e de terem que arcar com as consequências de serem mães solteiras viam a prática do aborto e infanticídio como alternativa.

A moral sexual apresenta-se como um elemento chave e obrigatório na RS de mulher honrada, pois ao contrário do que ocorre com o trabalho externo feminino não é possível falar, de mulher honrada na ausência de recato sexual, pelo menos no conjunto dessas entrevistas. Esse fato pode ser explicado por vários fatores. Primeiro, a RS de honra feminina ligada ao recato sexual é bastante enraizada e antiga. Segundo, ao contrário do elemento trabalho, não existe outro tipo de conduta moral socialmente positivada para a moral sexual feminina que não a do recato. Terceiro que os elementos da moral sexual se vinculam fortemente à

identidade feminina: se ela não a tiver dificilmente será considerada honrada, mesmo se possuir outras virtudes relacionadas à honra. Quarto as RS de honra feminina e maternidade estão amplamente relacionadas e ambas parecem estar objetivadas na figura cristã de Maria enquanto mãe, símbolo de pureza e castidade e exemplo a ser seguido pelas mulheres.

Esse discurso sobre a dupla moral, rigorosa e subalterna para mulheres e permissiva e dominante para homens, é evidente para meninas e meninos, porém curiosamente e contraditoriamente é dotado de muito mais expressão nas falas das participantes, as mesmas que deixam claro a importância da emancipação feminina.

É curioso porque esse resultado vai de encontro ao *survey* coordenado por Araújo & Scalon (2005) intitulado “Gênero, trabalho e família”¹⁸. Entre os resultados encontrados está o fato das mulheres entrevistadas nessa pesquisa terem uma posição ligeiramente mais igualitária a respeito de sexualidade. Uma possível justificativa para esse desencontro pode ser encontrada no fato da maior parte das entrevistadas pertencerem a religiões pentecostais, que têm práticas relacionadas às condutas sexuais mais rígidas, o que não ocorre com entrevistados do sexo masculino. A temática religião e sexualidade será discutida no próximo tópico.

Há de certa forma, uma apropriação do discurso feminista, de igualdade de papéis, da importância da mulher trabalhar fora e conquistar realização pessoal com isso, porém aparentemente não há a percepção de que a prática moralista em relação à sexualidade feminina é ideológica e opressora. É como na fala de uma das participantes sobre o que é ser homem honrado e o que é ser mulher honrada: “*é a mesma coisa só que é diferente*”.

¹⁸ Essa pesquisa consistiu de um levantamento quantitativo realizados com uma amostra de 2000 entrevistados onde os entrevistados respondiam um questionário sobre inserção feminina no mercado de trabalho, relações de gênero no âmbito familiar, papel da maternidade e do casamento e a relação entre satisfação individual e vida familiar.

Religião e moral sexual

Se os dados sócios demográficos concernentes à religião forem associados aos conteúdos das entrevistas é possível inferir uma relação entre religiosidade e RS de honra. As representações sociais, de acordo com Abric (1998) possuem quatro funções essenciais, entre elas a proteção das especificidades identitárias e a função de orientar comportamentos e as práticas. Em um conjunto de entrevistados que declara, em sua maioria, adotar religiões cristãs (católicos, evangélicos tradicionais e evangélicos pentecostais) é plausível que os elementos das RS de honra masculina e feminina, além de estarem pautados naquilo que é prescrito e esperado enquanto condutas dos membros do grupo, também sirvam como estatuto das práticas consideradas lícitas, toleradas ou inaceitáveis dentro do mesmo.

Apesar de haver poucas menções diretas dos participantes à religião confessada por esses, é possível inferir que as representações de homem honrado e mulher honrada estão ancoradas em um discurso religioso cristão. As adolescentes apontam com muito mais frequência a presença da dupla moral sexual – mais rígida para mulheres e mais permissiva para homens, além de reforçarem como características intrínsecas da mulher a maternidade e essa como sinônimo de maternagem, o papel do cuidado e da conciliação, a responsabilidade pelas tarefas domésticas e de cuidado com idosos e doentes – discurso existentes nas religiões cristãs segundo Couto (2002).

Pesquisas (Couto, 2002, Prandi & Pierucci citado por Machado, 1997, p. 179, Birman, 1996) apontam para uma crescente participação feminina nos movimentos religiosos, principalmente nas religiões evangélicas pentecostais, consideradas setores de dominância feminina. A entrada feminina nesses novos espaços religiosos deve-se à procura por uma solução mágico-religiosa para os conflitos familiares e à abertura que essas novas religiões dão para esse tipo de assunto. Machado (1997), em pesquisa sobre identidade religiosa e moralidade sexual entre católicos e evangélicos encontrou como resultados a tendência entre

grupos católicos carismáticos e evangélicos pentecostais de defender a castidade, especialmente a feminina, de condenar relações pré e extraconjugais e reforçar a vivência da sexualidade exclusivamente dentro do casamento, condizente com os elementos encontrados nas representações sociais de honra feminina.

Ofensa pública e moral sexual.

A ofensa pública foi a situação de ofensa à honra mencionada de forma mais frequente pelos entrevistados. Passar por um constrangimento público é visto como desonroso para ambos os gêneros, porém é necessário esclarecer que o conteúdo ofensivo a homens e mulheres é diferente. Para mulheres, a moral sexual encabeça a lista de situações ofensivas à honra. Uma das formas principais de propagação dessas ofensas são os boatos, comentários e fofocas. Talvez por isso, ser alvo de fofoca seja algo ofensivo à honra feminina, pois torna de domínio público algo que é pertencente à esfera privada e geralmente ligado à conjugalidade e à sexualidade, assuntos em que, quando relacionados ao feminino, se espera recato e discrição. Trindade (2005) afirma a relevância das trocas verbais informais ocorridas no dia-a-dia para elaboração de signos que conferem significados aos modos de existir dentro de dado contexto sócio-cultural. De acordo com a autora:

Nessa esfera microssocial, dos encontros e desencontros, das mesas de bar, das conversas no ônibus, do ti-ti-ti entre os intervalos entre as aulas, das inúmeras filas enfrentadas, permanece a oralidade como instrumento de comunicação e socialização do conhecimento e como condição essencial para as trocas significativas que fortalecem as relações sociais e alicerçam a produção e a manutenção das representações sociais. (Trindade, 2005, p.73)

Ainda segundo a pesquisadora, as trocas verbais informais, como a fofoca, são importantes meios difusores de conceitos e preconceitos. Os entrevistados mencionam que a fofoca é uma prática feminina dirigida especialmente às mulheres, configurando-se como ofensa à honra somente quando voltada a esse gênero. Alguns (Fonseca, 2007, Simmons, 2004) apontam que a fofoca funciona, em sociedades com relações assimétricas de gênero, como estratégia feminina de agressão velada, ofensa e controle. Além de ser uma forma “permitida” de agressão, funciona como fator regulador da norma social, principalmente no que diz respeito às condutas sexuais, por funcionar como uma espécie de punição do desvio da norma.

Simmons (2004), em estudo realizado nos Estados Unidos sobre o *bullying* dirigido às adolescentes do sexo feminino, afirma que garotas muito assertivas socialmente, que eram muito populares e demonstravam interesse em garotos acabavam sofrendo vitimização por parte de outras adolescentes como forma de punir esse destaque, que de certa forma vai contra o modelo de recato feminino. Uma das punições para as garotas, que nas palavras das adolescentes entrevistadas por Simmons *se achavam o máximo*, ou seja, que iam contra o ideal de modéstia socialmente adequado ao gênero feminino era realizar comentários maldosos e boatos constantes sobre a vítima.

RS de honra feminina e ética do cuidado

Além de ancoradas em uma dupla moral sexual, as RS de homem e mulheres honradas também se ancoram em uma divisão sexual do trabalho, que associa o espaço doméstico como domínio feminino e o espaço externo como inerente ao masculino como encontrado por Bastos, Gomes & Rigo (2007) e por Sarti. É possível inferir que para os entrevistadas os dois aspectos tradicionais mais relevantes das RS de honra juntamente com o trabalho doméstico e a moral sexual é a naturalização do cuidado, principalmente familiar, como

atribuição feminina. Essa ética do cuidado de acordo com Gilligan (1997) leva as mulheres a se nortear por uma conduta moral distinta da masculina, ao priorizar o outro em suas ações, indo além do princípio da justiça, que geralmente orienta as condutas morais masculinas. Outro estudo realizado por Gilligan & Atanucci (1988) citado por Montenegro (2003) confirmou a associação entre orientação moral e gênero, visto que apesar de ambos utilizarem essas duas temáticas na resolução dos dilemas morais apresentados, homens priorizam justificativas relativas à justiça e mulheres utilizavam mais justificativas relativas ao cuidado.

No conjunto dos entrevistados, o número total elementos sócio-centrados sobre família foi mais expressivo para descrever o que é uma mulher honrada. Para descrever o que é um homem honrado o número de elementos relativo a condutas dentro da sociedade foi maior, o que de certa forma confirma a pesquisa mencionada anteriormente.

É importante afirmar que foram encontradas diferenças de gênero nas orientações morais relativas às condutas sociais, porém é necessário reafirmar que mostrar a existência de éticas diferenciadas para homens e mulheres não significa considerá-las naturais ou intrínsecas aos indivíduos. Concorde-se com Sabo (2000, p. 02) quando afirma que identidade de gênero é um processo construído ativamente, remodelado e mantido por aqueles que se encontram imersos nas redes de relação de poder criadas social e historicamente. As condutas sociais de homens e mulheres não são resultados apenas de uma programação genética e sim dos significados historicamente atribuídos às diferenças biológicas, comportamentais e culturais existentes entre os gêneros.

Considerações Finais

Acredita-se que a pesquisa cumpriu com os objetivos iniciais propostos ao contribuir para a compreensão, pelo menos de forma parcial, as representações sociais de honra de adolescentes inseridos em contexto de aprendizagem. Ao dar início ao processo de elaboração do projeto de pesquisa um dos principais temores das pesquisadoras era que a palavra honra não fizesse parte do vocábulo dos entrevistados e que por isso mesmo talvez não fizesse sentido nenhum falar sobre essa temática esse público. Os resultados deram mais segurança para que se prosseguisse com esse tema e, ao longo de todo o processo de elaboração dessa dissertação, foi-se percebendo que honra não é um conceito abstrato, distante ou não tangente para essas(es) adolescentes e que existem sim RS de honra para os meninos e meninas entrevistadas e configuradas no cotidiano.

E por serem construídas no cotidiano elas se relacionam a outras representações sociais: gênero, família, papéis parentais, trabalho e sucesso, formando uma rede de conteúdos representacionais. Alguns se pode dizer que indicam mudanças sociais que as pesquisadoras consideram positivas em direção a uma simetria maior das relações de gênero, como as RS de honra feminina ligadas ao reconhecimento positivo da entrada das mulheres de classes populares no mercado de trabalho e a legitimação da busca pelo sucesso e realização pessoal das mesmas a partir do trabalho externo. Outros se pode considerar tradicionais, até mesmo arcaicos e servem de alerta para a necessidade de intervenção psicossocial e elaboração de políticas públicas voltadas para a juventude com vistas à mudança de significados e práticas de gênero nesse grupo. Pois ainda são ancoradas na perspectiva da divisão sexual do trabalho e de uma dupla moral sexual que legitimam socialmente a existência de lugares desiguais, ideológicos e cristalizados para homens e mulheres.

Fala-se de compreensão parcial das RS de honra visto que esse foi um estudo qualitativo, com um conjunto de entrevistados pequeno e que conseguiu responder a algumas

perguntas, mas que também indicou a necessidade de se investigar melhor várias questões sobre aspectos relacionados às RS sobre esse tema e ao grupo que os entrevistados relativos à família, gênero e trabalho. Abaixo indicamos algumas das considerações a que se chegou ao final de estudo (e por isso chamou-se essa seção de considerações finais, mas não se acredita que sejam finais decisivas e muito menos definitivas) e também algumas questões que as pesquisadoras acreditam ser relevantes de serem estudadas. No balanço final têm-se algumas respostas e muitas outras novas perguntas.

Apesar da religião não ter sido o foco desse estudo, os resultados parecem indicar uma possível relação entre a ética religiosa das participantes e os resultados sobre as RS de mulher honrada embasadas em concepções mais tradicionais de gênero, principalmente entre as adolescentes do sexo feminino, onde existe uma grande presença de jovens que declaram ser evangélicas. Como os resultados não foram conclusivos, fazem-se necessários estudos que trabalhem diretamente com essa temática.

As RS da mulher honrada como aquela que trabalha têm duas ancoragens. Na primeira o trabalho externo feito por mulheres de classe popular, motivado pela necessidade de sobrevivência, mas também pela realização e satisfação pessoal, com o objetivo de alcançar o sucesso profissional. A segunda ancorada na naturalização da esfera doméstica como espaço feminino onde se deve dedicar aos cuidados com a casa e com a família. As adolescentes trabalham, têm uma postura positiva em relação ao trabalho feminino, porém têm uma percepção muito assimétrica no que diz respeito à sexualidade. São expectativas positivas referentes à equidade, que as motivam até a procurarem o programa, porém essas expectativas são destituídas de práticas positivas relativas à equidade de gênero. Outras pesquisas que objetivassem compreender melhor e de forma mais específica as Representações Sociais do feminino e da mulher honrada e como essa mescla de discurso emancipatório com discurso tradicional se configura, principalmente nesse grupo de adolescentes de classe populares,

poderia esclarecer melhor essa questão e subsidiar intervenções específicas sobre práticas de gênero para essa população.

Resguardando-se as diferenças sócio-culturais entre a amostra de Simmons (2004) e as entrevistadas desse estudo, de certa forma têm-se correspondência entre as forma que ambos os conjuntos de participantes se comportam nas relações intergênero. Existe nas duas situações uma exigência social de gênero assimétrica que oprime ambos os grupos e que parece ser passada adiante por aquelas que a sofreram. Diante dessa questão fazem-se as seguintes indagações: As aprendizes cobram mais de si mesmas, exigem mais de outras mulheres do que dos homens e abordam mais a questão da necessidade do rigor sexual de forma tão assimétrica porque são mais cobradas socialmente que se comportem assim do que os meninos? O que pode ser feito para investigar melhor essa situação e tentar minimiza-la?

É interessante apontar que na avaliação da existência de homens e mulheres honradas há a percepção, por parte dos entrevistados, que o outro do sexo oposto é mais honrado, ou seja, homens consideraram que existem mais mulheres honradas e mulheres consideraram que existem mais homens honrados. O presente estudo não foi conclusivo sobre as causas dessa avaliação e talvez seja necessária a existência de mais pesquisas que pensem as relações intragênero a partir dessa perspectiva.

Quanto à importância da honra para homens e mulheres, é importante lembrar que apesar dos entrevistados conferirem grande responsabilidade a pai e mãe pela educação dos filhos e os terem como os exemplos principais de pessoas honradas grande parte deles convivem ou conviveram diariamente com outros familiares que possivelmente deram grande contribuição sua socialização. Ao afirmarem que se pais e mãe não honrados não dão bons exemplos e conseqüentemente os filhos não seguirão um “bom caminho” elas/eles se contradizem e ancoram a importância da honra em um modelo de família nuclear que não corresponde necessariamente àquele vivenciados por eles? Há a valorização ideológica do

modelo burguês de família em detrimento de outros que de certa forma são mais próximos da realidade desses? Estudos sobre os significados atribuídos a família e a socialização por adolescentes de classes populares que contemplassem também a socialização vivenciadas por elas/eles ajudariam a esclarecer melhor essa questão.

Muitas das características que alegam ter adquirido ao se inserirem na aprendizagem profissional são elementos das RS de homens e mulheres honradas. Os resultados indicam uma percepção bastante positiva dos entrevistados sobre o Programa de Aprendizagem. Como os dados foram coletados com adolescentes que ainda se encontravam frequentando o programa, muitos no início da aprendizagem faz-se necessário uma investigação focada no retorno profissional e pessoal (tanto subjetivo, quanto real) que o programa possibilitou aos adolescentes já egressos.

De certa forma o programa pode ser visto como um tipo de controle social por favorecer o aparecimento de características e habilidades que além de preparar para vida adulta e mercado de trabalho contribui para o desenvolvimento de mecanismo que afastam os mesmo de riscos sociais por torná-los mais ajustados aos padrões requeridos pela sociedade. Ao compreender resiliência como um processo construído dentro de um conjunto de circunstâncias sociais e econômicas que facilitam a assertividade social é inegável a contribuição que esse programa tem no processo de desenvolvimento desses jovens. Porém é necessário afirmar que no que diz respeito às relações de gênero, os adolescentes inseridos no programa ainda são muito pouco críticos e apresentam um discurso tradicionalista e ideológico sobre uma dupla moral sexual, o que pode levá-los a reproduzir práticas assimétricas e repressivas, principalmente no que diz respeito às relações de gênero.

O programa de aprendizagem é importante agente no processo de socialização desses adolescentes e já que um dos pilares éticos desse é o protagonismo juvenil, esse programa pode contribuir para ocorrência de importantes modificações nas relações sociais desses

adolescentes. Entende-se que as RS têm grande importância no estatuto das práticas sociais e que um dos elementos de sua constituição são as comunicações cotidianas. Se o programa de aprendizagem der abertura e criar espaços constantes de discussão, troca e reflexão sobre relações de gênero para esses jovens, com o tempo pode contribuir a modificação dessas RS que constituem as relações de gênero dos adolescentes, que acaba resultando em violência, exclusão social e desigualdade.

REFERÊNCIAS

- Abramo, H. (1997) Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5 e 6. pp 25-36.
- Abric, J.C. (1998) A abordagem estrutural das representações sociais. In: A.S.P. Moreira & D.C. de Oliveira (orgs). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB. pp. 27-38
- _____ (2001). Les représentations sociales: aspects théoriques. Em J.C. Abric (Org.). *Pratique sociales et représentations*. Paris: PUF, 3ª ed. pp.11-36.
- _____ (2001). *Pratique sociales et représentations*. Paris: PUF, 3ª ed.
- Ades, L (1999). *Em nome da honra: Reações a uma situação de humilhação*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP.
- Almeida, A M O; Pacheco, J G & Garcia, L F T A (2006). Representações Sociais da adolescência e práticas educativas dos adultos. In Almeida, A M O *et al* (orgs). *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano: estudos em representações sociais*. Brasília: Editora UNB. pp 135-150
- Alves-Mazzotti, A. J. A.(1998) Trabalho infanto-juvenil: representações de meninos trabalhadores, seus pais, professores e empregadores. In: A.S.P. Moreira & D.C. de Oliveira (orgs). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB. pp 285-302.
- Araújo, C. & Scalon, C. (2005). Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In Araújo, C. & Scalon, C (orgs). *Gênero, trabalho e família no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV. pp 15-77.
- Arruda, A. (2002) Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cad. Pesqui.* Nov, no. 117. pp.127-147.

- Asmus, C.I.R.F; [Raymundo, C. M](#); [Barker, S. L](#); [Pepe, C.C.C.A](#); [Ruzany, M. A.](#) (2005) Atenção integral à saúde de adolescentes em situação de trabalho: lições aprendidas. *Ciênc. saúde coletiva*, Vol. 10, no. 4. pp. 953-960.
- Barbosa, P. V (2008). *Intercâmbio Cultural e Processos Identitários: discutindo a identidade social em grupos de adolescentes intercambistas*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.
- Bastos, A C S; Gomes, M C & Rego, N. (2007) Conversando com famílias: crise, enfrentamento e novidade. In Moreira, L & Carvalho, A. M. A. *Família, Subjetividade e vínculos*. São Paulo: Paulinas. p 158-193
- Batthyany, K. (2004). *Cuidado infantil y trabajo: ¿un desafío exclusivamente femenino?; una mirada desde el género y la ciudadanía social*. Montevideo: CINTERFOR. Disponível em <http://www.ilo.org/public/spanish/region/ampro/cinterfor/publ/bathhya/> Acessado em 27/01/2009.
- Bertollo, M; Rolke, R. K; Trindade, Z. A; Menandro, M. C. S; Drago, A. A; Vargas, E. A. M; Freitas, J. B; Fonseca, K. A & Mendes, F. M. (2007). Pesquisas sobre juventude produzidas dentro do campo de estudos das Representações Sociais. *Em anais on-line da V Jornada Internacional das Representações Sociais e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.vjirs.com.br/>. Acessado em 08/03/2009
- Biassoli-Alves, Z. M M & Silva, M H G F D (1992). Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação, Ribeirão Preto*, n. 2. pp. 61-69
- Birman, P (1996). Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, vol. 6/7. pp 201-226.

- Bock, A M B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Caderno Cedes Campinas*, vol. 24, n.62. pp. 26-43.
- Bruschini, C; Ricoldi, A M & Mercado, C M. (2008). Trabalho e gênero no Brasil até 2005: uma comparação regional. In Costa, A O; Sorj, B; Bruschini, C & Hirata, H. (orgs). *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Carbone, R A & Menin, M S S (2004). Injustiça na escola: representações sociais de alunos do ensino fundamental e médio. *Educação e Pesquisa*, v.30, n.2, p. 251-270.
- Carreiro, T C (2003). Sofrimentos Sociais em Debate. *Psicol. USP*, vol.14, no. 3, p.57-72.
- Caulfield, S. (2000). *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Ed. Unicamp
- Codo, W. (1996). Um diagnóstico do trabalho (Em busca do prazer). In A Tamayo, J. E Borges-Andrade, W. Codo (Orgs.), *Trabalho, organizações e cultura* Vol 11. Riberão Preto: Coletâneas da ANPEPP. p 36-55
- Connell, R.W. (1987) *Gender and power*. Stanford: Stanford University Press.
- _____ (2005) *Masculinities. 2nd ed*. Berkeley: University of California Press.
- Couto, M T (2002) Na trilha do gênero: pentecostalismo e CEBs. *Rev. Estud. Fem*, v. 10, no. 2. pp 357-369.
- Cuvello, S T V (2002). *Representação social de adolescentes sobre o viciado em drogas*. Dissertação de mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, ES.
- Doise, W (2002). Da psicologia social à psicologia societal. *Psic.: Teor. e Pesq.*, vol.18, no. 1, p.027-035.
- Donzelot, J. (1986) *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Graal

- Duke, L. (2002). Get real: Cultural relevance and resistance to the mediated feminine ideal. *Psychology and Marketing*, vol. 19, no. 2 211-235.
- Esteves, L C G & Abramovay, M (2007). Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In Abramovay, M; Andrade, E R; Esteves, LCG. *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO. pp 19-54. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf> . Acessado em 08/03/2009
- Falcke, D & Wagner, A. (2000) Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. *Estud. psicol. (Natal)*, vol.5, no. 2, p.421-441.
- Flicke, U. (2004) *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. - Porto Alegre, RS: Bookman.
- Fonseca, C. (2004A) *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- _____ (2004B). Ser mulher, mãe e pobre. In Del Priore, M. (org). *História das mulheres no Brasil*. 7ªed são Paulo: Contexto. pp 510-553
- Franco, M L P B (2003). *Análise de Conteúdo*. Brasília: Plano Editora.
- Frigotto, G. (2005). Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In Novaes, R e Vannuchi, P (orgs): *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. pp. 180-216.
- Garcia, N M & Yunes, M A M (2006). Resiliência familiar: baixa renda e monoparentalidade. In Dell´Aglío, D; Koller, S H & Yunes, A M. *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p 117-140.
- Gilligan. C. (1997). *Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher*. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian.

- Gomes, G R & Caramaschi, S. (2007) Valorização de beleza e inteligência por adolescentes de diferentes classes sociais. *Psicol. estud.*, v. 12, no 2 p. 295-303
- Gonçalves, H S (2005) Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. *Tempo Social* vol.17, n. 2. pp 207-219
- Harris, J R (1999) *Diga-me com quem anda...* Tradução de Barreto, A O B. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva.
- Ijzerman, H & Dijk, W. W. (2007). A Bumpy Train Ride: A Field Experiment on Insult, Honor, and Emotional Reactions and Emotional Reactions. *Emotion*, vol. 7, nº 4, pp. 869-875.
- Insa, L I L; Pastor M A M & Ochoa, G M (2001). La autoestima y las prioridades personales de valor. Un análisis de sus interrelaciones en la adolescencia. *Anales de psicología*, vol. 17, nº. 2 (diciembre), 189-200.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE: Censo 2000.
- Jacques, M. G. C. (1997) Identidade e Trabalho: uma articulação indispensável. In: Tamayo, A.; Borges-Andrade, J & Codo, W.. (Org.). *Trabalho, Organização e Cultura*. São Paulo: Cooperativa dos Autores Associados. pp. 41-49.
- Jodelet, D. (2005). *Loucura e representações sociais*. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Kehl, M R (2004) A juventude como sintoma de cultura. Em Novaes, R e Vannuchi, P (orgs): *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. pp 89-114.
- Kohlberg, L (1981). *Essays on moral development*. S. Francisco: Harper & Row.
- La Taille, Y (2000) Para um estudo psicológico das virtudes morais. *Educ. Pesqui.* vol.26, no. 2. pp.109-121.
- _____ (2002). *Vergonha a ferida moral*. Petrópolis: RJ

- Levy, M. F; Muxel, A. & Percheron, A. (1991). Quadros de honra. In Gautheron, M. *A Honra: dom de si ou ideal equívoco*. Tradução de Cláudia Cavalcanti. Porto Alegre: LP&M Editores. pp 85-99.
- Machado, M D & Mariz, C. (1997). Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 34. pp. 71-87.
- Madeira, F R. (1993) Pobreza, escola e trabalho: convicções virtuosas, conexões viciosas. *São Paulo em Perspectiva*, vol. 7, no 1. pp. 70-83.
- Martins, I. S.; Fischer F. M; Oliveira, D. C; Teixeira, L. R; Costa, L. A. R; Marinho, S. P; Perestrelo, J. P.P; Latorre, M. R. D. O; & Costa, L. A. R. (2002) Crescimento e trabalho de estudantes de ensino fundamental e médio em São Paulo, Brasil. *Rev. Saúde Pública* , vol. 36, no. 1, p. 19-25.
- Mattos, E & Chaves, A. M. (2006). As Representações Sociais do trabalho entre adolescentes aprendizes: um estudo piloto. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, Vol. 16, nº 03. pp. 66-75
- Menin, M S S (2000) Representações sociais de justiça em adolescentes infratores: discutindo novas possibilidades de pesquisa. *Psicol. Reflex. Crit.*, vol.13, no.1. pp.59-71.
- _____ (2005) *Representações sociais de lei, crime e injustiça em adolescentes*. Campinas, SP: Mercado das Letras, São Paulo: FAPESP.
- Minayo-Gomez, C.& Meirelles, Z. V. (1997) Crianças e adolescentes trabalhadores: um compromisso para a saúde coletiva. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 13, Supl. 2. pp. 135 -140.
- Montenegro, T (2003). Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres. *Rev. Estud. Fem*, vol. 11, no. 2 pp. 493-508.
- Moraes, R; Camino, C; Costa, J B, Camino, L & Cruz, L (2007) Socialização parental e

- valores: um estudo com adolescentes. *Psicol. Reflex. Crit.*, vol. 20, no. 1. pp. 167-177.
- Moscovici, S (1981). On Social Representations. In Forgas, J P (ed). *Social Cognition: perspectives on every day understanding*. London, Academic Press. pp181-209.
- _____ (1984). The phenomenon of Social Representations. Em R. Farr & S. Moscovici (Orgs.), *Social representations*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 18-54
- Mosse, G. L. (1996) *The Image of man: The Creation of Modern Masculinity*. New York: Oxford University Press.
- Mota-Ribeiro, S. (2000). Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo. *Comunicação apresentada ao IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra*. pp 01-26. Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5357/1/MotaRibeiroS_EvaMaria_00.pdf. Acessado em 25/02/2009.
- Neves, M. (2006). Trabalho e gênero: permanências e desafios. *Sociedade e cultura*, vol. 9, no2. pp. 257-265.
- Oliveira, C A A & Costa, A E B (1997) Categorias de conflitos no cotidiano de adolescentes mineiros. *Psicol. Reflex. Crit.*, vol.10, no.1. pp.87-104.
- Oliveira, D C; Fischer F M; Teixeira, M C T V & Amaral, M A (2003). A escola e o trabalho entre adolescentes do ensino médio da cidade de São Paulo: uma análise de representações sociais. *Psicologia: Teoria e Prática*, vol 5, no 1. pp 27-39.
- Oliveira, D. C; Sá, C. P; Fischer, F. M; Martins, I. S & Teixeira, L. R. (2001). Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. *Estud. psicol. (Natal)*, vol. 6, no. 2. pp. 245-258.
- Oliveira, F. & Werba, G. C. (1998). Representações Sociais. Em: Strey, M. (org). *Psicologia social contemporânea*. Rio de Janeiro: Vozes. pp 104-117

Oliveira, Z. L. C (2005). A provisão familiar: redefinição ou manutenção de papéis? In In Araújo, C. & Scalón, C (orgs). *Gênero, trabalho e família no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV pp 123-147.

Paredes, E & Pecora, A R (2004) Questionando o futuro: as representações sociais de jovens estudantes. *Psicol. teor. prat.*, vol.6, no.spe. pp.49-65.

Peralva, A. (1997). O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação – ANPED* 5 e 6. pp15-24.

Pereira, C. & Camino, L. (2003) Representações sociais, envolvimento nos direitos humanos e ideologia política em estudantes universitários de João Pessoa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Vol 16, no 3. pp 447-460.

Piaget, J. (1994). *O juízo Moral na criança*. Tradução de Elzon Lenardon. São Paulo: Summus.

Pitt-Rivers, J. (1965). Honra e posição social. In J. G. Peristiany (Org.), *Honra e vergonha* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 11-60

_____ (1991). A doença da honra. In Gautheron, M. A Honra: dom de si ou ideal equívoco. Tradução de Cláudia Cavalcanti. Porto Alegre: LP&M Editores. pp 17-32.

_____ (2003). Honra. In Canto-Sperber, M (org). *Dicionário de Ética e Moral*. Trad. de Ana Maria Ribeiro-Althoff, Magda França Lopes, Maria Vitória Kessler de Sá Brito e Paulo Neves. São Leopoldo: Editora Unisinos. pp 748-752

Perfil da Juventude Brasileira (2004). *Projeto Juventude: pesquisa de opinião pública*. São Paulo: Instituto da Cidadania / Criterium Assessoria em Pesquisas / Instituto de Hospitalidade / SEBRAE. Disponível em:

http://www.projetojuventude.org.br/novo/assets/perfil_juventude_brasileira.ppt. Acessado em

08/03/2009

Rodrigues, M. M. P & Trindade, Z. A (1999). Em nome do pai e do filho: relações afetivas e instrumentais. In: Menandro, P R M; Trindade, Z A & Borloti, E B. (Orgs.). *Pesquisa em Psicologia: recriando métodos*. Vitória: CAPES. pp. 125-139.

Sá, C. P. (1996). *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Sabo D. (2000) *Comprender la salud de los hombres: un enfoque relacional y sensible al género*. Washington DC: Organización Panamericana de la Salud/ Harvard Center of Population and Development Studies. Disponível em: <http://www.paho.org/Spanish/DBI/po04.htm>. Acessado em 08/03/2009.

Salles, L M F (2005) Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estud. psicol. (Campinas)*, mar. 2005, vol.22, no.1. pp.33-41.

Santos, M F S & Aléssio, R L S (2006). De quem é a culpa? Representações sociais de pais da zona urbana e zona rural sobre adolescência e violência. Em Almeida, A M O *et al* (orgs). *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano: estudos em representações sociais*. Brasília: Editora UNB. p.111-134

Sarti, C. A (2007) A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. 4ª ed. São Paulo: Cortez.

Shimizu, A M (1998) *As representações sociais de moral de professores das quatro primeiras séries do ensino de 1º grau*. Dissertação de mestrado. Marília: UNESP.

_____ (2002) *Representações Sociais e Julgamentos Morais de Jovens: um Estudo Intercultural Comparando Duas Abordagens Teórico- Metodológicas*. Tese de Doutorado. Marília: UNESP

Simmons, R. (2004). *Garota Fora do jogo: a cultura de agressão oculta entre meninas*. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco.

- Soares, L E (2004) Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In Novaes, R e Vannuchi, P (orgs): *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. pp. 130-159
- Sohiet, R. (1986). É proibido não ser mãe: opressão e moralidade da mulher pobre. In Vainfas, R (org). *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal. p 191-212
- Sorj, B. (2004). Trabalho remunerado e não-remunerado. In Venturi, G; Recamán, M & Oliveira, S. (orgs). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. p. 107-119.
- _____ (2005). Percepções sobre esferas separadas de gênero. In Araújo, C. & Scalon, C (orgs). *Gênero, trabalho e família no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV. pp 79-88
- Souza, L. (1995). "*Olho por olho, dente por dente*": representação de justiça e identidade social. Tese de Doutorado, Não Publicada. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Sposito, M (2001). A produção do conhecimento sobre juventude na área da educação. *International Studies on Law and Education*, vol. 4, p. 37-55. Disponível em <http://www.hottopos.com/harvard4/marilia.htm>. Acessado em 24/02/2009.
- Trindade, Z. A (1998). Concepções de maternidade e paternidade: o convívio atual com fantasmas do século XVIII. In: Souza, L; Freitas, M F Q & Rodrigues, M M P (Org.). *Psicologia: Reflexões (Im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo pp. 129-155.
- _____ (2005). Comunicação e socialização do conhecimento: o boato e a fofoca como objeto de pesquisa da Teoria das Representações Sociais. In: Oliveira, D C & Campos, P H. (Orgs.). *Representações Sociais: uma teoria sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora do Museu da República. pp. 85-98
- Trindade, Z. A.; Andrade, C. A & Souza, J. Q. (1997) *Papéis parentais e representações da paternidade: a perspectiva do pai*. *Psico*, Porto Alegre/RS, vol. 28, n. 1, p. 207-223, 1997

Trindade, Z. A.; Menandro, M. C. S.; Silva, R.D.M & Tesche, B.B. (2007) Representações sociais de masculinidade e risco na adolescência e suas articulações com contextos de violência. In: Zanotelli, CL; Raizer, E. C & Valadão, V A. (Orgs.). *Violência e Contemporaneidade: dimensões das pesquisas e impactos sociais*. Vitória: Grafita. pp. 177-188.

Trindade Z A, Nascimento A R F & Gianórdoli-Nascimento, I F (2006). Resistência e mudança: representações sociais de homens e mulheres ideais. In Almeida, A M O *et al* (orgs). Violência, exclusão social e desenvolvimento humano: estudos em representações sociais. Brasília: Editora UNB. pp 187-213

UNICEF Brasil. (2005) *Relatório da Situação da Infância e Adolescência Brasileiras*. Brasília: UNICEF Brasil. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_9478.htm. Acessado em 08/03/2009.

Val, M B & Tambellini, A T. (2006). A violência do trabalho infantil: aspectos sanitários, políticos, jurídico-legais e sociais - uma revisão da literatura. *Cad. saúde colet., (Rio J.);*14(1) p. 113-140.

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In Silva, A. S & Pinto, J. M. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento. pp 102-127

_____ (2004). Representações Sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: Vala, J & Monteiro, M. B. (coords.). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp 457-541

Vandello, J. A & Cohen, D. (2003). Male Honor and Female Fidelity: Implicit Cultural Scripts That Perpetuate Domestic Violence. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 84, nº 5, pp 997-1010.

Vicente, D D & Souza, L. (2006) Razão e sensibilidade: ambigüidades e transformações no modelo hegemônico de masculinidade. *Arq. bras. psicol.*, jun. 2006, vol.58, no.1 pp.21- 34.

Werbner, P. (2005). Honor, shame and the politics of sexual embodiment among South Asian Muslims in Britain and beyond: An analysis of debates in the public sphere. *HAGAR International Social Science Review* Vol.6, n°1, 2005, pp.25-47

ANEXOS

ANEXO I

Instrumento de entrevista

A) Dados sociodemográficos

Sexo: Idade: Religião:

Pessoas com quem mora:

Renda familiar:

Estado civil: Quantidade e idade dos filhos (se tiver):

Empresa/Instituição onde realiza o estágio de aprendizagem:

Função exercida:

Série escolar:

Tipo de estabelecimento em que estuda: () Público; () Privado.

Há quanto tempo participa do Programa Adolescente Aprendiz?

1) Motivo que a (o) levou a participar do Programa Adolescente Aprendiz:

2) Houve mudanças em sua vida depois que você começou a participar do Programa Adolescente Aprendiz? Se sim, o que mudou? Se não, porque não?

B) Bloco temático honra:

1. Para você, o que é uma mulher honrada?
2. Para você, o que é um homem honrado?
3. Você acha que atualmente existam muitas mulheres honradas? Por quê?
4. E homens? Existem muitos homens honrados? Por quê?
5. Você conhece alguma pessoa honrada? Quem? Outras pessoas também a consideram honrada?
6. O que essa pessoa fez para você considerá-la honrada?

7. O que você imagina que aconteceu para essa pessoa se tornar honrada? Como essa pessoa se tornou honrada?
8. É importante uma mulher ser honrada? Por quê?
9. É importante um homem ser honrado? Por quê?
10. Você se considera honrada? Por quê? Como você aprendeu a ser honrada? Alguém te ensinou?
- 11.** Em que situações uma mulher perde a honra ou é desonrada? Nessas situações como ela deve agir para recuperar a sua honra?
12. Em que situações um homem perde a honra ou é desonrado? Nessas situações como ele deve agir para recuperar a sua honra?
13. Me dê exemplos de situações em que uma mulher sente que teve sua honra ofendida.
14. Me dê exemplos de situações em que um homem sente que teve sua honra ofendida

ANEXO II:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação:

Título do Projeto: **Representações Sociais de honra para adolescentes em contexto de aprendizagem profissional**

Pesquisador Responsável: Renata Danielle Moreira Silva

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Programa de Pós Graduação em Psicologia – UFES

Telefones para contato: (27)3335-2501 (Secretaria Pós Graduação) (27) 81496186

Nome do Participante: _____

Idade: _____ anos R.G. _____

Responsável legal: _____

R.G. Responsável legal: _____

Eu, _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado na pesquisa de campo referente ao projeto acima identificado.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender o significado de honra e valores morais para adolescentes participantes de programas de aprendizagem.

Fui também esclarecido de que a pesquisa a ser desenvolvida segue os padrões éticos da Resolução 016/2000/CFP, que dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos e não apresenta riscos para os participantes. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e seus orientadores. Fui informado de que os resultados da pesquisa serão divulgados em congressos e periódicos especializados, contribuindo para a ampliação do conhecimento a respeito do tema jovens e valores morais.

A pesquisadora me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Fui ainda informado de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou risco de sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Vitória, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do responsável pelo participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

**ANEXO III:
TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

Concordo com a participação dos adolescentes desse programa de aprendizagem e com a realização das entrevistas nas dependências físicas dessa instituição no projeto de pesquisa abaixo discriminado, nos seguintes termos:

1) Identificação do Projeto

Título do Projeto: Representações Sociais de honra para jovens em contexto de aprendizagem profissional
Pesquisador Responsável: Renata Danielle Moreira Silva
Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Programa de Pós Graduação em Psicologia – UFES
Telefones para contato: (27)3335-2501 (Secretaria Pós Graduação) (27) 81496186

2) Descrição dos procedimentos metodológicos da pesquisa:

Entrevistados: Vinte adolescentes, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com idades entre 14 e 18 anos, inscritos nesse programa de aprendizagem.
Instrumento de pesquisa: Entrevista estruturada contendo questões sócio-demográficas; elaboração pelo participante de um desenho, questões abertas sobre honra e respeito.
As entrevistas serão gravadas em áudio e terão a duração de 40 a 60 minutos, em média.

3) Identificação da instituição:

Instituição: _____
Endereço: _____

4) Identificação do funcionário responsável pela autorização:

Nome: _____
Função/Cargo: _____
Prova documental de responsabilidade: _____
RG: _____

Estando assim de acordo, assinam o presente termo de compromisso em duas vias.

Vitória, _____ de _____ de 2008.

Representante do programa de aprendizagem

Pesquisador Responsável pela pesquisa